



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

**A CONTRIBUIÇÃO DA CAPOEIRA NA FORMAÇÃO
DA IDENTIDADE NEGRA: UM ESTUDO NO GRUPO
UNIDOS NAS TARTARUGAS**

LAÍSE NAYARA VIEIRA DOS SANTOS

São Cristóvão-SE
2015

LAÍSE NAYARA VIEIRA DOS SANTOS

**A CONTRIBUIÇÃO DA CAPOEIRA NA FORMAÇÃO DA
IDENTIDADE NEGRA: UM ESTUDO NO GRUPO UNIDOS
NAS TARTARUGAS**

Monografia de conclusão de curso apresentada, ao Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Marizete Lucini

**São Cristóvão-SE
2015**

LAÍSE NAYARA VIEIRA DOS SANTOS

**A CONTRIBUIÇÃO DA CAPOEIRA NA FORMAÇÃO DA
IDENTIDADE NEGRA: UM ESTUDO NO GRUPO UNIDOS NAS
TARTARUGAS**

Aprovada em: _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Marizete Lucini

Universidade Federal de Sergipe – Departamento de Educação
Orientadora

Prof^ª. Dra. Bartira Telles Pereira Santos

Universidade Federal de Sergipe – Departamento de Educação
Primeira Avaliadora

Prof^ª. Dra. Lianna de Melo Torres

Universidade Federal de Sergipe – Departamento de Educação
Segunda Avaliadora

AGRADECIMENTOS

Quero expressar minha gratidão, aos integrantes do grupo Unidos nas Tartarugas, sem os quais essa pesquisa não se teria realizado. Aos camaradas Mukambolas pelo companheirismo e por proporcionar vivências na Capoeira Angola. E em especial, agradeço aos sábios mestres Bimba e Pastinha que aqui deixaram suas contribuições para a história da capoeira.

Aos doutores da educação, pela transmissão do conhecimento acadêmico, em especial, agradeço à minha orientadora, Marizete Lucini, pela dedicação no acompanhamento e inspiração para escolha do tema. Em particular sou-lhe grata pelo carisma, humildade, pela capacidade de me olhar devagar, pelo carinho, apoio e confiança que transmite.

Aos que amo, por compreenderem minhas ausências, caras feias, cansaços, lágrimas, que vibraram comigo diante de cada obstáculo superado. Entre eles, à minha família: meus avós Sr. Silvino Geraldo Vieira e Sra. Bernadete Batista dos Santos pela generosidade de ter me dado um lar e criação, a minha mãe, Valmélia Vieira, pela mulher guerreira que mesmo ausente em momentos significativos sustenta com apoio moral desejos e sonhos de uma filha, ao meu irmão e as minhas sobrinhas o meu muito obrigado por existirem.

Ao meu amado companheiro e professor de capoeira, Ederson, devo um imenso agradecimento pelo apoio, tolerância, carinho, por fazer parte dessa história e da minha vida.

Aos amigos Roberto Garcia, Kliszilla Avila, por me enxergar melhor do que eu sou, por me ensinar, diante das suas atitudes, a ser mais flexível e tolerante com as pessoas, a apreciar meus cachos. E ao meu amigo de infância, Emerson Daltro, pelo apoio, por me orientar a manter o equilíbrio em meio às frustrações, apesar de ser destrambelhado.

Agradeço ao Projeto Tamar, pelo apoio ao grupo de capoeira, pela valorização dessa cultura, e pela disponibilização de informações precisas para realização da pesquisa.

Meus sinceros agradecimentos a todos aqueles que de várias formas deram sua ajuda para a realização deste trabalho.

Ninguém nasce odiando o outro pela cor de sua pele, ou por sua origem, ou religião. Para odiar as pessoas precisam aprender, se elas aprendem a odiar, podem ser ensinadas a amar (Da autobiografia “O longo caminho para a liberdade”, 1994).

Nelson Mandela

SUMÁRIO

SEÇÃO I - Introdução	9
SEÇÃO II - Algumas reflexões sobre a formação do povo brasileiro	14
2.1 Formação cultural e identitária do povo brasileiro.....	15
2.2 Identidade e diferenças.....	18
SEÇÃO III - A relação entre capoeira e identidade negra	23
3.1 A roda de capoeira.....	28
SEÇÃO IV - Breve histórico sobre o território de Pirambu	31
4.1 Práticas educativas desenvolvidas no grupo de capoeira Unidos nas Tartarugas	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	41
ANEXOS	44

RESUMO

A presente monografia tem como objetivo identificar a contribuição da capoeira na construção da identidade negra a partir das práticas de formação desenvolvidas pelo grupo Unidos nas Tartarugas, localizado no município de Pirambu-SE. A pesquisa foi desenvolvida em etapas sequenciais que correspondem a dois níveis: inicialmente os estudos foram conduzidos para análise do pressuposto teórico, sendo utilizados levantamentos bibliográficos, e o segundo correspondeu ao período de coleta de dados em campo. Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso. Consistiu em um processo de investigação mediante observações da rotina e gravações de rodas de conversa, realizadas com integrantes do referido grupo de capoeira. Após a análise dos dados coletados em campo, constata-se que como conclusão o estudo indicou práticas educativas voltadas para a conservação ambiental, em específico a relação do homem com a comunidade, por meio da valorização de princípios socioculturais manifestados pela capoeira, como também estímulos à construção da identidade negra através de relatos memoriais sobre a ancestralidade africana.

Palavras-chave: Capoeira. Cultura. Identidade negra. Território.

ABSTRACT

The present monograph aims to identify the contribution of the Capoeira in the construction of the black identity through the formation practices developed by the 'Unidos nas Tartarugas' Group, located in the city of Pirambu-SE. The research was developed in sequential steps that corresponding to two levels: initially the studies were conducted to analysis of theoretical assumption, being used bibliographical sources, and the second level corresponded to the data collection period in field. It is a qualitative research like a case study. It is a investigation process through routine observation and conversation circles recordings, done with members of the Capoeira group. After the collected data analysis in the field, we conclude that the study indicated educational practices into the environmental conservation, in specific the man's relationship with the community, through the enrich of the sociocultural principles manifested for the Capoeira, as also incentives to the construction of the black identity through memorials reports about african ancestry.

Key-words: Capoeira. Culture. Black identity. Territory.

SEÇÃO I

Introdução

A presente pesquisa objetiva identificar a contribuição da capoeira na formação da identidade negra a partir das práticas desenvolvidas no grupo de capoeira “Unidos nas Tartarugas¹”. O tema foi escolhido a partir de discussões que emergiram da leitura de textos trabalhados na disciplina Educação do Campo, componente curricular do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe, que estimularam reflexões sobre minha história de vida como mulher negra que vive num território costeiro em Pirambu – SE.

Nasci neste território caracterizado como comunidade costeira, que tem como principais fontes econômicas a agricultura, a pecuária, o artesanato e a atividade pesqueira de camarões e pescados diversos. Este território é constituído por uma comunidade de pescadores, tendo sido modificado através dos avanços que marcaram o processo da modernização. Na atualidade essa comunidade vivencia uma crise identitária, sobretudo, no que se refere aos laços afetivos, culturais e históricos, o que influencia na não preservação das manifestações culturais existentes, bem como na falta de empoderamento da própria cultura.

Como afirma Haesbaert (2006), a territorialidade é uma fonte de identificação cultural que está relacionada com a construção da identidade de determinado grupo social, pois, engloba nos seus espaços um conjunto de referências simbólicas que provém das relações sociais e do envolvimento com o espaço em que vivem.

Por ser uma área considerada de importância extrema para conservação, pelo Ministério do Meio Ambiente, foi criada uma unidade de proteção integral denominada Reserva Biológica de Santa Isabel, cujo objetivo principal é preservar frágeis ecossistemas costeiros compostos por vegetação de restinga, dunas móveis e fixas, lagoas temporárias e permanentes e ambientes estuarinos.

Além disso, a reserva biológica abriga o maior sítio reprodutivo de tartarugas marinhas da espécie *Lepidochelys olivácea* (Tartaruga Oliva) no Brasil e ainda são registradas desovas de outras espécies de tartarugas marinhas, todas ameaçadas de extinção. Sendo assim, o Projeto Tamar² tem presença constante na unidade e realiza diversas atividades de

¹ Grupo de capoeira desenvolvido no município de Pirambu-SE.

² Programa Brasileiro de Conservação das Tartarugas Marinhas.

pesquisa e monitoramento, educação e sensibilização ambiental através de atividades educativas e de valorização das manifestações culturais das comunidades de entorno.

O município congrega nas suas extensões um grupo de pessoas reconhecido, através de vestígios antropológicos e documentos históricos, como remanescente quilombola. O fato de pertencer a este território, sem, contudo, ter uma compreensão do significado sociocultural desse contexto, despertou-me para investigar a temática.

A linha da reflexão que sustenta essa proposta de pesquisa foi construída com base em leituras exploratórias sobre a educação quilombola e a cultura afro-brasileira, considerando os africanos como um dos principais povos que deram origem a população brasileira, além da oportunidade de expressão daquilo que há muito me recusei a encarar, minha identidade negra. Essa não identificação, possivelmente tenha se desenvolvido pelo que me fizeram acreditar, que eu não passava de uma pessoa preta e pobre, privando-me do direito de igualdade.

Por muito tempo acreditei não ser vítima do racismo, porém, a partir das reflexões suscitadas pelas leituras sobre a temática das relações étnico raciais, a todo instante tenho a sensação de assistir a um filme em que foram selecionadas cenas específicas da minha vida, de forma retrospectiva, contendo situações que remetem a indícios preconceituosos. Infelizmente, talvez pela ingenuidade ou não compreensão da complexidade que envolve a temática, isto ocorre até mesmo no ambiente familiar, como foi possível lembrar minha avó proferindo palavras desagradáveis ao se referir a uma pessoa negra, em momento de fúria. Em situações que isso ocorria, me surpreendia o seu argumento quando me posicionei como sendo uma pessoa negra, pois segundo ela, comigo era diferente, pois, eu *não era apenas uma negra*, era também um membro da família.

Tudo isso esteve muito presente no processo de construção da minha identidade. Confesso que por vezes cheguei a duvidar do registro da maternidade, investigando os documentos da minha mãe, devido ao fato de termos características físicas totalmente opostas. Além disso, as experiências que vivenciei consistiram em fortes influências para definição de valores, hábitos e preferências.

Um episódio marcante de minha infância e que permanece, refere-se à preferência por cores, enfatizando a rejeição do uso da cor vermelha. Lembro perfeitamente, quando criança, do dia em que fui junto com minha mãe comprar uma roupa para ir a um aniversário, e, ao ficar encantada por uma roupa que vestia o manequim fui decepcionada com um não. Isto por causa de um infeliz comentário da colega de minha mãe, dizendo que preto não fica bem

quando usa roupas de cor vermelha. Tão grande foi a decepção que apesar de não concordar com esse argumento, acabei por criar um bloqueio rejeitando assim, de forma involuntária, o uso do vermelho e ainda reproduzindo essa ideia. No entanto, esta não foi a decisão mais adequada, considerando a preferência pela roupa, independente da cor, pois contribuir desta forma para o fortalecimento de tal mito.

Carrego o receio de frequentar lugares como shopping, pois, criei uma resistência a ambientes diferentes da minha realidade social e atrelado a isso também acredito que tal desconforto esteja relacionado à forma que acabei estabelecendo para prevenir qualquer possível tipo de discriminação. Porém, estou ciente de que o problema não sou eu e tenho que enfrentar ao invés de fugir da situação, simplesmente pelo fato de acreditar na igualdade de direitos e deveres humanos, principalmente no reconhecimento social da minha contribuição enquanto cidadã independente de cor de pele.

A partir de experiências vivenciadas no cotidiano escolar como aluna no ensino básico, no que se refere ao currículo escolar, é possível perceber que houve um silenciamento e, decorrente desse, uma negação da diversidade constituinte de nossa nacionalidade.

No âmbito das relações com o grupo de amigos, desde o ensino fundamental até os dias atuais, nos cumprimentamos usando a expressão ‘café com leite’, isso pelo fato de que formávamos duas duplas, uma com um casal de negros e a outra com brancos, então ao considerar nossa amizade e a relação com a mistura das cores, o negro representava café e o branco leite. Sempre mencionamos, através das brincadeiras, a relação de domínio de classe atrelado à cor da pele, principalmente o triste mito histórico de que o negro deve ser submisso ao branco. Fingia não me importar quando na realidade internalizava cada gesto e palavras que soavam como ofensas. Aceitava tudo aquilo, pois, ao mesmo tempo compreendia que era “normal” e não possuía argumentos para me defender, só restava então ficar decepcionada comigo mesma.

Ao ser iniciada na Capoeira, que em seu conjunto engloba musicalidade, dança e história de uma luta de libertação, a possibilidade de refletir sobre minha identidade de outra maneira foi uma importante conquista, diversa do que experienciei na família, na escola e com grupo de amigos. É uma vivência única, fonte de inspiração, uma escola de vida em que tive a oportunidade de buscar, através das rodas de conversa sobre variadas temáticas, o conhecimento sobre a formação do povo brasileiro, em que indígenas e africanos são os principais protagonistas dessa história. A partir dessas conversas encontrei o estímulo e autoconfiança da qual fui privada na infância e na adolescência, o que me motivou a pesquisar

sobre as contribuições da capoeira na formação da identidade negra a partir das práticas desenvolvidas no grupo de capoeira “Unidos nas Tartarugas”.

Assim, o presente trabalho também objetiva a descrição das práticas educativas desenvolvidas no grupo de capoeira; identificação das relações estabelecidas entre capoeira e identidade negra nas suas práticas de formação e análise de como as práticas desenvolvidas contribuem para a formação da identidade negra dos participantes do grupo.

A pesquisa desenvolveu-se sob os elementos indicadores da pesquisa qualitativa em educação. Privilegiou os sujeitos do grupo investigado e orientou-se pelo tipo de pesquisa Estudo de Caso. Tipo estudo de caso, pois se trata de compreender como um grupo social, em específico o grupo de capoeira Unidos nas Tartarugas contribui para a formação da identidade negra dos seus integrantes, a partir da dinâmica das relações sociais, o que envolve valores, crenças, hábitos e ações, ou seja, interações socioculturais.

Foram realizados levantamento e análise bibliográfica, observação das aulas e da rotina estabelecida no grupo de capoeira, em um período correspondente a quatro semanas, além de gravações das rodas de conversas praticadas pelos participantes do grupo, as quais também tiveram duração de quatro semanas. Com isso, e através da aquisição de possíveis resultados, que identifiquem práticas de formação desenvolvidas no grupo Unidos nas Tartarugas, obtém-se a contribuição na construção da identidade negra mediante o processo histórico e memorial que envolve o universo da capoeira.

As primeiras investigações se deram no sentido de observar a rotina do grupo, procedimentos e organização das aulas, a participação dos integrantes e as possíveis práticas educativas desenvolvidas no sentido de contribuir para a formação da identidade negra dos participantes. Além disso, em outro período, foram feitas gravações das rodas de conversas realizadas pelo grupo.

Essa pesquisa está estruturada em quatro seções, incluindo a presente introdução como primeira. A segunda traz algumas reflexões sobre a formação do povo brasileiro, sua cultura, identidade e diferenças. Na terceira, retrata a relação entre capoeira e identidade negra. A quarta e última seção, trata de descrever a formação sócioespacial do município de Pirambu/SE para situar o processo de ocupação do espaço e apropriação para a vida, e análise dos resultados obtidos da pesquisa de campo.

Dessa forma, pretende-se apresentar as práticas educativas desenvolvidas no grupo de capoeira Unidos nas Tartarugas, bem como suas contribuições para a formação identitária dos

seus integrantes, promovendo algumas considerações acerca da relação entre capoeira e identidade negra.

SEÇÃO II

Algumas reflexões sobre a formação do povo brasileiro

Ao nos propormos a investigar a contribuição da Capoeira na formação da identidade negra, nos ocorre que se faz necessário considerar a formação do povo brasileiro. Formação que nos situará em relação à presença do negro na formação da identidade nacional.

O contexto histórico da sociedade brasileira, no que concerne à identidade nacional, é marcado pelas contribuições multiculturais, herdadas de diferentes etnias, que se manifestam através da música, da dança, da linguagem, da culinária, da religião, além das crenças e costumes que também enriquecem a formação da nacionalidade brasileira.

No plano étnico-cultural, a transfiguração se dá pela gestação de uma etnia nova, que foi unificando, na língua e nos costumes, os índios desengajados de seu viver gentílico, os negros trazidos de África, e os europeus aqui querenciados. Era o brasileiro que surgia, construído com tijolos dessas matrizes à medida que elas iam sendo desfeitas (RIBEIRO, 1995, p.30).

As reflexões de Ribeiro nos remetem a pensar que na legitimidade da preservação de valores, manifestações e saberes das diferentes etnias que compõe o povo brasileiro, está implicado um necessário resgate da memória étnica como alternativa ao silenciamento historicamente imposto à cultura afro-brasileira e indígena. Todavia, apesar da violência ter sido o instrumento principal na construção da história da nação brasileira, os povos que a formaram não estão ausentes e contribuíram para um processo da formação multiculturalista.

Embora com tantas contribuições para a cultura do país, pesquisas apontaram que no critério cor ou raça, termos atribuídos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, no ano de 2010, que apenas 7,6% da população se declararam como pretos (TEEN/IBGE). Esse resultado representa um alto nível de rejeição de uma identidade negra, reflexo de tempos opressivos e de um modelo social que não preza pela valorização da cultura afrodescendente. Os negros sofreram todo o tipo de humilhação e violência ao longo da história brasileira. Trajetória em que lhes foi atribuído um estigma perverso por causa da cor de sua pele. Perversidade que se propaga no tempo presente nas mais variadas formas. Denunciar as injustiças e preconceitos sofridos, entre outras ações possíveis significa reconhecer o direito do povo negro à igualdade, bem como seu direito à valorização da memória ancestral na formação do povo brasileiro.

Por outro lado, a luta pela igualdade de direitos, se revela em resistência através da formação de comunidades, a exemplo dos quilombolas. A população afro-brasileira tem conquistado direitos importantes como a criação de políticas de ações afirmativas. Luta que indica que é necessário refletir sobre as diferenças étnicas raciais e a importância de cada uma no processo de construção de nossa nacionalidade.

2.1 Formação cultural e identitária do povo brasileiro

Ao pensarmos no processo de formação do povo brasileiro, nos ocorre que esse aspecto da constituição da nação permanece em discussão. Sobre essa questão, importa retomar o mito fundador se partimos de um termo denominado miscigenação de raças, ou melhor, da mistura de diferentes etnias raciais, que historicamente classifica-nos como sendo um ‘povo novo’ constituído através do relacionamento de três civilizações: indígena, africana e europeia.

A história de formação da população brasileira é marcada pelo princípio da hierarquização através da escravidão de povos, sobretudo de índios e negros, por lutas, torturas, e opressão linguística.

Como afirma Maestri (2004) ao se referir à escravidão:

Os escravistas despreocupavam-se em introduzir os africanos na prática do português. Quando muito, mandavam um cativo de “mesma língua” explicar aos africanos recém-chegados a rotina e normas da fazenda. Eram os cativos que tinham que se desdobrar para adquirir conhecimento rudimentar da língua dos *senhores*. Milhares de africanos morreram sem estabelecerem comunicação verbal qualificada com a população livre e escravizada (MAESTRI, 2004, p.199).

Destituídos da possibilidade de comunicação, as práticas escravizadoras marcaram profundamente nossa formação social. Chauí (2006, p.27), nos indica que “[...] os negros não são percebidos como o que realmente foram, tirando desses homens e mulheres sua capacidade de criar, de agenciar e ter consciências políticas diferenciadas, numa palavra despojando-os da condição de sujeitos sociais e políticos”. Entretanto, tal crueldade não se fez suficiente para banir as raízes identitárias do povo africano, cujas manifestações predominam no universo do povo brasileiro.

Assim, nos perguntamos: por que nos dias atuais, ao considerar os anos de conquista da independência da pátria, a população brasileira ainda se encontra aprisionada no que se refere ao conhecimento ou auto reconhecimento de uma possível identidade negra?

Chauí (2006, p.28), ao se posicionar sobre a identidade brasileira, assegura que essa é “[...] constituída na perspectiva do atraso ou do subdesenvolvimento, é dada pelo que lhe falta, pela privação daquelas características que o fariam pleno e completo, isto é, desenvolvido”. Talvez a resposta para tal pergunta esteja na construção do contexto pelo qual se deu a formação desse povo, submetidos a drásticas mudanças culturais, e de certa forma à negação obrigatória da sua própria identidade, o que na atualidade se concretiza num jogo de intenções e autoritarismo.

Nessa perspectiva, para melhor compreender os critérios que identifiquem as contribuições da capoeira para o processo de formação da identidade negra, em específico no grupo de capoeira Unidos nas Tartarugas, entendemos que é necessário desenvolver o conceito de cultura, identidade, raça e etnia. Nesse sentido, cultura abrange vários significados, mas no presente contexto corresponde ao conjunto de manifestações artísticas, sociais, linguísticas e comportamentais de um povo.

Tudo o que o ser humano faz, cria ou inventa está relacionado à forma de ver, sentir e aprender. Por exemplo, o jeito diferente de tratar o meio ambiente e os animais, de fazer festas e comidas, dentre outros, denomina-se de cultura. Esta é constituída pelo que já se encontra desde o nascer, como também pela construção e acréscimo de ações realizadas ao longo da vida.

Conforme Graça (2002, p.45) “cultura é aquele todo complexo que inclui conhecimento, crenças, artes, moral, leis, costumes, e quaisquer outras faculdades, aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade”. Sendo assim, o homem cria cultura na relação que estabelece com a natureza e entre seus semelhantes, ao buscar assegurar sua sobrevivência, adquire maneira de pensar, agir e principalmente de viver, independente do território geográfico. Com isso e através do saber produz padrões de comportamento, a própria cultura e, conseqüentemente, sua identidade.

O Brasil é em um país multiculturalista, sendo a ancestralidade africana uma das principais culturas que caracteriza o processo de formação da população brasileira, cujas manifestações predominantes se concretizam na representação da religiosidade, da musicalidade e da corporeidade, componentes cultivados no universo da capoeira.

[...] existe, é certo, uma identidade humana, mas essa identidade é sempre diversificada, segundo os modos de existência ou de representação, as maneiras de pensar, de julgar, de sentir, próprias às comunidades culturais, de língua de sexo, às quais pertencem os indivíduos e que são irredutíveis às outras comunidades (MUNANGA, 2006, p.48).

Cultura e identidade são fenômenos socioculturais englobados num mesmo enredo de significações, portanto, não existe identidade sem cultura. Esta é construída ao longo da vida num processo dinâmico que ocorre de forma gradativa e inacabável. A ênfase aqui se dá ao conflito de identidades que, de acordo com BARBUJANI (2007, p.12), “[...] não é um mero conflito político: não diz respeito àquilo que fazemos ou queremos fazer; diz respeito aquilo que somos ou acreditamos ser”.

A partir deste princípio, e ao considerar a capoeira como um patrimônio histórico que na sua essência desenvolve ações voltadas para a integração social, além do fato de fazer parte da cultura do município de Pirambu/SE, surgem alguns questionamentos: como se estabelece a sua relação com a identidade negra? Quais as contribuições do grupo de capoeira Unidos nas Tartarugas para a formação de tal identidade? Será que há o auto reconhecimento do ser negro independente da cor da pele ou traços físicos?

O termo raça ao longo do tempo vem sendo discutido através de várias concepções, as quais envolvem a polêmica da classificação da diversidade humana, tanto na defesa das diferentes raças, no sentido da valorização de vantagens sociais e estéticas, classificadas em negros, brancos e amarelos, quanto na defesa de valores fundamentados na essência da humanidade, sendo essa última a ser enfatizada no presente trabalho.

[...] pensava-se que traços físicos distintos como cor da pele, dos olhos e do cabelo, formato da cabeça, tipo de cabelo, estrutura física pudessem, além de diferenças aparentes, representar níveis diferentes de inteligência, de aptidão, de formas de comportamento, até de moralidade. [...] há uma única raça humana, nossa espécie não é um mosaico de grupos biologicamente muito distintos- como cães e os cavalos, por exemplo (BARBUJANI, 2007, p.9).

Apesar de haver estudos científicos que biologicamente indiquem a não existência da diversidade humana, a qual explica que a cor da pele é determinada pela concentração da melanina, por isso não existem diferentes raças humana, e das significativas conquistas por direitos de igualdade, tal concepção de grupos humanos distintos foi historicamente internalizada pela sociedade e o negro ainda é alvo de repressões que independem da posição social que esse sujeito ocupa, sendo submetido à inferioridade com relação ao branco, principalmente no que se refere à hierarquização, ao nível de inteligência e ao padrão de beleza (MUNANGA, 2003).

Ao compreender o conceito de raça atrelado à relação de poder e domínio da sociedade, faz-se necessário entender o significado da palavra etnia, a qual enfatiza a origem nacional a partir de artefatos socioculturais e históricos.

Segundo Munanga (2003, p.12) “[...] etnia é um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, têm um ancestral comum; têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território”. Tais aspectos determinantes diferem grupos sociais no que se refere a elementos culturais e históricos dos sujeitos e suas nações, sendo o referido termo ressignificado no sentido de enfraquecer, ou até mesmo de exterminar, as tensas relações criadas pelas diferenças na cor da pele e nos traços fisionômicos, por meio da corrente teórica que defende a divisão de raças com base na ciência biológica.

Os diferentes grupos, em sua diversidade, que constituem o Movimento Negro brasileiro, têm comprovado o quanto é dura a experiência dos negros de ter julgados negativamente seu comportamento, ideias e intenções antes mesmo de abrirem a boca ou tomarem qualquer iniciativa. Têm, eles, insistido no quanto é alienante a experiência de fingir ser o que não é para ser reconhecido, quão dolorosa pode ser a experiência de deixar-se assimilar por uma visão de mundo que pretende impor-se como superior e, por isso, universal e que os obriga a negarem a tradição do seu povo (BRASIL, 2004, p.5).

Apesar do reestabelecimento do termo, que muitos acreditam já ter superado a problemática que envolve as relações sociais, não tem sido fácil abolir a desigualdade, bem como estereótipos racistas na sociedade brasileira, na qual persiste a política do branqueamento, que visa dominação e submissão do negro, para que permaneça com mentalidade escrava e identidade adormecida.

Hall (2003, p.12) afirma que “A política identitária essencialista aponta para algo pelo qual vale a pena lutar, mas não resulta simplesmente em libertação da dominação”. Consiste em algo mais complexo, que está arraigado num processo colonialista, pois há vários fatores que direta ou indiretamente interferem na construção da identidade do indivíduo, dentre eles o meio sociocultural, a vida cotidiana do mesmo, e principalmente a colisão entre cultura popular e cultura de massa, consequência do avanço da globalização. Com isto, torna-se cada vez mais difícil a desconstrução de tal procedimento histórico, como também da preservação de manifestações culturais tal como a capoeira.

2.2 Identidade e diferenças

Para compreender a construção da identidade, justamente quando se refere à busca por uma identidade cultural ou nacional, é preciso entender, de forma breve, como este conceito chegou a ser discutido e como é perceptível na atualidade. Uma possível compreensão de um

tempo de mudança onde há possibilidades do moderno partilhar com o tradicional, e a comunidade partilhar com a sociedade, esse universo de múltiplas e fragmentadas identidades.

Quanto a isto, é notável a emergência da discussão referente a mudanças ocorridas no campo da identidade, advindas do processo de modernização, com pauta necessária para compreensão de uma possível dinâmica ou crise identitária, cuja problemática interfere na construção da auto-identidade, reprimindo assim um passado histórico em que, “nós vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos e nós mesmos adotamos uma identidade” (WOODWARD, 2011, p. 56).

Apesar dos significativos avanços proporcionados pela globalização, Agier (2001, p.7) sinaliza que a “[...] circulação rápida das informações, das ideologias e das imagens acarreta dissociações entre lugares e culturas”. Nessa perspectiva, cria-se uma compensação para os sentimentos de perda de identidade por meio da busca ou invenção de novos contextos identitários.

É assim que a propaganda, a moda, o consumo, a televisão e a cultura da mídia estão constantemente desestabilizando identidades e contribuindo para produzir outras mais instáveis, fluídas, mutáveis e variáveis no cenário contemporâneo. No entanto, também vemos em funcionamento os implacáveis processos de mercadorização. A segmentação do mercado em diversas campanhas e apelos publicitários reproduz e intensifica a fragmentação, desestabilizando as identidades às quais os novos produtos e as novas identificações estão tentando devolver estabilidade (KELLNER, 2001 p. 329).

Com relação à identidade negra, essa circunstância chega a ser dotada de crueldade a partir do momento que se produz e se intensifica padrões estéticos e culturais voltados para identificações contrárias às dos afrodescendentes ou negros, submetendo-os de certa forma à violência racista, bem como a um estado de vulnerabilidade a sentimentos negativos que desestabilizam o processo de construção identitária no seu espaço social. Além disso, “os direitos sociais são substituídos um a um pelo dever individual do cuidado consigo mesmo e de garantir a si mesmo vantagem sobre os demais” (BAUMAN, 2005, p.35). Pois, a globalização está voltada para a visão do crescimento de valores tecnológicos e econômicos, não se atendo a dimensões pessoal e social dos sujeitos.

Ao tratar sobre o tema, do ponto de vista tecnológico e econômico, “as afiliações sociais, mais ou menos herdadas, que são tradicionalmente atribuídas aos indivíduos como definição de identidade, agora estão se tornando menos importantes, diluídas e alteradas nos países mais avançados” (BAUMAN, 2005, p.95). Isso confirma um efeito global

descontrolado, no que se refere à busca pela construção da identidade, que oprime princípios éticos da coabitação humana e da justiça social.

Conforme indica Hall (2003, p.12), “o sujeito não é mais visto como composto de uma única identidade, mas sim de várias, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas”. Para tal discussão que submerge a relação entre o fixo e o mutável, é preciso compreender ideias que amparam no conceito de identidade, já que este é relacional, encontrando-se em processo de construção. Dessa forma, pretende-se abordar a problemática da formação da identidade, em meio ao processo de modernização, na perspectiva de uma subjetividade que interage entre o eu e a sociedade.

Sobre identidade e diferença, Silva (2000, p.74), argumenta que são indissociáveis, pois a identidade assim imaginada induz a uma afirmação positiva ‘daquilo que sou’, caracterizada como independente, uma construção autônoma. No mesmo sentido procede a diferença, uma vez que afirma ‘aquilo que o outro é’, induzindo a percepção de que apresentam indicativos semelhantes. Há um conjunto de semelhanças postas como referencial fixo, cujo papel é formatar a identidade cultural, e ao mesmo tempo as diferenças também possuem uma função predominante na de representação do coletivo. A identidade é compreendida como junções, representadas pelas diferenças existentes na sociedade.

Tal concepção ganha destaque através da exposição de grupos sociais, pois há uma variedade de princípios e ideias para atrair e mantê-los conectados, o que se é representado pela sociedade que revela cada vez mais sua heterogeneidade e multiculturalismo (BAUMAN, 2005, p.17). Com isto, as ‘comunidades’ que não seguem o padrão dominante, em específico os que buscam a formação de uma identidade negra vinculada a fatos históricos e através de manifestações culturais, são vistos como diferentes, e assim as múltiplas diferenças se fragmentam de um todo e, apesar de fazer parte de um coletivo social, tornam-se ao mesmo tempo individualistas a partir do momento que visa interesses pessoais.

Nessa perspectiva, Monteiro (2011, p.50) afirma que:

A dimensão pessoal coabita na dimensão social, pois parte-se do princípio de que todo ser, além de fazer parte de um grupo social, convive com vários outros, dessa forma constrói sua identidade através dos vários grupos que convive ou faz parte, como a família, os amigos, a escola, desempenhando papéis diversificados. Nesse intercâmbio relacional, esse sujeito toma consciência de sua unicidade (MONTEIRO, 2011, p.50).

Assim, transmite a reflexão acerca de diferentes identidades, dentro de uma perspectiva pessoal, destinada à compreensão do eu, uma provável subjetividade, atrelada a

identidade coletiva ao envolver culturas específicas ou significados partilhados. Porém, o conjunto fragmentado de papéis construídos pelos sujeitos por meio de discursos, práticas e posições não consistem em únicos fatores para concretização identitária.

[...] na construção da identidade, é necessária a preservação da memória coletiva dos vários grupos. A memória coletiva daqueles, cuja cultura não é dominante, será o agente catalisador da afirmação da identidade étnica. A busca desta identidade implica o cultivo das tradições culturais do grupo dominado e a releitura de sua história. A religião, os mitos, as lendas, a ideologia serão necessários a este processo de identificação cultural (SILVA, 2011, p.37).

Ainda com base em Silva (2011, p.37), acima citado, entendemos que o processo de formação da identidade enquanto fato social e histórico necessita ser pensado como algo que pode se alternar, que acontece conforme o contexto de vida dos sujeitos. Mas, isso não significa apagar a memória ou deixar de cultivar tradições culturais através da releitura de determinada história. Por isso o sujeito carece de uma segurança por meio da busca de sua identificação ancestral.

Assim, Woodward (2011, p.19) ressalva que “a cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade [...]”. Se outrora havia uma resistência ao mutável, agora ao se permitir experimentar o diferente, há possibilidade de várias identificações para que possa ser concebida.

O funcionamento contraditório entre diferenças e a tentativa de autenticação envolve reflexões acerca da ação essencialista, avaliada por Cruz (2010, p.193) como algo baseado “na noção do sujeito cartesiano, o qual possui uma identidade fixa e inalterável”. Nesse ponto de vista, a identidade abrange exigências essencialistas “sobre quem pertence e quem não pertence a um determinado grupo identitário, nas quais a identidade é vista como fixa e imutável” (WOODWARD, 2011, p.14). Tais exigências são fundamentadas na versão essencialista da preservação ou cultivo da história e do passado, na qual há construção de uma história imaginada como sendo imutável não permitindo acesso ou interação com o que se vivencia na atualidade, compreender as mudanças advindas com o tempo, o que já são princípios idealizados pelo não essencialismo.

Deste modo, Woodward (2011, p.15) ainda questiona: “É possível afirmar a identidade étnica ou nacional sem reivindicar uma história que possa ser recuperada para servir de base para uma identidade fixa?” Para Silva:

Primeiramente, a identidade não é uma essência, não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. (SILVA, 2011, p.96).

De acordo com Silva (2011), a formação da identidade precisa ser compreendida a partir da perspectiva não essencialista, a qual admite que diferentes temporalidades disfrutem de um mesmo ambiente e possam ser produzidas respectivamente pelos atuantes sociais, em meio a instabilidades e fragmentações, sem tampouco apagar o que fora vivenciado. Pois, isso não significa negar que a identidade tenha um passado, mas reconhecer que, ao reivindicá-la, nós a reconstruímos e que, além disso, o passado sofre uma constante transformação (HALL, 2003).

Ao reforçar tal ideia, Castells (1999, p.23) destaca que, na construção da identidade, faz-se necessário considerar a matéria-prima decorrida da história, da geografia, da biologia, das instituições produtivas e reprodutivas, a memória coletiva e as ideias pessoais, os aparatos de poder e as revelações de cunho religioso. Esses dados são atuados e estabelecidos pela sociedade, a qual dá significação conforme o enraizamento da estrutura sociocultural de determinada época, assim como também por meio da visão do tempo e espaço vivenciado por cada população.

Tratando-se de compreender a construção da identidade, diante das ideias de subjetividade e grupos sociais abordadas, pelos aspectos culturais e pela forma de cada grupo viver o seu cotidiano, nota-se que a sociedade delinea o padrão de formação de identidades. Todavia, para essas serem consistentes, os próprios indivíduos devem atribuir valor à sua carga cultural adquirida historicamente.

Nesse sentido, acreditamos que a capoeira, no grupo Unidos nas Tartarugas é um dos elementos que possibilita aos sujeitos atribuir valor à sua carga cultural, na medida em que interagem com sua história ancestral e a relacionam às problemáticas vivenciadas no presente. Relação que pode ou não ser estabelecida.

SEÇÃO III

A relação entre capoeira e identidade negra

A capoeira como instrumento representativo da valorização cultural, situa-se como uma herança afro-brasileira transmitida por gerações, que se desenvolveu no período escravocrata como forma de resolução de intrigas entre africanos que foram aprisionados, e de expressão pela ânsia de livre arbítrio, consistindo-se em uma das manifestações mais antigas praticadas no Brasil. Apesar de existir discussões ou não haver consenso literário quanto a sua origem, essa arte é considerado um dos símbolos da identidade brasileira, presente em todo território nacional e praticada em diversos países.

É oportuno ressaltar que essa manifestação expressa o saber dos antepassados que são transmitidos por meio de cantos, de tradições e fundamentos. A capoeira era utilizada e desenvolvida pelos escravizados como forma de luta entre si e de libertação. Ao considerar a relação da criação da capoeira com a fuga para os quilombos, “podemos afirmar que os negros, pela situação em que se encontravam, desenvolveram técnicas e meios de resistência ao sistema opressor escravagista” (YAHN, 2010, p.204). Assim, tais habilidades corporais praticadas pelos mesmos ficaram reconhecidas como características da capoeira.

Provavelmente originada do termo Tupi *Caa'- qpuam - era* – ‘lugar de mato já cortado’, ‘lugar que já foi mata virgem’, onde provavelmente se podia exercitar sem chamar muita atenção – a palavra capoeira era usada para designar os praticantes daquela movimentação corporal característica (GALLEP, 2009, p.7).

Nessa perspectiva, para não atrair suspeitas quanto à tentativa de fuga e até mesmo de rivalidades entre si, já que eram vigiados pelos ‘Capitães do Mato’ e sujeitos aos cruéis castigos, os escravizados praticavam a luta em localidades específicas, porém introduzindo a dança, as cantigas e coreografias aos movimentos corporais conhecidos como golpes, estratégias essas inventadas para camuflar a luta ante seus vigilantes. Outra interpretação sobre a criação da palavra, segundo Cascudo (1967, p.188), é que lhe foi atribuído esse nome, pois, “a capoeira, jogo atlético, seria inicialmente habilidade dos resistentes ou foragidos nas capoeiras-mato ao redor das cidades”.

Com relação às possíveis origens para alguns dos seus movimentos, pesquisadores acreditam que a capoeira veio de África pelo fato de existir semelhança com o N’golo conhecido também como ‘dança da zebra’, cujo ritual festivo consiste numa dança guerreira, a

qual marca o começo da juventude, em que os rapazes dançam e lutam em exibição às moças, tentando atingir o rosto do adversário com o pé e o vencedor da luta tem o direito de escolher sua noiva entre as garotas que participam da cerimônia sem pagar dote. Dessa maneira, certos gestos são parecidos com simulações dos movimentos de animais o que explica o nome dado a golpes como ‘macaco’ e ‘rabo-de-arraia’, por exemplo, e outra relação está na movimentação hábil que condiz com as finalidades do jogo da capoeira (CASCUDO, 1967).

Deste modo, quando os negros africanos chegaram ao Brasil sendo submetidos a condições desumanas nos navios negreiros, sofriam momentos de torturas como relata Darcy Ribeiro (1995):

Metido no navio, era deitado no meio de cem outros para ocupar, por meios e meio, o exíguo espaço do seu tamanho, mal comendo, mal cagando ali mesmo, no meio da fedentina mais hedionda. Escapando vivo à travessia, caía no outro mercado, do lado de cá, onde era examinado como um cavalo magro. Avaliado pelos dentes, pela grossura dos tornozelos e dos punhos, era arrematado. Outro comboio, agora de correntes, o levava à terra adentro, ao senhor das minas ou dos açúcares, para viver o destino que lhe havia prescrito a civilização: trabalhar dezoito horas por dia, todos os dias do ano (RIBEIRO, 1995, p.119).

Diante das circunstâncias em que foram submetidos, aperfeiçoaram técnicas transformando-as em uma luta agressiva aos olhos da sociedade, apesar de muitos a praticarem realmente como uma cerimônia harmoniosa, passando a utilizar também navalhas nas disputas, muita das vezes terminando em morte. Isso simboliza a revolta pela privação de sua cultura e tradições, detestáveis e reprimidas pela elite imperial brasileira.

Destarte, Yahn (2010, p.205), afirma que “no Brasil Imperial, a Capoeira foi severamente perseguida no período de instalação do governo republicano, sendo um dos principais alvos de repressão policial no início da República [...]”. Isso ocorreu devido a rivalidades e confrontos existentes entre grupos, como também por rapazes da elite praticarem a capoeira desafiando autoridades ao realizar badernas em festas ou praça pública, o que fez a fama violenta daquela forma de luta. Para combater essa prática, estabeleceu-se no Código de 1890, através do Decreto nº. 847, intitulado “Dos Vadios e Capoeiras”, pena para os praticantes, tendo a seguinte redação:

Art. 402. Fazer nas ruas ou praças públicas exercícios de destreza e agilidade corporal conhecido pela denominação de Capoeiragem. Pena - de prisão por dois a seis meses. Parágrafo Único: É considerado circunstância agravante pertencer o capoeira a alguma banda ou malta. Aos chefes ou cabeças impor-se-á pena em dobro (BRASIL, 1890, nº. 847).

Mesmo decretada como um crime penal e com intensificação das perseguições aos negros capoeiristas, a mesma continuou acontecendo de maneira clandestina e marginalizada, sendo seus praticantes castigados severamente se estivessem jogando capoeira, pois eram sinônimos de ameaça para donos dos escravizados. Então foi decisivamente proibida e ainda depois da abolição da escravatura a prática da capoeira permaneceu marginalizada.

Por isto, ainda de acordo com Yahn (2010, p.205-206), “os capoeiristas inventaram alguns meios de burlar a repressão policial, como a criação do toque do berimbau, chamado de *cavalaria*, que funcionava como sinal de alerta indicando a vinda dos policiais”. Portanto, tal invenção facilitava sua fuga para não serem apreendidos.

Oliveira (2009, p.44), sintetizam ao afirmar que “a história da capoeira foi marcada por perseguições policiais, prisões, racismo e outras formas de controle social que os agentes dessa prática cultural experimentam em sua relação com o Estado brasileiro.” Mesmo com a abolição da escravatura continuou sendo proibida, mas, ao longo do tempo desperta o interesse de membros da sociedade para a prática enquanto caráter esportivo, ignorando aqueles que a praticavam enquanto ritual que pregava a cultura africana, especificamente de Angola, atrelada à religiosidade, nesse caso ao candomblé, ainda com persistência preconceituosa a essa arte.

A partir deste marco que simboliza a liberação da sua prática, agora eliminada do código penal, na década de 30, Paiva (2007, p.11) admite então que “o mestre Bimba, cria a luta regional baiana – conhecida como a Capoeira Regional – uma espécie de modalidade ou estilo de Capoeira a partir da capoeira que existia”, em específico no caráter acrobático e de luta. Com isto, diante dos olhares dos capoeiristas em relação à origem da capoeira e sua filosofia, passa a ser dividida em algumas vertentes ideológicas argumentadas com base em princípios e fundamentos próprios, tais como: a Angola, a Regional e a Contemporânea, esta última em discussão.

Como Paiva (2007) continua a explicar:

Os capoeiristas que escolheram permanecer fiel à Capoeira que praticavam, não se envolvendo com a novidade proposta por mestre Bimba, possivelmente pôr uma questão política, passaram a acrescentar ao nome Capoeira, o termo Angola, demarcando uma identidade, uma singularidade, uma diferença (PAIVA, 2007, p.11).

O disseminador da Capoeira Angola foi mestre Pastinha, o qual buscou agregar valores ancestrais por meio das canções, transmitindo sentimento de alegria ou indignações, da dança, da teatralidade, da aparência lúdica, mas não deixando de mandigar, bem como de

apresentar diversos movimentos acrobáticos, um jogo de olho no olho. No entanto suas expressões não tiveram muito prestígio devido a interesses políticos e provavelmente pela rejeição da sociedade colonialista diante do fato de enraizar a cultura africana nos seus ritos ao praticar a capoeira.

Desta maneira Castro (2007) em seus estudos afirma que:

A capoeira angola e seu discurso tradicional afro-descendente simbolizavam uma manifestação atrasada, que enaltecia a vadiagem e a africanidade. Antigas tradições negras não podiam ter espaço num país assombrado pelo fantasma do atraso, num momento em que as elites no poder buscavam construir uma nação moderna embasada por uma identidade homogênea, representada pelo povo brasileiro como fruto da mestiçagem de raças, uma promessa para o futuro. (CASTRO, 2007, p.35).

A intenção dos governantes era então mascarar a influência das tradições africanas sob a formação do povo brasileiro, sendo que interpretavam a capoeira angola como empecilho a seus projetos de construção de uma nação cuja identidade procederia das múltiplas etnias.

A ladainha abaixo, criada por mestre Toni Vargas, trata com mais propriedade o conceito de capoeira descrito por mestre Pastinha:

Uma vez, perguntei a Seu Pastinha
O que é a capoeira?
E ele, velho Mestre respeitado,
Ficou um tempo calado,
Revirando a sua alma
Depois respondeu com calma,
Em forma de ladainha:
A capoeira
É um jogo, é um brinquedo,
É se respeitar o medo,
É dosar bem a coragem
É uma luta,
É manha de mandingueiro,
É o vento no veleiro,
Um lamento na senzala
É um corpo arrepiado,
É um berimbau bem tocado,
Um riso de menininho
A capoeira
É o vôo de um passarinho,
O bote da cobra coral
Sentir na boca
Todo o gosto do perigo,
É sorrir para o inimigo
E apertar a sua mão
É o grito de Zumbi
Ecoando no quilombo,
É se levantar do tombo
Antes de tocar no chão
É ódio,
É a esperança que nasce,

Um tapa sutil explodiu na face
Que foi arder no coração
Enfim,
É aceitar o desafio
Com vontade de lutar
A capoeira
É um pequeno barquinho
Solto nas ondas do mar.

(Ladainha cantada por mestre Toni Vargas)

Então, independente das diferenças existentes entre ambas, vale frisar a relevância dessa arte para os capoeiristas, para a sociedade brasileira e principalmente para a contribuição ou referência de formação da identidade negra. Além disso, é oportuno ressaltar os valores e saberes ancestrais transmitidos pela ilustre figura dos mestres, os quais são fonte de inspiração ancestral e referências por conduzirem a missão de formar discípulos para o universo da capoeira e para os desafios da vida.

Assumida pelo mestre como brasileira, ela passa a ser uma dádiva dos mestres baianos que, com o tempo, passaram a ser conhecidos como os grandes velhos mestres. O discurso é unânime em ressaltar que a história da capoeira tem relação com a Bahia, especialmente com a cidade de Salvador (PAIVA, 2007, p.28).

O processo para a formação do aluno até chegar ao nível de mestre é bastante complexo e requer muito tempo e dedicação. Os conhecimentos fundamentais que devem ser adquiridos e transmitidos por um mestre são: história da capoeira no Brasil bem como sua linguagem e ancestralidade, tocar instrumentos, fabricar berimbau, organizar e conduzir uma roda de capoeira além de outros elementos subjetivos que não podemos ver e nem tocar, apenas sentir, onde só as vivências com os antigos mestres poderão proporcionar ao capoeirista.

Vivemos um período histórico em que a valorização exacerbada do tempo presente não nos permite olharmos o passado, a partir de uma ritualidade que se apresenta enquanto força instauradora, mas como algo passado e incapaz de fazer sua aparição e irromper o presente. (ABIB, 2007, p.202).

De diferentes formas a capoeira vem acompanhando o desenvolvimento de nossa sociedade ao conseguir depois de anos e através de fatos históricos e tardios a demonstração de interesses pela valorização dessa arte, a exemplo temos a formalização da profissão e o reconhecimento da roda de capoeira, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico

Nacional (IPHAN) em 2008, como patrimônio cultural brasileiro, porém ainda há muito que se valorizar no que diz respeito à transformação de práticas sociais.

3.1 A roda de capoeira

Ao considerarmos a existência de diferentes estilos de capoeira, temos formas variadas na organização das rodas, bem como características diferentes entre os estilos, principalmente na roda de capoeira angola, onde as vestes, musicalidade e formação de uma bateria (instrumentação) robusta e regrada são valores importantíssimos e fundamentais para o acontecimento e desenvoltura do ritual. Esta, considerada um bem genuinamente cultural, recebeu esse título com base no inventário concretizado nos estados da Bahia, de Pernambuco e do Rio de Janeiro, pois são considerados palcos que compõem os cenários históricos desta manifestação.

A roda consiste em um espaço que engloba no seu ritual cantos, movimentos, diálogos e expressões que refletem os sentimentos do capoeirista frente às problemáticas vivenciadas no cotidiano. Além disso, os mestres são consagrados, pois transmitem práticas e valores tradicionais pertencentes à cultura afro-brasileira passando a mensagem de resistência e consciência de vida. Apresenta também uma relação hierárquica, determinada com base no sentido de mais experiência e conhecimento, onde nem sempre aparecem companheirismo e solidariedade entre diferentes grupos.

Segundo Gallep (2009, p.05), “a roda se apresenta como um espaço temporalmente construído, de forma coletiva, para em exercício de libertação ver-se e ver o outro; ver também o mundo, os outros, a periferia que nos rodeia”. Constrói relações sociais ao auxiliar a prática de cooperação entre seus integrantes, promover laços de amizade, ao ponto de se tratarem como irmãos de capoeira, e difundir o respeito e reverência aos mais velhos. Trata-se de momento de libertação através dos movimentos, da sintonia entre os instrumentos e a musicalidade, caracterizando-se em uma comunicação não verbal em que a linguagem ocorre por meio da expressão corporal.

Na roda de capoeira angola e na maioria dos grupos atuais após a expansão da influência de mestres como João Grande e João Pequeno, teremos a formação da bateria praticamente definida à época da organização iniciada por Mestre Pastinha, sendo composta por três berimbaus (gunga, médio e viola), dois pandeiros, reco-reco, agogô e atabaque. Entretanto, para que se tenha uma roda feita completa, além da bateria afinada com oito tocadores, são necessários os jogadores que se movimentam no ritmo cadenciado pelo

berimbau e ainda pessoas que participam do coro, sendo essas, outros jogadores ou visitantes a cantar, respondendo as canções da capoeira em forma de louvor às ladainhas, quadras e corridos (GALLEP, 2009).

Em relatos, retirados das gravações das rodas de conversa realizada pelo grupo Unidos nas Tartarugas, o professor de capoeira expressa indícios de respeito para com os instrumentos:

O arco berimbau musical o nosso instrumento é sagrado, por isso não é para ficar tocando e armando a qualquer momento, para isso cada um pode confeccionar o seu berimbau, a gente já conversou sobre isso, valores, quanto custa se quiser comprar no mercado ou se quiser fazer. Os nossos instrumentos, vou deixar bem claro, são para fazermos as rodas de capoeira e os nossos encontros, aí de repente veio essa música, vamos ouvir a música que fala do berimbau, nesse caso da viola (um tipo de berimbau):

*A violinha chorou
Deixe a viola falar
Deixe ela dizer o que sente
É saudade de seu Valdemar*

*O gunga fez a pergunta
O médio logo retrucou
Me diga aí violinha
O por que do seu choro*

*A violinha chorou
Deixe a viola falar
Deixe ela dizer o que sente
É saudade de seu Valdemar*

*Seu Valdemar da Paixão
Valdemar da Pero Vaz
Deixou comigo a saudade
Que não se acaba jamais*

*A violinha chorou
Deixe a viola falar
Deixe ela dizer o que sente
É saudade de seu Valdemar*

*A violinha que chora
Toca bonito sim senhor
Hoje traz a saudade
Nas mãos de outro tocador*

*A violinha chorou
Deixe a viola falar
Deixe ela dizer o que sente
É saudade de seu Valdemar*

*Pra você que é cantador
O berimbau é um tesouro
Cantava seu Valdemar
Tocando o seu mar de ouro
(Transcrição de gravação em 29/04/2015)*

Esses são valores atribuídos e atrelados aos fundamentos da capoeira, em específico uma representação simbólica ou herança ancestral, deixada pelos africanos escravizados, ao fazer uso dos instrumentos e dos cantos em forma de louvor e saudações, além de serem utilizados para expressarem lamentos ou ânsias de libertação. Sendo assim, a relação entre capoeira, os elementos que a compõem e identidade negra se dá com base na própria história da formação do povo brasileiro, dos negros que aqui desenvolveram essa arte, cultivada até então, e que representou e representa a luta pela igualdade e direitos humanos.

SEÇÃO IV

Breve histórico sobre o território de Pirambu

Ao enfatizar o território como item relevante para a identificação cultural atrelada à formação da identidade sociocultural de indivíduos ou de grupos sociais, no que diz respeito às interações entre o ambiente e os semelhantes que se constituem em um conjunto de troca e acúmulo de experiências simbólicas, vale aqui expor uma breve descrição da comunidade, na qual está inserido o grupo de capoeira Unidos nas Tartarugas, para situar o processo de ocupação do espaço e apropriação para a vida.

Situado no leste sergipano, conforme a regionalização para Sergipe estabelecida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas, o município de Pirambu antes chamado de Ilha e habitado por indígenas, nasceu de uma colônia de pescadores, sendo batizado pelos mesmos com o nome de um peixe que era comum na região. Produziram também a agricultura de subsistência, tendo como meio de sobrevivência o comércio realizado através de troca de produtos e a caça. A agricultura, a pecuária, o artesanato e a atividade pesqueira são as principais fontes econômicas nos dias atuais.

Pirambu terra abençoada
Quem por aqui passa aqui faz morada
Cidade menina de coração grande
Acolhe tanta gente
Sem se importar de onde
Êta cidade boa!
Tem dunas, cascatas, tem lagoas,
Moqueca de peixe, camarão, aratu,
Maribondo tem sabor de guaiamum.
Lagoa Redonda você tem que ver
Tem buchada de carneiro boa mesmo pra valer
Em Alagamar vejam o artesanato
Tudo muito bonito
Tem Aningas, Bebedouro,
Aguilhadas, Água Boa,
Tem Santa Isabel, Baixa Grande
Gente boa tem em Pirambu

Lá, lá, lá, lauêra, lê, lê, lê...

(Música e letra de Tânia Biriba, membro do grupo de capoeira Unidos nas Tartarugas)

Como expressa a música, o lugar foi sendo habitado gradativamente pela fartura do pescado, o sossego da moradia e pelo belo cenário natural. Diante desses artefatos, a aldeia de

pescadores passou a condição de vila, seguida para povoado e então se elevou a categoria de município, ao ser desmembrado da cidade de Japaratuba. Assim, ele ficou constituído pelos povoados Aguilhadas, Lagoa Redonda, Aningas, Santa Isabel, Maribondo, Bebedouro, Baixa Grande e Alagamar. Esse último sendo reconhecido por meio de documentos históricos e vestígios antropológicos como habitado por descendentes de negros ou quilombolas, pois havia ali um quilombo.

As influências intensas do processo de globalização sobre a localidade acabaram absorvendo os padrões involuntários do consumo de massa e, com o desenvolvimento técnico-informacional, o lugar se tornou mais próximo e sujeito à influência dos elementos culturais externos.

Apesar de ainda existir a apropriação do espaço simbolizada através de atos como reunião em família ou em grupos de amigos, para desfrutar das belezas naturais do lugar, bem como dos frutos marítimos que garantem a sobrevivência da maioria da população, a comunidade vivencia um momento de crise na formação da identidade, que atinge os laços afetivos, culturais e históricos, principalmente de jovens, enfraquecendo a preservação das manifestações culturais presentes na comunidade e o empoderamento das mesmas.

Em meio a esse contexto histórico, foi instalada na década de 80 a primeira base de pesquisa do Projeto TAMAR, justamente por ser considerada uma das principais áreas de desovas das tartarugas marinhas no Brasil. A princípio, o Projeto TAMAR objetivou principalmente proteger os ninhos de tartarugas marinhas, em eminente risco de extinção desses espécimes. Hoje, esse projeto é uma referência mundial em projetos de conservação da natureza. Tudo isso só foi possível com o apoio e envolvimento das comunidades costeiras, que tradicionalmente faziam uso direto dos ovos, da carne e carapaça desses animais. Nesse sentido, além da geração de emprego e renda para pescadores locais, contratados para localizar e proteger os ninhos havia também a necessidade de ações que envolvessem crianças, mulheres e idosos. Foi então que a partir da década de 90 o projeto TAMAR passou a valorizar a cultura local, através do apoio a grupos existentes como: Bordadeiras, Quadrilha Junina, Lariô e Capoeira, levando assim a mensagem de que a tartaruga tem mais valor viva do que morta.

Nesse sentido, o grupo de Capoeira Unidos nas Tartarugas, nome escolhido pelos próprios integrantes, foi criado em 1993 no Município de Pirambu/SE, se estendendo em 2007 para o povoado de Ponta dos Mangues, Pacatuba/SE. Integrante das ações de Valorização da Cultura do Projeto TAMAR em Sergipe, o grupo atende cerca de 30 alunos

dos dois municípios e trabalha com a ideia da Tartaruga Marinha enquanto Madrinha da Cultura Popular, disseminando a importância de sua preservação. Os principais objetivos são: valorizar a cultura local; fortalecer laços de confiança com a comunidade; trabalhar o tema da conservação através da tartaruga marinha, e, finalmente, incentivar a atividade física e a socialização entre crianças e adolescentes através da capoeira, não havendo restrições quanto à participação de adultos. Com isso se pretende integrar a cultura à conservação, reestabelecendo o vínculo entre as dimensões social e natural, além de conquistar novos parceiros para a proteção das Tartarugas Marinhas e de divulgar e promover essa importante manifestação cultural brasileira.

Dessa maneira, em Pirambu, as aulas de Capoeira acontecem semanalmente no Clubinho da Tartaruga as segundas e quartas-feiras das 17:00 às 19:00. Em Ponta dos Mangues as aulas acontecem aos sábados no colégio Manoel Bispo dos Santos das 10:00 às 12:00.

Além das práticas físicas, os alunos participam também de ações educativas e recreativas desenvolvidas pelo TAMAR a fim de promover sensibilização das pessoas que moram nessas localidades quanto à preservação das Tartarugas Marinhas: palestra sobre conservação e meio ambiente; abertura de ninhos na praia e solturas de filhotes de tartarugas marinhas; campanhas educativas sobre a problemática do lixo, iluminação artificial e trânsito de veículos nas praias; brincadeiras educativas, Cinema a Céu Aberto e ainda apresentações locais e região em datas comemorativas como dia do meio ambiente, folclore, criança, consciência negra, entre outras.

Para participar do grupo de capoeira não existem restrições e sim critérios para manutenção da vaga. O público alvo são crianças e adolescentes, mas participam também jovens e adultos. No primeiro momento o aluno preenche uma ficha de inscrição contendo informações básicas como nome, idade, filiação, número de documento pessoal, endereço e autorização dos pais quando menor de idade. Após inscrição o aluno pode frequentar as aulas gratuitamente. O fardamento pessoal, calça e camiseta, e os instrumentos; berimbau, atabaque, pandeiro, reco-reco e agogô, utilizados pelo grupo também são gratuitos, adquiridos através do apoio do Projeto Tamar.

Para manutenção da vaga o aluno é submetido a um processo de avaliação feito pelo professor do grupo cujos critérios são: efetividade nas aulas, bom comportamento e participação nas atividades educativas desenvolvidas pela equipe TAMAR.

Anualmente, o grupo promove eventos em cada localidade, Pirambu e Ponta dos Mangues, que são vinculados à programação do Culturarte, festival de cultura, arte e conservação desenvolvido pelo TAMAR, gestões públicas e comunidade. Esse momento é o mais esperado pelos alunos e por pessoas que prestigiam e valorizam os grupos folclóricos. O principal objetivo do evento é proporcionar alguns dias de vivência com antigos mestres e/ou professores de outros grupos de capoeira, oportunizando a troca de saberes através de palestras, oficinas, rodas de conversa e muitos jogos de capoeira.

Ao final do evento é realizada a entrega de certificados aos alunos participantes em clima de festa e confraternização, momento gratificante para todos que se envolvem de alguma forma pelo evento. Há pouco tempo atrás se fazia o batizado, ou seja, entrega da 1ª graduação aos alunos mais novos que estão vivenciando tudo àquilo pela primeira vez e também a troca de graduação para os alunos mais velhos. Também recebiam certificados pela participação, características da Capoeira Regional. Entretanto, migraram para a Capoeira Angola onde não existe o batizado e, conseqüentemente, a troca de cordões que simboliza o ato da graduação.

O campo de pesquisa, espaço onde são realizadas as aulas de capoeira, é denominado Clubinho da Tartaruga, localizado no município de Pirambu/SE. É uma estrutura de alvenaria construída por meio de um mutirão com um grupo folclórico da comunidade e voluntários, com apoio do Projeto TAMAR, os quais contribuíram com o exercício de pisar o barro para construir as paredes. Consiste em um salão que foi idealizado com o intuito de proporcionar um ambiente para uso da comunidade, sendo disponibilizado para realização de manifestações culturais, tais como: aula de dança, capoeira, ensaios de bandas musicais e grupos folclóricos. Além de reuniões e outros eventos promovidos pela população pirambuense.

Ao chegar ao referido espaço e observar suas paredes de taipa e a simplicidade na ornamentação, tem-se a sensação de estar em um quilombo, pois os elementos artesanais e artísticos tornam o ambiente acolhedor, um refúgio de libertação por meio da expressão corporal e da musicalidade.

Na entrada é notável um quadro informativo com dias e horários em que acontecem as atividades semanais. Ao adentrar para o local, o balançar das bandeirolas coloridas, em parte do teto, lembram o ritmo compassado dos grupos folclóricos presentes na comunidade e a vivacidade que os mesmos transmitem através da manifestação dos cantos e da dança.

Nas paredes o barro simboliza a terra fértil, e as crianças utilizaram os pigmentos de sua aquarela para darem um tom de alegria ao recinto através de pinturas espontâneas que

interagem com as imagens feitas por grafiteiros. Além disso, também possui a representação da memória dos encontros de cultura e arte, estampada em banners fixados na parede, e uma exposição fotográfica que revela momentos de ansiedade de componentes dos grupos que participam do cortejo, o qual faz parte da programação do evento Culturarte considerado significativo para o histórico cultural do povo pirambuense. No salão não poderia faltar a exposição reverente da bateria, a qual faz a festa da capoeira acontecer, composta por reco-reco, agogô, pandeiro, berimbau e atabaque, que também fazem parte da decoração.

Diante disso, e a partir de alguns diálogos presentes nas gravações das rodas de conversa, é possível identificar a relação dos integrantes do grupo de capoeira Unidos nas Tartarugas com o ambiente, inclusive quando realizam as aulas em locais diferenciados, como praia, cachoeira, lagoas, dunas, dentre outros espaços. Assim, torna o lugar vivido e apreciado, principalmente pelas crianças, que fazem ali as primeiras descobertas ou conhecimento das dimensões geográficas que compõem o seu município.

Através das práticas educativas desenvolvidas no grupo, os alunos têm a oportunidade de adquirir conhecimentos tanto históricos sobre a capoeira, como vivenciam valores de pertencimento, além de acessarem conteúdos pertinentes às diversidades naturais, tais como flora e fauna locais.

4.1 Práticas educativas desenvolvidas no grupo de capoeira Unidos nas Tartarugas

Além da prática de educação física desenvolvida, a qual proporciona equilíbrio, coordenação motora necessária para a execução dos golpes e condicionamento físico, os integrantes do grupo de capoeira Unidos nas Tartarugas desenvolvem também ações educativas que prezam pelo respeito, meio ambiente, regras e relacionamento entre eles. Essas práticas se concretizam através de diálogos na convivência, relações com outros grupos de capoeira, realização de trilhas ecológicas, passeios ciclísticos, soltura de filhotes, tartarugadas, apresentações locais e região, do entorno, em determinadas datas comemorativas.

Nas rodas de conversa foi possível observar a interpretação das letras de algumas músicas, consideradas de domínio público, que foram introduzidas na capoeira, assim como cantigas de própria autoria, isso com o intuito de compreender os cantos a partir do que provavelmente o autor estaria sentindo ao escrevê-la. Assim, envolve a sintonia com o ambiente por meio da harmonia da música sentindo-a e expressando-a no decorrer dos movimentos ou de sequências de golpes da capoeira, o que denominam de ‘Axé’.

Uma das práticas educativas desenvolvidas no grupo também é o hábito de refletir sobre o que diz a música e ao mesmo tempo relacionar as letras com as ações realizadas no cotidiano enquanto alunos, filhos, mãe, pai, ou seja, enquanto cidadãos. Isso ocorreu durante o período de observação, ao se referirem à abolição da escravidão:

*Dona Isabel que história é essa
Dona Isabel que história é essa ou iá, iá
De ter feito a abolição
De ser princesa boazinha que acabou com a escravidão
Eu tou cansado de conversa
Tou cansado de lutar
A abolição se fez com sangue
Que inundava esse país
E o negro transformou em luta, cansado de ser infeliz
Com a verdade da favela, não com a mentira da escola
A abolição se fez bem antes
Ainda por se fazer agora
Com a verdade da favela, não com a mentira da escola.*

(Ladainha cantada por mestre Toni Vargas, citada pelo professor de capoeira na gravação em 13/05/2015)

As conversas são norteadas com o intuito de estimular críticas e pensar soluções pra enfrentar o sistema opressor que dita as regras e camufla a verdade sobre um povo, consequentemente impossibilita de reconstruir sua moral e dignidade. A cultura de massa, bem como a influência da mídia, representam fortes ferramentas que contribuem para a produção de uma sociedade onde se almeja um padrão de identidade, e de beleza estética, através de mecanismos, para reproduzir cada vez mais seres dominados, preconceituosos e escravizados pelos diversos consumos da modernização.

Além disso, foram enfatizados fatos como os momentos para se cantar determinada música numa roda de capoeira, devendo haver situações propícias, tais como: o canto de saudação no início, denominado de ladainha, e o de despedida, os quais são obrigatórios. Já no decorrer da roda a bateria, formada por instrumentos e tocadores, em específico que está no comando, no caso o tocador do berimbau, deve ter a sabedoria para tocar e cantar de acordo com determinado jogo ou sintonia do ambiente, podendo também fazer uso da criatividade ao utilizar a improvisação nos cantos, rimas e encenação no jogo.

Os componentes do grupo discutiram sobre assuntos que acontecem na atualidade quando se referiram à escravidão e ao preconceito étnico racial como sendo universal, como não estando atrelado à nacionalidade e status social. Isso pode ser identificado nos relatos de alunos:

Garcia – “Ai, a gente tem que falar também que essa questão das pessoas que foram escravizadas, sobre o preconceito racial, não é só aqui que acontece, a gente

está vendo agora essa semana, quem está assistindo o jornal, os Estados Unidos está a maior, uma cidade que está sendo, a cidade inteira assim, protesto, as pessoas estão destruindo a cidade inteira porque os policiais mataram cidadãos, pessoas negras da cidade, e aí está todo mundo revoltado destruindo a cidade, porque é uma cidade com maioria negra e ainda tem preconceito da minoria de pessoas que são brancas. Então é uma coisa que ainda não é fora da realidade, ainda existe”.

Biriba – “E o presidente é negro, não é?”

(Transcrição de gravação realizada em 29/04/2015)

Ao analisar a contribuição de práticas para a formação da identidade negra dos participantes do grupo, percebe-se que são mencionados fragmentos históricos da vinda dos escravizados africanos para o solo brasileiro, o que contribuiu para exposição e troca de ideias sobre o transporte no navio negreiro, representada no diálogo abaixo:

Professor - *Como vocês imaginam que era o navio negreiro?”*

Biriba – “Um navio muito grande cheio de escravos”.

Garcia – “Ai, eu acho que era meio sujo né? Sem condições nenhuma”.

Biriba – “Sem higiene né?”

Garcia – “A galera era colocada junto com animais, sem comida, tinha rato”.

Biriba – “Embaixo, na parte de baixo”.

Garcia – “E assim, ninguém se preocupava com quem, se ia morrer ou não, criança e tal, aí, aí...”

Ferreira – “Tipo uma senzala, uma verdadeira senzala”.

(Transcrição de gravação realizada em 13/05/2015)

Desse modo, se posicionam quanto a ressentimentos ou situações constrangedoras que vivenciam ou vivenciaram devido à cor da pele, o corpo físico, a religião, opção sexual, dentre outras situações que representam ações preconceituosas sofridas pelos mesmos. E o que mais desperta atenção são as confirmações de que isso não ocorre no relacionamento entre as pessoas do grupo. Como é perceptível nos relatos a seguir:

Garcia – “[...] Assim, eu queria perguntar pros negros aqui do grupo, se ainda no dia-a-dia tem algumas situações de sentirem que existe algum preconceito em relação a cor? Porque a gente sabe que o preconceito tá em tudo, com o nordestino, com o sulista, com o homossexual, com qualquer pessoa, com qualquer tipo, pessoas que não é igual ao padrão, tem preconceito, mas, como é da escravidão, aí eu queria saber sobre as pessoas negras: se ainda senti, se alguma situação? Dividi com agente assim, alguma situação”.

Biriba – “Acho que ainda tem muita brincadeira de mau gosto”.

Professor – “Começa com Rogerd. Rogerd você sente algum tipo de preconceito hoje?”

Vieira – “Não”.

Professor – “Nenhum?”

Vieira – “Aqui não, na capoeira não”.

Santos – “Que eu saiba não”.

Professor – “Eu já, eu tenho acompanhado muito a capoeira lá fora, e eu mesmo já acabei sendo, como é que se diz, uma pessoa que viu os gringos jogando capoeira na Bahia e falei: por, até os gringos conseguem fazer isso e eu não consigo, isso também...”

Garcia – “É um preconceito. Porque ele não pode aprender? É uma pessoa como qualquer outra”.

Anjos – “Acho que não”.

Professor – “Nunca?”

Ferreira – “Nunca”.

Soledade – “Também não”.

Garcia – “Modelo tudo padrão”.

Professor – “Por ser magrinha? Todo mundo fala Amorinha?”

Menezes – “Sim!”

Professor – “E você se sente ofendida com isso?”

Menezes – Balança a cabeça, confirmando que sim.

Biriba – “Velho, eu já sofri muito quando eu era criança, porque eu era magrela também, baixinha, mas, eu nunca levei a sério não, essas coisas sempre levei na brincadeira”.

Garcia – “Ó, eu sempre tive, sofro preconceito até hoje, principalmente por causa da minha orientação sexual não ser igual a da maioria das pessoas. E aí isso é uma coisa que há um preconceito mais agressivo mesmo das pessoas, que às vezes agente conhece e ti julga por isso né, que é uma besteira que ninguém, um detalhe só da minha vida, não é a minha vida toda. [...] igual à pessoa que nasce negra talvez leve um preconceito ao resto da vida, mas isso aí faz parte, você tem que tirar de letra e não se importar um pouco”.

Cruz – “Não, por causa de cor não, nunca aconteceu não, que eu me lembre”.

Professor – “Você sofre algum tipo pela religião, por você ser do candomblé?”

Cruz – “Velho, isso aí eu sofro bastante, todo dia se for possível. Até no meu trabalho, onde eu chegar eu sofro”.

(Transcrição de gravação realizada em 13/05/2015)

Após a análise dos dados coletados em campo, constata-se que o estudo indicou práticas educativas voltadas para a conservação ambiental, em específico a relação do homem com a comunidade, por meio da valorização de princípios socioculturais manifestados pela capoeira, como também estímulos à construção da identidade negra através de relatos memoriais sobre a ancestralidade africana, além de enfatizar o respeito às diferenças existentes entre os integrantes do grupo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir essa pesquisa, em que se procurou identificar e refletir sobre as possíveis contribuições da capoeira na formação da identidade negra para os integrantes do grupo Unidos nas Tartarugas foi possível através dos pressupostos teóricos adquirir conhecimento histórico referente à formação do povo brasileiro e suas contribuições na formação da nossa cultura. Esse aprofundamento também contribuiu para reflexão acerca do cotidiano, das relações, das tradições e dos costumes que constroem e modelam o lugar. Assim como proporcionou a desmistificação sobre o potencial cognitivo das pessoas com cor de pele preta, algo tão desumano e cruel que me atrevo a fazer comparação com uma doença crônica que se alastra através do vento infectando a sociedade.

Participar das aulas de capoeira enquanto observadora levou-me a conhecer melhor a constituição do grupo, no que se refere ao relacionamento entre os membros, o qual proporciona laços de amizade, e apreciar o trabalho desenvolvido, a resistência social, bem como a manifestação dessa cultura, e sua relevância para a comunidade na qual é praticada.

Os integrantes, cuja construção identitária encontra-se em processo de formação, apesar de, em sua maioria, estar composto por crianças e adolescentes, os mesmos manifestam respeito e se identificam como negros, sendo que alguns demonstram noção de que essa identificação não se restringe a cor de pele ou características. Porém, devido ao nível de maturidade característica da fase de vida em que se encontra na infância e adolescência, talvez não percebam a complexidade que envolve essa problemática de descasos, injustiças e preconceito existente no meio social.

A formação da identidade negra no grupo de capoeira Unidos nas Tartarugas é compreendida e exercitada pelo coletivo, representadas nas vivências, comemorações e práticas educativas em que se enfatiza a história e memória dos antepassados ao defender a sequência de uma luta por uma sociedade democrática, onde o poder não se deve concentrar nas mãos da minoria, o que infelizmente está longe da nossa realidade social.

Neste sentido, o presente trabalho possui significativa relevância para a valorização da identidade negra e para o auto-reconhecimento como cidadãos de ascendência africana, em específico dos membros do grupo de capoeira Unidos nas Tartarugas, para a preservação da cultura pertencente ao grupo social que forma essa comunidade.

Entretanto, fatores como timidez, diferentes faixas etárias e níveis de escolaridades influenciaram bastante na participação ativa da maioria dos alunos. Nas gravações observou-

se que poucas pessoas, na maioria adulta contribuíram com opiniões ou questionamentos sobre os assuntos abordados durante as rodas de conversa.

Desse modo, conclui-se que a investigação sobre como o processo de formação da identidade negra pela Capoeira, permanece em aberto como um campo de pesquisa que pode auxiliar a compreender os significados atribuídos às práticas educativas pelas crianças e adolescentes que compõem o grupo, visto que os mesmos pouco se manifestaram durante o diálogo nas rodas de conversa.

REFERÊNCIAS

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Cultura popular e educação:** um estudo sobre a Capoeira Angola. R. Faced, Salvador, n.11, p. 201-214, jan/jun. 2007.

AGIER, Michel. **Distúrbios identitários em tempos de globalização.** 2001. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/mana/v7n2/a01v07n2.pdf>>. Acesso em: 26 de out. 2015.

BARBUJANI, Guido. **A invenção das raças.** [tradução Rodolfo Ilari] São Paulo: Contexto, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Do parecer no tocante às diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Parecer normativo, processo n.23001.000215/2002-96, de 10 de março de 2004. Relatora: Petronilha Beatriz e Silva. Brasília, p.1-21.

BRASIL. Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Folclore do Brasil:** pesquisa e notas. Portugal: Fundo de Cultura, 1967.

CASTRO, Maurício Barros de. **Na roda do mundo:** mestre João Grande entre a Bahia e Nova York. São Paulo: USP, 2007.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade.** 6ªed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

Chauí, Marilena de Souza. **Brasil:** mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006. p.5-29.

CRUZ, Fábio Souza da. **Do essencialismo ao não essencialismo? Reflexões sobre a identidade cultural do MST.** Lua nova, São Paulo, 2010.

GALLEP, Cristiano de Mello. **Foi agora que eu cheguei:** a Capoeira Angola e o desenvolvimento humano. Sítio das fontes – Jav V, Julho de 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/JAGVfinal.pdf>. Acesso em: 7 jun. 2015.

GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. **Sociedade e cultura sergipana:** parâmetros curriculares e texto/ Tereza Cristina Cerqueira da Graça, Josefa Eliana Souza, Manoel Luiz Cerqueira Filho. Aracaju: 2002.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos.** 2.ed. São Paulo: Contexto, 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia:** estudos culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: EDUSC, 2001

LUCINI, Marizete. **Fenomenologia Hermenêutica:** uma experiência metodológica. s/d

MARTINS, Joel. A pesquisa qualitativa. In: FAZENDA, Ivani (org). **Metodologia da pesquisa educacional.** 10. Ed. São Paulo: Cortez, 2006. p. 47-50.

MAESTRI, Mário. **A pedagogia do medo: disciplina, aprendizado e trabalho na escravidão brasileira.** In: STEPHANOU, Maria e BASTOS, Maria Helena Câmara (org.) Histórias e memórias da educação no Brasil, vol. I: séculos XVI – XVIII. Petrópolis, RJ; Vozes, 2004.

MASINI, Elcie F. Salzano. Enfoque fenomenológico de pesquisa em educação. In: FAZENDA, Ivani (org). **Metodologia da pesquisa educacional.** 10. Ed. São Paulo: Cortez, 2006. p.59-67.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O Desafio da Pesquisa Social. In:____.(org). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade.** 26. Ed. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2007, p.9-30.

MONTEIRO, Ednar Souza. **Construção da identidade no contexto sociocultural dos sujeitos.** Itabaiana: Gepiadde, ano 5, Volume 10/jul-dez de 2011.

MUNANGA, Kabengele. **Algumas considerações sobre “raça”, ação afirmativa e identidade negra no Brasil:** fundamentos antropológicos. REVISTA USP, São Paulo, n.68, p.46-57, dezembro/fevereiro 2005-2006.

_____. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia.**

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. **Capoeira, identidade e gênero:** ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil/ Josivaldo Pires de Oliveira, Luiz Augusto Pinheiro Leal. Salvador: EDUFBA, 2009.

PAIVA, Ilnete Porpino de. **A capoeira e os mestres.** Natal, RN, 2007. 166 p. Disponível em: <ftp://ftp.ufrn.br/pub/biblioteca/ext/bdtd/IlnetPP.pdf> Acesso em: 23 nov. 2015.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro:** a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais/ Tomaz Tadeu da Silva, Stuart Hall, Kathryn Woodward. 10. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença:** uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais/ Tomaz Tadeu da Silva, Stuart Hall. 10. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

YAHN, Carla Alves de Carvalho. SANTOS, Rubens Pereira dos. **Capoeira angola e literatura popular:** diálogos da tradição oral. Miscelânea, Assis, Vol.7, Jan./Jun. 2010.

ANEXOS

DIÁRIO DE CAMPO

Observação referente ao dia 29/04/2015

A aula foi iniciada com o alongamento, feito por uma aluna a pedido do professor, pois, o mesmo estava organizando os instrumentos no palco onde é formada a bateria da capoeira. Logo após, assume a aula fazendo movimentos específicos da capoeira, tais como: ginga, cocorinha e negativa. Em formação de duplas, o professor orienta que ajudem a quem ainda não conseguiu desenvolver os movimentos, como também que olhem no olho do parceiro realizando os movimentos com sintonia, os quais trabalham resistência, equilíbrio, respiração, junto à concentração nas letras de músicas tocadas durante esse primeiro momento da aula.

Logo após, os alunos sentam na roda, sendo abordadas, inicialmente, questões referentes ao respeito pelo espaço onde é montada a bateria da capoeira, além do cuidado ou zelo para com os instrumentos do grupo. Assim são convidados a ouvir e cantar a música fazendo a reflexão com o que foi dito. Prosseguiram com o diálogo a respeito da libertação dos escravos, discutindo sobre a lei áurea e o preconceito para com pessoas negras nos dias atuais.

Descrição da roda de conversa:

Professor – “O lugar onde vocês estavam sentados, onde fica a bateria, é um palco que tem várias finalidades, ele é um palco de teatro, por conta que clubinho é um espaço onde acontecem várias atividades, mas, se fosse apenas uma academia de capoeira esse espaço deveria ser um local sagrado. É falta de educação a pessoa chegar na casa de outras pessoas e entrar com o chinelo cheio de areia ou largar o chinelo em qualquer canto. Vocês concordam comigo isso? Então o capoeirista deve ter modos, a sala de treinamento é um espaço que a gente tem que manter limpo, é um espaço que temos que cuidar como se fosse a nossa casa, aqui é nosso espaço temos um horário que costumamos treinar, então gostaria que vocês respeitassem mais. Sentassem aqui somente quando todos viessem para a roda, senão começa a chegar gente, larga chinelo, larga mochila, aí o outro já está deitado, o está chutando, está brincando. Então, por favor, pessoal a gente tem que ter modos, respeitar o ambiente que a gente convive, manter limpo. E os instrumentos também tem que ser tratados com carinho, com cuidado, caprichar, tirar a maresia, mantê-los sempre afinados, desarmados para não

estragar. O arco berimbau musical o nosso instrumento é sagrado, por isso não é para ficar tocando e armando a qualquer momento, para isso cada um pode confeccionar o seu berimbau, a gente já conversou sobre isso, valores, quanto custa se quiser comprar no mercado ou se quiser fazer. Os nossos instrumentos, vou deixar bem claro, são para fazermos as rodas de capoeira e os nossos encontros, aí de repente veio essa música, vamos ouvir a música que fala do berimbau, nesse caso da viola (um tipo de berimbau)”.

Música:

A violinha chorou
Deixe a viola falar
Deixe ela dizer o que sente
É saudade de seu Valdemar

O gunga fez a pergunta
O médio logo retrucou
Me diga ai violinha
O por que do seu choro?

A violinha chorou
Deixe a viola falar
Deixe ela dizer o que sente
É saudade de seu Valdemar

Seu Valdemar da Paixão
Valdemar da Pero Vaz
Deixou comigo a saudade
Que não se acaba jamais

A violinha chorou
Deixe a viola falar
Deixe ela dizer o que sente
É saudade de seu Valdemar

A violinha que chora
Toca bonito sim senhor
Hoje traz a saudade
Nas mãos de outro tocador

A violinha chorou
Deixe a viola falar
Deixe ela dizer o que sente
É saudade de seu Valdemar

Pra você que é cantador
O berimbau é um tesouro
Cantava seu Valdemar

Tocando o seu mar de ouro

Professor – “pra você que é cantador o berimbau é um tesouro, mais uma vez a gente sempre dá várias voltas e sempre volta a falar de um ponto fundamental que é o respeito com a arte da capoeira, com a religião, com o ritual da capoeira. Então, o mestre Valdemar, citado na canção, era um fabricante de berimbau da Bahia, e muitos mestres dos dias atuais às vezes não sabem como tocar um berimbau, se não sabe tocar, muito menos confeccionar um berimbau. Para isso existem bons artesãos que fazem berimbaus, e todos iam buscar berimbau de mestre Valdemar. Depois que outros aprenderam a fazer começou a gerar uma competição, daí ele fazia o diferencial ao passar a pintá-los. Então Valdemar da Paixão que trouxe essa arte para a capoeira angola que foi de pintar os berimbaus, de dá cores, de dá vida as rodas de capoeira, e ele tinha um barracão, o barracão do seu Valdemar, um local onde tinha samba de roda, puxada de rede, maculelê, aconteciam muitos festejos e rodas de capoeira. Mas, mestre Valdemar não ensinou a capoeira, é cantado em todas as rodas pela sua especialidade em fabricar berimbau e a tocar, principalmente o berimbau viola que é o que faz o choro. Então o mestre barata faz essa brincadeira: ‘quando o gunga tocou, o médio seguiu a linha, do outro lado escutei o choro da violinha’. É fundamental esse detalhe na capoeira”.

Aluno (Anjos) – “Não sei se é verdade, mais ouvir falar que quando era festa de capoeira o mestre Valdemar tinha um terno, ele só tinha um, que foi do pai dele e ficou pra ele, era um terno de linho diagonal, branco”.

Professor – “Essa curiosidade que você está me dizendo realmente eu não conheço, mas vou procurar saber. Os mestres mais antigos costumavam usar terno de linho, provavelmente deve ser também uma característica do mestre Valdemar. Além de ser o fabricante de berimbau ele também era reconhecido por esse terno, é isso que você está me dizendo?”

Aluno (Anjos) – “É. Daí ele só usava esse terno nas festas de capoeira, por exemplo, o pessoal o convidava para um casamento ele só tinha um terno, ia com outra roupa mais simples, mas não usava porque era da capoeira”.

Professor – “A capoeira é isso, ela mostra as coisas pra gente sem a gente querer, em forma de metáforas, as coisas acontecem e as músicas servem para isso, para inspirar. Hoje ressaltar esse tema sobre o berimbau porque antes de chegar os meninos já estavam falando que ia querer tal berimbau, arme esse berimbau, o que estou querendo passar é que o berimbau não é apenas um pedaço de arame e um pedaço de pau que às vezes a música fala, é muito mais que isso, é um instrumento, não só o berimbau como também o pandeiro, o atabaque, o agogô, o

reco-reco, então todos tem um significado diferente, embora todos juntos tenham um significado em comum que é trazer a energia para a roda, fazer-nos de instrumentos.”

Estamos entrando no mês de maio, o que lembra o mês de maio para vocês?

Alunos – “Mamãe!”

Professor – “Além do dia das mães?”

Funcionária – “Meu aniversário”.

Aluna (Barbosa) – “Dia da mata atlântica”.

Aluna (Avila) – “Poderíamos ter um quadro para os aniversários não é?”

Professor – “Poderíamos. Todo mês canta parabéns”.

Aluna (Avila) – “Vamos fazer?”

Professor – “Mês de maio lembra uma data, 13 de maio, não uma data para ser lembrada só como um dia e como uma comemoração. Quem aqui gostaria de ser escravo? Ninguém gostaria de ser escravo? Trabalhar, trabalhar, sem nada ganhar, acorrentado. Então dia 13 de maio foi o dia em que no papel foi decretado assim: hoje não existe mais escravidão; uma lei, foi a liberdade dos negros, é comemorado no dia 13 de maio, só que não foi isso que libertou os negros, conseguiram a liberdade com muita luta, muito sangue derramado, muitas batalhas, muita opressão, muita miséria, foi muito sofrimento. Então tem gente que comemora o dia 13 de maio como a liberdade da escravidão, é só fazer uma roda de capoeira. É muito importante que cada capoeirista possa transmitir para as pessoas que o dia da liberdade tem que ser comemorado todos os dias e não foi uma princesa boazinha, a princesa Isabel que vocês aprendem na escola, que assinou e libertou eles, quem conseguiu essa liberdade foram os próprios negros, com muita luta, e a capoeira foi uma ferramenta fundamental, foi um instrumento para poderem se defender e lutar durante todos os anos em que ficaram reprimidos e acorrentados. Então a abolição, mestre Toni Vargas falava: “se fez com sangue que inundava todo esse país, que o negro transformou em luta cansado de ser infeliz”. Já está na hora de mostrar para a sociedade que a escravidão acabou. O que vocês acham sobre o preconceito? Vocês acham que mesmo com a liberdade ainda tem gente que trabalha escravo, que sofre preconceito, vocês acreditam que isso acontece?”

Alunos – “Sim”.

Professor – “É uma lei que vai liberar isso? Então a gente tem que mostrar com as nossas atitudes do dia-a-dia, não devemos baixar a cabeça pra ninguém, a não ser pai e mãe, pessoas mais velhas que dão conselho, devemos respeitar, baixar a cabeça no sentido de alguém vir a obrigar você a fazer algo sem ter um por que, pois temos que ser questionador, o capoeirista

tem que ser um eterno questionador, na roda da capoeira a gente pergunta a todo tempo, pergunta e responde, não com palavras, mas em movimentos. Vocês tem que tentar se aproximar ao máximo dessa energia que a capoeira traz de liberdade e levar isso para a vida de vocês. Mais alguém quer complementar?”

Aluna (Avila) – “Acho que como é o mês da lei áurea a gente poderia falar mais sobre isso”.

Professor – “Pesquisar. Vamos pesquisar então?”

Aluna (Avila) – “Combinar de fazer alguma atividade, trazer para a próxima aula. Falou dos cartazes”.

Aluno (Garcia) – “Pode partir de cada um trazendo uma coisa que ache interessante primeiro, a gente pode ir lendo, durante o mês a gente vai confeccionando alguma coisa. Um painel”.

Aluno (Anjos) – “Aquela comunidade que está se levantando ali antes da ponte, do lado direito para quem vem chegando em Pirambu...”

Aluna (Avila) – “Pontal da Barra”.

Aluno (Anjos) – “Acho que é essa, parece que é uma comunidade quilombola.”

Aluna (Avila) – “Isso”.

Professor – “Exatamente”.

Aluno (Anjos) – “Será que é de verdade mesmo?”.

Professor – “Vocês sabem o que são comunidades quilombolas?”

Aluno (Anjos) – “Vem de quilombos”.

Professor – “Que tem herança dos escravos”.

Aluna (Barbosa) – “São descendentes”.

Professor – “descendentes de escravos, não é?”

Aluna (Avila) – “Os negros que foram escravizados”.

Aluno (Anjos) – “O quilombo era o lugar onde eles se refugiavam, eles eram escravos, mas eram rebeldes e fugiam para os quilombos”.

Professor – “Exatamente”.

Aluna (Barbosa) – “São os escravos que fugiam”.

Professor – “O quilombo mais conhecido, o quilombo dos Palmares. Quem foi o líder, lembram? Zumbi. Em 1855 nasceu Francisco como escravo, mas como herói Zumbi ficou conhecido”.

Aluno (Garcia) – “Ai a gente tem que falar também que essa questão das pessoas que foram escravizadas, sobre o preconceito racial, não é só aqui que acontece a gente está vendo agora essa semana, quem está assistindo o jornal, os Estados Unidos está a maior, uma cidade que

está sendo, a cidade inteira assim, protesto, as pessoas estão destruindo a cidade inteira porque os policiais mataram cidadãos, pessoas negras da cidade, e aí está todo mundo revoltado destruindo a cidade, porque é uma cidade com maioria negra e ainda tem preconceito da minoria de pessoas que são brancas. Então é uma coisa que ainda não é fora da realidade, ainda existe.”

Aluna (Biriba) – “E o presidente é negro, não é?”

Professor – “Uma coisa legal que Thiagony (secretário de cultura do município) postou no grupo nosso grupo lá, pra quem não viu, mais a capoeira lá em, onde está tendo as guerras lá, num país africano, o cara dá um depoimento que ele só tinha pensamento de matar, de estuprar, de fazer coisas ruins e através da capoeira ele já não tem mais esse pensamento, pelo contrário, ele falou que queria voltar pra casa dele pra ensinar aos irmãos mais novos e aos irmãos mais velhos a capoeira, e o sonho dele era ser professor de capoeira”.

“Quem está estudando vai ter que apresentar algum trabalho na escola, de certeza, se a professora não pedir vocês falam: professora agente não vai falar nada sobre a libertação dos escravos? Sobre a lei áurea e a princesa Isabel?”

Aluno (Ferreira) – “Principalmente o professor de história”.

Professor – “Principalmente o professor de história. E o que vocês aprenderem lá eu quero que vocês tragam pra falar na aula. Beleza Vítor? Pergunta pra sua professora”.

Em seguida, iniciou a roda de capoeira com a ladainha:

No tempo dos meus avós
No tempo de meus pais
Palavra valia mais colega velho
Do que qualquer documento
Mas hoje em dia em nosso tempo
O que antes não se via
Palavra está sem valia colega velho
O que vale é um pedaço de papel
Onde tu fica corrompido
Só vale o que está escrito camaradinha
Viva a meu Deus
Iê viva a meu Deus camarada
Viva a meu Mestre

Iê viva a meu Mestre camarada
Camarada quem me ensinou
Iê quem me ensinou camarada
Camarada a Capoeira
Iê a Capoeira camarada
Jogo de Angola
Iê jogo de Angola camarada

DIÁRIO DE CAMPO

Observação referente ao dia 06/05/2015

A aula teve início às 17h50min, porém às 17h00min o espaço já está aberto, assim as crianças vão chegando e ficam brincando de bicicleta, de pega-pega, mula-mula e algumas fazem alongamento. Foi iniciada sem a presença do professor, sendo conduzida pelo estagiário do grupo, com 12 integrantes, formando uma grande roda.

Logo após 5 minutos o professor chegou, enquanto o estagiário fazia o alongamento o professor começou a armar o berimbau e organizar os outros instrumentos no palco, o que representa o espaço onde fica a bateria da capoeira.

Enquanto isso observa se os alunos estão realizando os movimentos, tais como: alongamento correto da coluna, pernas e braços. Separa as crianças que estão conversando e começa a afinar o berimbau. Após organizar os instrumentos o professor se direciona à roda cumprimentando os alunos com aperto de mão e senta junto a eles para participar do alongamento.

Durante a realização dos movimentos é possível observar que cada aluno executa-os de formas diferenciadas, o que caracteriza as diferentes identidades, sendo assim, uns dão risadas, principalmente as crianças, já outros demonstram concentração através de gestos como fechar os olhos e trabalhar o exercício da respiração.

Depois de 15 minutos o professor assume a aula concluindo o alongamento, bem como a sequência de movimentação da capoeira. Em seguida, inicia-se a roda de conversa, cujo tema abordado é regras, tendo duração de 8 minutos e 27 segundos, no primeiro momento. Já no segundo duraram 8 minutos e 47 segundos, totalizando 17 minutos e 12 segundos de conversação.

Descrição da roda de conversa:

Professor- “O que foi que nós conversamos na aula passada?”

Aluno – “Falou que não era pra ficar em cima do palco”.

Professor- “O palco, exatamente, não tem problema nenhum ficar, mas durante a aula da capoeira nós como capoeiristas temos que respeitar onde fica a bateria, até que a gente pense

em fazer a bateria num outro lugar ou num banco para fazer a bateria, aí ninguém sobe. Nino, se alguém for lá ao terreiro subir com o pé na bateria, de qualquer jeito, isso é o que?”

Aluno (Oliveira) – “Falta de respeito”.

Professor – “Se alguém chegar na sua casa Leila e fechar a geladeira com o pé, ou subir com o pé em cima do sofá ou pisar no tapete com o sapato sujo, é o que?”

Aluna (Cardoso)- “Falta de respeito”.

Professor – “Então, a gente chegar no nosso “casuar”, na nossa sala de treinamento é uma falta de respeito a gente entrar com o pé sujo, a gente entrar gritando, a gente ficar empinando bicicleta na frente do clubinho, que isso é uma coisa que eu vou conversar com vocês depois.”

“Então, não temos regras pra tênis, mas a gente tem regras pra algumas coisas porque sem regras nada funciona, vira uma bagunça. Todos os locais que a gente vai, na sala de aula, é na nossa casa, então a gente precisa ter regras. Uma das regras que quero frisar hoje, a aula passada foi berimbau, o nosso respeito com o nosso... Como se chama isso aqui Nino? “congar”? Como é o nome onde ficam os instrumentos, onde ficam os atabaques dentro de um terreiro?”

“Na igreja eu sei que é o altar, onde se ler a bíblia.”

Aluno (Oliveira) - “Esqueci”.

Professor – “Eu que sou professor não sei o nome, acredito que é a bateria que a gente sempre fala, mas vou pesquisar pra saber agora o nome disso exatamente. Então falamos sobre isso”.

“Hoje quero falar sobre as regras pra se treinar a capoeira porque, senão vira bagunça, um dia vem três, no nosso batizado em dezembro tinha trinta e sete dos trinta e sete estão frequentando nove, nem dez, alguns vem de vez em quando, tem aula eu entendo. Então gente, se alguém tem algum amigo ou amiga que queira treinar capoeira: pode treinar capoeira? Pode. Primeira regra: trazer um documento, todo mundo tem um pai, uma mãe ou um avô que cuida, tem que ter um responsável legal, tragam o documento. E segundo tem que vim acompanhado pelo responsável se for menor de idade. Então eu vi cinco meninos aí com vocês empinando bicicleta, eu não quero saber, você é capoeirista, está com uma farda, você veio para o treino, sua mãe está achando que você está no treino, ela não está achando que você está na rua empinando bicicleta. Tem regras, você chegou às 17h30min, entre, o professor não está, a gente tem um estagiário que está puxando o alongamento, também tem Beto que tem conhecimento pois treina musculação a muito tempo, tem Marcela que está

estudando educação física, tem muitas pessoas capacitadas para puxar o alongamento leve até o professor chegar e decidirmos o que vamos treinar.”

“Isso não é só na capoeira, isso é na vida da gente, isso é pra vida toda, respeito cabe em qualquer lugar, disciplina, em todos os lugares. Então aprendam isso que vocês vão se dá bem na vida, vão ser pessoas de bem, queridos por todos, tendo educação a gente chega em qualquer lugar.”

“Só uma palavrinha pra gente se organizar e não virar bagunça.”

“Alguém quer dizer alguma coisa sobre isso? Principalmente as pessoas que estão a mais tempo no grupo. Acho que a gente tem que ter disciplina e ter essa linha. Vai chegar um momento que se tiver cinquenta pessoas pra treinar, vocês acham que treinam cinquenta pessoas aqui? Não treinam gente.”

Aluno (Garcia) – “Acho que quando a gente vem pra cá a gente vem pra ter aula de capoeira, então, igual aos meninos mais novos, às vezes você ainda não está aqui, mas um aluno está puxando o alongamento, daí ninguém está afim. Acho que não está afim então não precisa vim pra cá, pode brincar em qualquer lugar, porque a gente vem pra treinar capoeira, pra conversar sobre capoeira”.

Professor – “Certo. A gente já fez duas tentativas no passado de separar as crianças dos adultos, só que aí não deu certo, porque que na minha opinião não deu certo, porque, adultos vinham nas aulas das crianças porque queriam treinar, aí depois as crianças se achavam no direito de também vim nas aulas dos adultos, as vezes não tinha gente e deixava treinar, quando estava cheio a pessoa vinha inspirada pra treinar eu não ia dizer não. Acho que a gente não precisa ter essa divisão, basta ter educação e respeito um pelo outro.”

Aluno (Garcia) – “Acho até legal esse negócio de misturar, porque a gente acaba tendo uma amizade com criança, porque no seu dia-a-dia você não tem tanta amizade com criança igual a gente tem aqui no grupo, então eu me considero amigo de todo mundo, e é legal isso”.

Professor – “A gente aprende com as crianças e elas aprendem com a gente”.

Aluno (Oliveira) “É bom também botar a chamada né”.

Professor – “Mas isso Kalika já anota, a gente não faz chamada, vai chegando e ela anota. Kalika está ausente, vou perguntar pra Marta se ela está anotando o nome das pessoas. Isso também é uma condição pra treinar capoeira, a gente não pode esquecer para as crianças notas boas, o batizado vai chegar em dezembro e eu vou cobrar o boletim, outra coisa é frequência nas aulas. Não adianta vim dois dias e faltar uma semana, duas, três, faltar pode, avise.”

“Isso que estou falando pra vocês não estou inventando da minha cabeça, isso é passado de geração pra geração, desde os nossos avós. Capoeira veio de África, lá na África, lá no passado tinha giz e lousa pra ensinar, vocês acham que tinham isso?”

Alunos – “Não.”

Professor – “Não tinha. O conhecimento, os valores, os princípios eram passados oralmente e a pessoa tinha que está atenta para ouvir porque se não ouvisse perdia. Então a aula passada eu falei sobre os berimbaus, quem não veio perdeu. Procure saber com outro ou depois me procure no final da aula. Hoje falei sobre a regra da capoeira, semana que vem se chegar um cara diferente aí eu vou fingir que nem conheço, vou deixar, a hora que vier treinar: sente ali por favor assista a aula.”

- Posso treinar? Aí vem pedi pra mim.

- Pode, traga sua mãe ou seu pai, traga seus documentos e venha fazer a inscrição. Do contrário, não treina. Alguém paga alguma coisa pra treinar aqui?

Alunos – “Não”.

Professor – “Vocês acham que eu recebo alguma coisa pra vim até aqui? Então pessoal isso se chama compromisso, estava em Aracaju deixei de fazer algumas coisas pra vim correndo porque eu tenho compromisso com o grupo. Espero o mínimo de vocês compromisso com o grupo, principalmente com a capoeira. Vamos lá? Vamos fazer algumas movimentações depois a gente faz roda.

Roda de capoeira

Música:

Mandei cair meu sobrado
Mandei, mandei, mandei.
Mandei cair de amarelo
Caiei, caiei, caiei.

Como é bom agente ver,
Um berimbau bem tocado,
O meu corpo se arrepiando todo,
Meu coração bate descompassado.

Mais eu mandei.

Mandei cair meu sobrado
Mandei, mandei, mandei.
Mandei cair de amarelo
Caiei, caiei, caiei.

Ó Deus salve essa casa santa
Onde agente faz a morada
Eu só peço a Deus nessa vida
Que agente não fique parado na estrada.

Mais eu mandei.

Mandei cair meu sobrado
Mandei, mandei, mandei.
Mandei cair de amarelo
Caiei, caiei, caiei.

Segundo momento de conversa:

Professor – “Gente, lembrei agora de uma coisa pra dizer a vocês, eu estou muito feliz, muito feliz mesmo, porque um sonho que havia planejado lá atrás está se realizando, está se concretizando, que é a gente ter um espaço lá em Ponta dos Mangues pra treinar capoeira. Já levantamos os coqueiros, colocamos a madeira e hoje me ligaram que já está metade coberto”.

Aluno (Anjos) – “Vamos inaugurar, não é?”

Professor – “Sim. Esse sobrado que cantei agora, mandei cair meu sobrado, cair, calhar, vai depender do modo de falar, é pintar, dá uma geral. O sobrado é a sala, é o ambiente, o casuar dele. Então estou dizendo que estou muito feliz mesmo porque muita das coisas às vezes só anda se você estiver junto, se tiver o olhar do dono, só acontece treino se o professor estiver, isso é o que mais se vê e quando eu vejo, chego aqui e vocês estão treinando, isso é uma satisfação muito grande para mim, saber que aquilo que eu gostaria que acontecesse está acontecendo, está engatinhando, mas, está acontecendo. Tudo é um processo. E lá também em Ponta dos Mangues não foi diferente, as coisas só estavam acontecendo quando eu estava lá. Aí sem eu nem imaginar hoje me ligaram, tinham seis pessoas trabalhando, apareceu gente entregando palha, abrindo palha, então assim, fiquei muito feliz sem eu está lá e amanhã estou indo pra lá para conferir e terminar. Depois agente vai fazer o contra piso, esse contra piso vai ser um mutirão, provavelmente vai ser no dia 23 desse mês”.

Aluna (Biriba) – “Ainda?”

Professor – “Desse mês ainda. Se tudo der certo”.

Aluna (Biriba) – “Cai em que dia?”

Professor – “Cai no sábado. Então, estão todos convidados. Quem quiser ir a gente vai fazer um churrasco, vamos fazer bastante bagunça, vamos fazer uma roda de capoeira, não vai ser no casuar, vai ser lá em outro lugar, um treino, porque tem que esperar ficar pronto. Isso é o presente, não é, é uma coisa muito simples tá, é de palha como eu falei, mas, tem grande valor, não só para mim mais também para todas aquelas pessoas que tem lá, porque aqui vocês tem o clubinho para treinar, mas, lá a gente não tem nada, treina no colégio, chega lá tem bosta de cachorro, tem buraco, a gente vai lá tampa e aparece outro, chega lá o vigia não abre e não tem treino, aí muda pra Maria, chega lá tudo sujo. Então mais uma vez refletindo sobre o que a gente falou na aula passada e hoje, não é, a gente tem que ter o espaço e tem que cuidar desse espaço para que as coisas se perpetuem, as coisas andem pra frente e no momento que eu não estiver mais aqui tem um outro professor que vai zelar e vai passar aquele ensinamento adiante. Entenderam? Isso já vem de antepassados e ainda não vai parar. Então as coisas quando a gente está com muita emoção, a música, os sentimentos se afloram e, conseqüentemente, vem o jogo bonito que quero ver agora.”

DIÁRIO DE CAMPO

Observação referente ao dia 11/05/2015

Hoje quando as crianças chegaram foram sentando e alguns brincando, faziam os movimentos da capoeira, como também criando outras acrobacias. Quando o professor chegou fizeram silêncio, e os que estavam no palco, em específicos os que haviam faltado na aula anterior, logo saíram, pois, tinham sido comunicados pelos colegas da conversa da aula passada.

Aos poucos chegam alguns jovens e adultos, iniciando a aula, todos formam uma grande aula para fazerem a movimentação da ginga. Como hoje vieram muitos alunos foi preciso formar filas para melhor aproveitamento do espaço. Após alguns minutos fizeram o alongamento.

Descrição da roda de conversa:

Professor – “A capoeira se desenvolveu como luta... como...”

Aluno (Anjos) – “Acho que como uma dança, um ritual. Daí eles introduziram os golpes”.

Professor – “A capoeira, como já falei em outras vezes, a capoeira regional 100% esporte, ela é brasileira, genuinamente brasileira, foi criada por mestre Bimba. Mas, antes de mestre Bimba já existia, capoeira, esse termo capoeira ele é do final do século XIX, século XX, já início do século XX, mas antigamente as pessoas já praticavam a capoeira sem saber que ela era capoeira. Lembra do termo capoeira? É uma técnica de agricultura, onde os negros africanos ficavam na capoeira, aonde eles cortavam o mato ou pisavam muito e o mato ficava lá apodrecendo. Então mato ralo, mato que já foi pisado, essa é a verdadeira origem da palavra. Só que os patrões falavam: - cadê os negros? Aí o capitão do mato falava: - Os negros estão lá na capoeira. Mas ninguém sabia que eles estavam lá na capoeira praticando o N’golo, então lá na África se agente for não existe capoeira angola. O que mais se aproxima na África é a dança da zebra ou N’golo, que é uma luta, preciso desse documentário pra passar que eu não tenho...”

Aluno (Garcia) – “Passa mesmo”.

Professor – “Os caras ficam assim olhem (faz os gestos), só esperando o momento para dá um murro e nocauteá-lo, isso era uma disputa por mulher, por ser guerreiro. Então a dança da

zebra que era baseada nas zebras mesmo que davam os coices, é tanto que o golpe mais conhecidos no N'golo é a chapa giratória, que é o coice de uma zebra, de um cavalo, então é o N'golo. No Brasil você não tem o N'golo, mas os negros praticavam, e nessa prática onde se misturou diferentes povos de África, então o N'golo é de uma região específica. Mas num outro povoado já mais ao norte eles praticavam um outro nome, que não chamava N'golo mais também era muito parecido. Quando juntou no Brasil eles estavam lá na capoeira onde o mato era ralo, porque ou era capoeira ou coivara. A coivara a gente conhece muito dos coqueirais, não é? Os caras cortam as palhas de coqueiro, as cascas e vamos colocar na coivara para queimar. A coivara é uma técnica indígena que o negro africano não adotava isso, porque com a queima você acaba perdendo os nutrientes da terra, você deixando apodrecer a matéria orgânica aquela terra vai ficar mais nutritiva pra próxima plantação. Então eles estavam na capoeira praticando o N'golo, só que isso se perpetuou ao longo do tempo e quando chegou o momento que eles não queriam mais, é, serem, abaixarem a cabeça pro senhorzinho, a gente tem uma referencia muito forte que é a guerra do Paraguai, onde todos os negros em troca da liberdade iam lutar contra outros povos, então aí sim a luta é capoeira, aí sim. Então a capoeira angola, quando eu falo que a capoeira vem de África, ela não é só a luta, ela é tradição de um povo, ela é os costumes...”

Aluno (Garcia) – “Musicalidade, não é?”

Professor – “musicalidade e principalmente o ritual. O fato, que a gente já falou em duas aulas anteriores, de você reverenciar o atabaque, reverenciar o berimbau, tratar um instrumento como uma coisa religiosa, isso é muito forte, de um povo e de uma cultura”.

Aluno (Garcia) – “Uma dúvida que eu tenho: você comentou de índio não é? E aí eu não tenho, nunca ouvir falar nada assim de algum envolvimento dos negros com os índios, sabe, se os índios, de repente se você sabe se algum índio chegou a praticar capoeira também, aprenderam com quem?”

Professor – “Ah, eu acho que eles tinham as técnicas deles”.

Aluno (Garcia) – “Porque foram dois povos que foram marginalizados não é, que foram excluídos no Brasil quando o Brasil foi colonizado, tanto os negros como os índios. Então por serem dois povos que foram diminuídos, será que teve algum, assim integração entre eles, tipo ai vamos nos unir que a gente é oprimido, entendeu? E o negro aprendeu com o índio e o índio aprendeu com o negro?”

Professor – “O que eu conheço é que...”

Aluno (Garcia) – “Alguém já ouviu falar alguma coisa disso?”

Professor – “o índio ele não servia para ser escravo...”

Aluno (Anjos) – “O índio não se deixava, ele morria, mas não trabalhava”.

Aluna (Biriba) – “Não baixava a cabeça”.

Professor – “Já o negro, ele já era escravizado há muito tempo já na África, no Brasil foi um contexto na história, mas ele já era escravizado para a Europa, a escravidão já existia muito antes do Brasil ser descoberto. Então veio de África, isso não tem dúvida. Então a gente não pode afirmar que ela é 100% brasileira, e uma coisa que ficou...”

Aluno (Anjos) – “E o povo brasileiro é tão brasileiro assim não é? Se você for olhar um pouco”.

Professor – “Só que nisso existe uma dinâmica muito forte, hoje a capoeira é contemporânea, hoje já se mistura as duas, enfim. Mas a gente não pode perder a identidade, não pode perder a tradição e essa manifestação cultural, não adianta a gente falar que a capoeira é 100% brasileira é a mesma coisa que a gente apagar uma história. Aí na aula passada ficou uma dúvida sobre o canto da bateria, não é, e eu liguei pro mestre Alvinho pra perguntar a ele, tentei pesquisar, não achei nada, só fala da disposição das baterias e o mestre Alvinho falou uma coisa muito interessante, que o lance de se treinar capoeira em salas, em academias, isso foi a partir de mestre Pastinha, antes de mestre Pastinha, que organizou a capoeira angola, a capoeira era praticada nos barracões, dentro dos centros de candomblés, de práticas culturais, práticas religiosas, aí os caras jogavam capoeira em praças, ruas, chegava um: aí só são três berimbaus? Não antigamente chegava um com um berimbau tocava, chegava outro com pandeiro, se tivesse dez berimbaus, tocava dez berimbaus e a galera praticava. O fato de se jogar capoeira em salas, fazer um treinamento para o cara aprender a técnica, aprender a cultura, isso foi a partir de mestre Pastinha. Pastinha ensinou capoeira em 1910, então...”

Aluno (Garcia) – “Mas muitas escolas esquecem um pouco dessa parte não é? De contar história, de falar. Muitas academias assim, não sei porque eu só treinei aqui, mas deve ter academia que só faz a parte física mesmo que não passa essa, que essa parte que eu pelo menos me interessa, acho super legal essa parte da história, de conhecer, dos instrumentos, todas essas coisas eu acho que é bem legal a gente saber que está fazendo uma coisa bacana.”

Professor – “Exatamente. Não adianta, até um gringo aprende a capoeira se bobear, entendeu, o cara que não tem nada a ver, às vezes não fala nem o português e está lá aprendendo capoeira”.

Aluno (Garcia) – “Pois é. Igual aquele congresso que nós fomos e tinham aqueles caras lá”.

Professor – “Mas só que a gente, não existe uma forma de aprender capoeira se a gente não procurar se interessar e não se aprofundar na cultura africana. Então a música, a dança, essa disputa, essa ideologia, enfim, todas as características que estão presentes dentro da capoeira ela veio de África gente, então a gente não pode negar isso de forma alguma. Sofreu um processo, esse dinamismo de várias coisas que foram introduzidas, até mestre Pastinha mesmo, o que a gente se diz o mais tradicional, também modificou um pouquinho: a vamos treinar em academia, o sistema é assim. Então ficou aquela dúvida, como que a gente chama esse espaço onde é o canto da bateria? Então no catolicismo, nas igrejas, é o altar”.

Aluno (Anjos) – “Isso que mestre Alvinho falou?”

Professor – “Então, aí o mestre Alvinho falou que ele também vai pesquisar mais”.

Aluno (Garcia) – “Então ele não sabe?”

Professor – “Porque não se tem, ele falou”.

Aluno (Garcia) – “De repente não tem um nome”.

Professor – “Não se tem um nome”.

Aluno (Garcia) – “Vamos dá”.

Professor – “Se chama o canto da bateria e a bateria. Então isso é interessante pra gente saber também, porque lá na África não existia isso, por isso que você falou Beto, a gente melhorou, fez uma certa melhorada na capoeira”.

Aluno (Garcia) – “Eu falo porque também toda tradição assim, uma cultura, uma tradição, quando você vai passando de geração em geração alguma coisa vai se perdendo não é, as coisas vão se perder um pouquinho, não vai ser mantido tão igualzinho e vai se perdendo e vai agregando outras coisas, não que seja uma coisa ruim”.

Professor – “É natural que se transforme. Modernizar sim, mas sem perder a identidade”.

Aluno (Garcia) – “A essência não é?”

Professor – “Exatamente. Então até que ponto isso pode ser mudado? É uma coisa que a gente tem que fazer a pergunta pra gente mesmo. Será que realmente todo mundo pode vim descalço, todo mundo pode vim treinar do jeito que quiser? Hoje eu tenho essa flexibilidade, mas talvez você vai em uma outra academia e não vai ter, porque isso está no comando do mestre, do professor. Então, por isso que é importante a gente não acreditar só naquilo que o professor fala, a verdade minha não é a verdade absoluta. Então é importante que todo mundo pesquise e questione o professor, pra mim também me sentir ou mais espere aí os caras estão ligeiros, eu vou procurar me aprofundar mais, vou procurar saber com um mestre mais antigo pra gente não perder essa identidade cultural.”

Aluno (Anjos) – “Do judô e do gilpcio chama-se dojo”.

Professor – “Dojo?”

Aluno (Anjos) – “E do caráter é chocotam”.

Aluno (Garcia) – “O que?”

Aluno (Anjos) – “Esse lugar onde se treina”.

Professor – “Mestre Curió, que foi aluno do mestre Pastinha, ele fala uma coisa que eu acho assim, espetacular, ele fala assim ó: aonde rola dinheiro não se tem honestidade, não se tem sinceridade mais. Então a capoeira tornou-se um meio de ganhar dinheiro, um mercado pra muitos mestres, pra muitas pessoas. Então o cara, no passado mesmo, a capoeira angola estava sendo esquecida porque sofria um processo de preconceito muito forte que quem era negro, já não precisava nem, já estava estampado não é, e o branco, se ele treinasse aquela capoeira do negro ele era discriminado, mas aí um cara teve a sacada de falar: não eu vou fazer uma “capoeira” pra branco, criou a luta regional. Então foi o que? Dinheiro. Aí o mestre Curió fala na época falaram que a capoeira era esporte, pra ganhar dinheiro, e agora que está sendo reconhecida como patrimônio cultural a roda de capoeira, aí os regionais se diz todo capoeirista é angoleiro agora, porque além do dinheiro do esporte o cara quer também o recurso da cultura. Então cara, a gente não pode confundir capoeira regional é regional”.

Aluno (Anjos) – “Hoje passou na televisão, no jornal, uma reportagem que teve uma capoeira Brasil lá que fez um evento ontem, grande viu”.

Aluno (Garcia) – “Só que eu acho também que não pode generalizar, não é Nenê, porque tem pessoas, mestres, que passam o conhecimento da capoeira e vivem disso. Então eu acho assim, igual o músico, o músico não pode sair cantando de graça em todos os lugares porque ele vive daquilo. Eu acho assim, você está querendo dizer da banalização da capoeira, a vou fazer só pra ganhar dinheiro, mas tem gente que, mestres, que vivem da capoeira”.

Professor – “Precisa.”

Aluno (Garcia) – “Precisa daquilo não é?”

Professor – “Exatamente!”

Aluno (Garcia) – “E ainda, e são pessoas que transmitem o conhecimento, e eu acho que é válido também, não pode generalizar também não é”.

Professor – “Mas, a capoeira não é uma só, eu tinha esse discurso antigamente, a capoeira é uma só, eu sou capoeira, eu jogo angola e jogo regional, não, a capoeira não é uma só, a capoeira verdadeira é a de angola, a regional já foi um processo de dentro de um contexto histórico no Brasil, entendeu, é isso que é importante agente saber, transmitir para as outras

peças também. Então, eu gosto da regional eu vou praticar a regional, tem mestres que falam eu sou angoleiro, mestre Bimba foi angoleiro, mas ele não queria mais angola, ele nunca discriminou angola, ele sempre falou da angola, mas a técnica dele, dentro da academia dele, é a regional. Entendeu?”

Aluno (Garcia) – “Quer ver uma coisa moderna da capoeira, que a gente ver e você não ver falar antigamente na história, é a presença de mulheres na capoeira. Não é?”

Professor – “Exatamente”.

Aluno (Garcia) – “E eu acho que a presença de mulheres na capoeira vem dessa modificação que a capoeira teve entendeu”.

Professor – “Dessa contemporaneidade”.

Aluno (Garcia) – “Porque antes eram só lutas, só homens não é. E isso é uma coisa legal da modernização da capoeira”.

Professor – “E uma outra curiosidade, nesse gancho aí, depois que a mulher poderia jogar capoeira, ela poderia jogar, mas, não poderia tocar e nem cantar, e hoje agente ver rodas só de mulheres”.

Aluno (Garcia) – “Mais isso também porque as mulheres não podiam fazer nada antigamente”.

Professor – “Então, por isso que eu falo, tudo é dentro de um processo histórico, social. Entendeu? Mas é aquilo, não podemos, modernizar sim, contemporizar sim, eu acho que tudo é válido. A gente não está cantando música de tartaruga aqui no nosso grupo? Sobre meio ambiente? No passado não se cantava isso, hoje agente canta. É ruim ou é bom isso para a capoeira? Eu não sei dizer. Quem vai dizer é um mestre antigo ou daqui a trinta anos vamos ver como vai está isso. Mas o que a gente não pode deixar perder é essa essência de elementos de religião, a capoeira pra muitas pessoas é religião sim, pra outras não, é só esporte. Então a capoeira é um mar de conhecimento, e a gente só vai conhecer quando estiver dentro dela. Quem conhece o mar? Ah, conheço olhando, mas vá pra lá pro mar. Entendeu gente? Então ainda não temos a resposta do nome disso, talvez nem se tenha esse nome, talvez a gente vai começar a dá um nome agora que a gente está se perguntando, vamos dá um nome então ou é. Vamos perguntar ao mestre antigo, mas no candomblé, aonde fica os atabaques, o lugar é fixo, é o conggar, no catolicismo é o altar.”

Aluno (Anjos) – “Gonggar, não é?”

Professor – “Gonggar. E aqui, o que é mais importante, que o mestre Alvinho falou, ela tem que ser sempre de frente para a porta de entrada. Isso é uma coisa que a gente já faz desde o

início aqui, não é. E uma coisa que ele falou bem legal, que o atabaque geralmente nos festivais de capoeira angola, o atabaque é sempre coberto, e os instrumentos só são tocados no momento do ritual, não tem disso de chegar pá, pá, pá, pá, pá, a não ser que é uma aula de instrumentos que a gente vai treinar, não é. Os instrumentos ficam lá guardados pra quando agente for fazer uma roda, a gente vai lá, pega os instrumentos. Bom gente, e o outro recado que queria dá. Alguém quer levantar alguma questão a mais pra gente debater, conversar? Sobre esse lance da capoeira? É, vamos procurar agora todas as segundas-feiras a gente fazer uma física boa, como a gente fez hoje. Então, quem já estiver quebrado venha pra assistir, porque daí quem sabe se empolga e entra no ritmo, não é, porque a capoeira é contagiante mesmo. As crianças, não é, que não tem o mesmo ritmo, o mesmo condicionamento físico de um adulto, venha, faça metade do que a gente está fazendo, agente faz vinte, faz dez e descansa, não atrapalha os outros. E as pessoas que já estão com uma graduação, querem desenvolver, o que o João falou? Diga aí João o que você, eu gostei daquela sua frase.

Aluno (Ferreira) – “O que mais cansa a pessoa é o que ela mesma se propõe a fazer”.

Aluno (Anjos) – “Hum!”

Professor – “Vamos lá? Alguém pode traduzir isso pra mim? Pode traduzir João? Se explique com palavras mais fáceis pra gente”.

Aluno (Ferreira) – “O mestre fala assim, faça vinte flexões, aí eu digo assim, não, vou fazer trinta. Chegar em casa estou morto”.

Professor – “Então assim, me ajudem”.

Aluno (Garcia) – “Eu acho que assim...”

Professor – “Eu estou pedindo pra fazer dez movimentos, se o cara tem condições de fazer vinte, ele faça vinte, não faça dez e depois chegue em casa e reclame, aí o treino foi fraco o professor só fez dez flexões. Mas, se eu estou disposto a treinar, vim com uma vontade, enquanto o pessoal está fazendo dez eu faço mais vinte, a hora que o pessoal está indo beber água eu faço mais dez ali”.

Aluno (Ferreira) – “Mas tem, tipo assim, na maioria das vezes o pessoal pensa assim, o professor já sabe, não é, conhece o aluno há muito tempo, aí o cara diz assim, não dessa vez eu quero fazer mais, quero me destacar, quero ir pra frente”.

Professor – “Entendi”.

Aluno (Garcia) – “Tem que ser pau mesmo, o povo faz o jogo do corpo mole”.

Professor – “Então é isso pessoal, quando eu falo assim, flexiona, a hora que falo abertura, se o cara ficar aqui, ele está fazendo abertura, mas, ele está aqui olhe, ele não força nenhum

pouquinho, então o treino não está valendo de nada, não vai ser eu que vai ficar pegando no pé de cada um não, porque eu também estou treinando junto, eu preciso treinar. Então a física eu quero treinar. E na quarta-feira a gente faz mais movimentação e eu vou poder orientar mais”.

Aluno (Garcia) – “Sabe uma dica assim, quando eu fazia ioga o professor sempre fazia isso, às vezes a pessoa está fazendo um movimento de alongamento e não está nem se tocando que você tem alongar, sentir o músculo. Não é? E aí você quando estiver forçando o alongamento, ao invés de ficar assim só na frente, dá uma passada entre os alunos pra dá uma corrigida na postura, ó faz assim e tal, pra ver se a pessoa está fazendo certo sabe, porque daí, não é, às vezes a pessoa está fazendo algo errado, ou tem gente que está naquela má vontade, não é”.

Professor – “Mas não faz sentido também, não faz sentido a gente há anos fazendo o mesmo exercício e toda vez a pessoa vai lá”.

Aluno (Anjos) – “E nêgo fazendo errado”.

Aluno (Garcia) – “Com preguiça não é?”

Professor – “Entenderam? Então assim, se eu for ficar olhando um por um, eu também não treino, e eu vou prejudicar outro que está querendo treinar. Então a gente tem que ser mediano, não é, nem de mais, nem de menos, e isso quem vai está, o indicador meu são vocês. Espero que o treino tenha sido bom pra todos, quarta-feira a gente volta com as movimentações e temos aí promessas de uma visita na próxima quarta-feira. Então vamos aproveitar que vem Tubarão, Alemão e o Canudos, que é o pessoal do grupo Mukambo, querem fazer uma visita já tem muito tempo, já me ligou que vem na próxima quarta-feira. Então quarta que vem a gente faz movimentação, segunda a gente vai na educação física de novo e na quarta-feira a gente faz uma roda, vai ser uma coisa light, o pessoal vai fazer uma movimentação diferente, vinte minutos cada um pra passar o movimento e depois a gente faz roda. Ok?”

Aluna (Biriba) – “É, a gente aproveita e fala sobre a RPPN (Reserva Particular do Patrimônio Cultural)”.

Professor – “Sobre o nosso passeio ciclístico, não é Biriba? É esse ou não?”

Aluno (Garcia) – “Não”.

Aluna (Biriba) – “Não, o pra lá pra lagoa, organizar com os meninos”.

Professor – “Ah, certo. Mas não é passeio também? De bicicleta também ou não?”

Aluno (Garcia) – “Vá, a lagoa é lá em Santa Isabel!”

Aluno (Anjos) – “Disposição do cá”.

Aluna (Biriba) – “Na lagoa ali dá, ali em Elielson”.

Professor – “Em Elielson. Mas lá a gente vai de quê? De bike também?”

Aluno (Garcia) – “Tem que arrumar ônibus”.

Aluna (Biriba) – “Meu irmão tem que conseguir um ônibus, um transporte”.

Aluno (Anjos) – “Aonde?”

Professor – “Se for pra conseguir o transporte a gente já tem que correr atrás”.

Aluna (Biriba) – “É”.

Aluno (Garcia) – “Porque a gente não faz no mês de Junho, que a gente poderia fazer uma festa junina, não é?”

Aluna (Biriba) – “Pode ser também”.

Aluno (Garcia) – “É que esse mês eu não vou está aqui!”

Aluna (Biriba) – “Pode ser então”.

Professor – “Bom, então o que eu peço é dedicação e leitura também, não vamos ficar esperando só eu chegar com a informação e vocês acharem que eu sou...”

Aluno (Anjos) – “O google”.

Professor – “É. Eu não sou o google não, e nem tudo que está lá no google está certo. Quando a gente vai fazer uma pesquisa a gente não pode confiar só em uma coisa que a gente faz, a gente tem que olhar três, quatro sites diferentes pra ver se realmente aquilo que está escrito é verdadeiro. Valeu? Então axé, e bom descanso pra todo mundo. Valeu”.

DIÁRIO DE CAMPO

Observação referente ao dia 13/05/2015

No início da aula de hoje, como de costume, os integrantes do grupo chegam aos poucos, cumprimentando os colegas, e foi possível observar nessa como nas demais aulas que criaram o hábito de fazerem o alongamento assim que chegam para aquecer, independente das orientações do professor, até mesmo algumas crianças que chegavam e iam interagindo com outras através de brincadeiras.

Após organizar os equipamentos musicais, o professor inicia a aula cumprimentando os alunos e puxando um alongamento ao som de músicas de capoeira, sugerindo que refletissem sobre a letra das músicas, expressando-se através dos movimentos corporais. Esse foi um dos momentos mais silenciosos durante as aulas observadas até então, tornando-se contagiante a harmonia entre melodia, canto e movimentação corporal, além da ênfase na respiração.

Continuando com o alongamento, o professor desligou o som e começou a cantar uma música referente ao navio negreiro, canto de lamento, em que os alunos respondiam o coro. Sendo assim, prosseguiu com a roda de conversa a respeito da libertação dos escravos. Esse momento foi bastante significativo, pois, mesmo com a timidez, os alunos foram estimulados a falar a respeito de algum episódio em que se sentiram reprimidos, quer seja no dia-a-dia ou no próprio grupo de capoeira.

Descrição da roda de conversa:

Professor - “Navio negreiro, essa parte todo mundo junto. Depois eu vou falar: África distante ouça, meus cantares”.

Todos do grupo – “Navio negreiro”.

Professor - “Tumba flutuante, terra mãe distante, dor e desespero”.

Todos do grupo – “Navio negreiro”.

Professor - “Morro de saudade, África distante, ouça meus cantares”.

Todos do grupo – “Navio negreiro”.

Professor - “Tumba flutuante, terra mãe distante, dor e desespero”.

Todos do grupo – “Navio negreiro”.

Professor – “Não estou vendo ninguém alongar, é pra concentrar, a hora que canta o coro, solta o ar e alonga, pra frente agora. Prestaram atenção na letra da música? Como vocês imaginam que era o navio negreiro?”

Aluna (Biriba) – “Um navio muito grande cheio de escravos”.

Aluno (Garcia) – “Ai, eu acho que era meio sujo né? Sem condições nenhuma”.

Aluna (Biriba) – “Sem higiene né?”

Aluno (Garcia) – “A galera era colocada junto com animais, sem comida, tinha rato”.

Aluna (Biriba) – “Embaixo, na parte de baixo”.

Aluno (Garcia) – “E assim, ninguém se preocupava com quem, se ia morrer ou não, criança e tal, aí, aí...”

Aluno (Ferreira) – “Tipo uma senzala, uma verdadeira senzala”.

Aluno (Garcia) – “se você vê agente fala que tá comemorando a libertação não é, hoje, não é, da escravidão, só que aí você vê aquelas reportagens dos imigrantes...”

Aluna (Biriba) – “Indo pra Itália”.

Aluno (Garcia) – “entrando na Europa e em outros países, as pessoas todas morrendo nos porões dos navios. É a mesma situação que o navio negreiro, só um navio um pouco mais moderno, mas as situações que as pessoas vem é igual a do navio negreiro, não é, hoje em dia.”

Professor - “Navio negreiro

Tumba flutuante
terra mãe distante
dor e desespero”.

Todos do grupo – “Navio negreiro”.

Professor - “Morro de saudade

terra mãe distante
ouça meus cantares.”

Todos do grupo – “Navio negreiro.”

Professor - “Trocou. É, tem fotos que relatam, as pessoas pra caber mais, né, porque o navio negreiro era tráfico de gente, não é, então, apesar de no Brasil isso ter se iniciado na época do descobrimento, 1500 né, o tráfico de escravo já era realizado pela Europa, pela Ásia, muito

antes, então era muito comum. E dizem, né, que os escravos vinham assim ó, dessa maneira aqui ó (faz o gesto)”.

Aluno (Muniz) – “Pra ter mais espaço né?”

Professor – “Exatamente. E ali morria gente, eles defecavam, urinavam. E assim, é, aí por isso essa música, né, dor e desespero. O cara, África distante...”

Aluno (Garcia) – “Numa tumba flutuante”.

Professor – “Numa tumba flutuante. Exatamente. Então tudo começou ali pessoal. A gente conversou um pouco na aula passada sobre a origem da capoeira né, então surgiu algumas discursões aqui e eu coloquei no grupo, do face lá, uma, fui pesquisar, não sei se todo mundo tem acesso ou todo mundo participa do grupo é, mas vamos discutir agora isso um pouquinho de novo. É, lá tá falando né Beto um pouco da origem, dá...”

Aluno (Garcia) – “Não li”.

Professor – “Dá...”

Aluno (Garcia) – “Dá dança né, que eles tinham de zebra, uma coisa assim.”

Professor – “Exatamente. Então, é, eles vinham dentro do navio negreiro com aquela ânsia de liberdade, chegaram no Brasil foram escravizados por muito tempo e depois, é, em 17 de maio de... Alguém tem o ano?”

Aluno (Garcia) – “1888, né isso? Eu creio que foi assinada a lei áurea em 1888”.

Professor – “Então vou ver se consigo lembrar um pouco de uma música que vai retratar bem isso tá, pode ficar na borboleta”.

Música:

Dona Isabel que história é essa
Dona Isabel que história é essa ou iá, iá
De ter feito a abolição
De ser princesa boazinha que acabou com a escravidão
Eu tou cansado de conversa
Tou cansado de lutar
A abolição se fez com sangue
Que inundava esse país
E o negro transformou em luta, cansado de ser infeliz
Com a verdade da favela, não com a mentira da escola
A abolição se fez bem antes
Ainda por se fazer agora

Com a verdade da favela, não com a mentira da escola

“Então assim gente, a gente aprende que a, que Dona Isabel foi uma princesa boazinha que assinou a lei áurea e libertou os negros né, mas, a abolição se fez com muito sangue derramado, se fez com muitas lutas, muitas batalhas. E muitos negros já tinham conseguido sua liberdade fugindo né, e quando eles fugiam eles iam pros quilombos, que eram as casas dos negros no meio das matas, um quilombo que ficou muito conhecido foi o quilombo dos Palmares, aqui do estado de Alagoas”.

Música:

Salve Zumbi nosso rei negro
Foi ser herói lá em Palmares
Salve a cultura desse povo
A liberdade verdadeira
Que já corria nos quilombos
Já jogava capoeira
Iê viva a Zumbi
Iê viva a Zumbi camará (todos do grupo)

“Tá bom. Então...”

Aluno (Garcia) – “Nenê (professor), tem alguma coisa aqui também do, da escravidão também de falar a boazinha a princesa Isabel, mas chegou um momento que com a cana-de-açúcar já não era um produto tão rentável e exportado, e já com a revolução industrial começou já lá atrás, começou a utilizar outros tipos de plantações, outras coisas, e a mão-de-obra do negro já não era tão interessante mais”.

Professor – “Não era tão, mas só que muitos fazendeiros o que mais eles tinham de valioso eram os escravos...”

Aluno (Garcia) – “Eles tinham verdadeiros escravos, mas não tinha mais aquele valor comercial igual tinha antes. Então muitas vezes eles começaram a libertar os mais velhos porque só davam prejuízo, começaram a libertar as crianças que iriam nascer, porque até as crianças crescerem já era um gasto pra, pro fazendeiro manter aquelas pessoas, entendeu, também”.

Professor – “Antes da lei áurea houve a lei do ventre livre. A lei do ventre livre era o que? As mulhe... os filhos de mulheres escravas, a partir daquela data não seriam mais escravos, então os filhos eram libertos. E depois...”

Aluno (Garcia) – “E teve o sexagenário também né?”

Professor – “O sexagenário e depois a lei áurea. Então assim, foi um conjunto de fatores, mas esse contexto econômico do país, é, também, paralelamente tava havendo as lutas e guerras em todos os cantos aonde os negros eram escravizados”.

Aluno (Garcia) – “Revoluções”.

Professor – “Revoluções, exatamente, teve o lance da guerra do Paraguai aonde chegou o momento que o Brasil precisava de combatentes e não tinham, prometeram a liberdade pros negros e os caras foram lá lutar. Então assim, a capoeira, é, ela se tornou essa luta de ataque e defesa, de malícia, luta de libertação, no Brasil, mas, ela veio já dentro do navio negreiro. Então a gente não pode, é, deixar passar isso despercebido, a gente fala que capoeira é brasileira, é esporte, pá, rá e não sei o que... não gente, a capoeira é uma luta de libertação. Então isso não pode passar despercebido de forma alguma”.

Aluno (Garcia) – “Ou Nenê (professor), nas danças africanas tem muito elemento assim, que eles, é, fazem imitações de animais né? E na capoeira a gente pode ver isso também, um pouco né? Esse elemento traços de, sei lá, de cobras, tem o escorpião, macaco”.

Professor – “Não, a gente não tem som, mas, os movimentos são baseados muito nos movimentos dos animais”.

Aluno (Muniz) – “Coice”.

Aluno (Garcia) – “É, porque tem várias coisas”.

Professor – “O coice, a chapa, o rabo de arraia, a bença, enfim, é, elementos da natureza e elementos de artes marciais acabam se fundindo né”.

Aluno (Garcia) – “É, eu perguntei porque você postou aquilo da dança da zebra né”.

Professor – “Han han”.

Aluno (Garcia) – “Os caras se espelharam né, e tem várias danças africanas que é essa imitações dos animais né”.

Professor – “Sim. Então gente, hoje como é o dia da abolição da escravatura é muito importante que a gente lembre né dessa data, é, não só como, como, me ajuda. Como apenas um dia que a gente vai celebrar, entendeu, a gente tem que fazer festa sim nessa data, mas, eu acho que a liberdade está dentro de cada um, porque embora a gente não tenha escravidão mais no Brasil, assim como a gente via antes né, a gente, somos pessoas que todo mundo precisa ter dinheiro né, pra pagar as contas, precisa trabalhar, ah que precisa estudar, ah que seu cabelo tem que ser assim. Então a gente vive rodeado de regras, de um sistema que nos

oprime todos os dias tá, enquanto a gente tá aqui treinando capoeira tem muitas pessoas passando fome na rua”.

Aluna (Biriba) – “Sistema falso moralista”.

Professor – “Então é, isso é a capoeira, a gente ter essa sagacidade e, a gente ter essa esperteza de poder lidar com os problemas do dia-a-dia, e não só com, na hora da roda com o adversário na luta, é a gente trazer a nossa vida pra dentro da roda e de dentro da roda a gente fazer a nossa vida lá fora, ser pessoas boas, tentar estender a mão sempre a um amigo, tentar ajudar, ver o que as pessoas estão precisando, porque senão a gente tá sendo hipócrita, a gente tá falando uma coisa muito distante do que a gente faz no dia-a-dia tá. Então eu acho...”

Aluno (Garcia) – “Queria fazer uma pergunta assim Nenê (professor), assim, eu sei que a gente, todos na verdade quem é brasileiro, todas as pessoas, nós somos, temos sangue negro também, somos originados né, porque, é, a civilização começou na África né, as pessoas, e aí, só que assim, a gente fala muito de terminou a escravidão tamo comemorando, mas, assim, a gente ver que ainda existe pessoas que são escravizadas e ainda existe muito preconceito. Assim, eu queria perguntar pros negros aqui do grupo, se ainda no dia-a-dia tem algumas situações de sentirem que existe algum preconceito em relação a cor? Porque a gente sabe que o preconceito tá em tudo, com o nordestino, com o sulista, com o homossexual, com qualquer pessoa, com qualquer tipo, pessoas que não é igual ao padrão, tem preconceito, mas, como é da escravidão, aí eu queria saber sobre as pessoas negras: se ainda sente, se alguma situação? Dividi com a gente assim, alguma situação”.

Professor – “Vamos cada um dá uma opinião”.

Aluno (Garcia) – “Uma opinião, é”.

Aluna (Biriba) – “Acho que ainda tem muita brincadeira de mau gosto”.

Aluno (Garcia) – “Se ainda tem muito preconceito”.

Professor – “Começa com Rogerd. Rogerd você sente algum tipo de preconceito hoje?”

Aluno (Vieira) – “Não”.

Professor – “Nenhum?”

Aluno (Vieira) – “Aqui não, na capoeira não”.

Professor – “Algumas pessoas te tratam diferente em algum lugar que você vai?”

Aluno (Vieira) – “Aqui no grupo não”.

Professor – “Aqui no grupo não. Então assim, isso é capoeira gente, todas as pessoas são mantidas de forma igual, a gente começa a roda em círculo, quando a gente faz o treinamento em fila mais é porque os pequenos né, a gente tenta diferenciar, não tou agindo como

preconceito, mas, na hora da roda todo mundo, por isso que a gente fala dois a dois, jogou, pode ser mestre ou pode ser um aluno vai jogar e vai no final da fila esperar a sua vez pra jogar tá. Guigui”.

Aluna (Ingrid) – “Que eu saiba não”.

Professor – “Já sofreu algum tipo de preconceito? Camila”.

Aluna (Santos) – “Já sofreu algum tipo de preconceito?”

Professor – “Venha mais perto por favor, venha mais perto”.

Visitante (Carol) – “Risadas porque tenho o cabelo mais claro, falam que sou gringa, he he he, é, só o que falam assim, nada a mais”.

Professor – “Eu já, eu tenho acompanhado muito a capoeira lá fora, e eu mesmo já acabei sendo, como é que se diz, uma pessoa que viu os gringos jogando capoeira na Bahia e falei: por, até os gringos conseguem fazer isso e eu não consigo, isso também...”

Aluno (Garcia) – “É um preconceito. Porque ele não pode aprender? É uma pessoa como qualquer outra”.

Professor – “Exatamente. Então isso tá enraizado por conta desse sistema que só oprimiu todo esse tempo. Então hoje agente vê muito estrangeiros jogando capoeira no Brasil tão bem quanto outra pessoa”.

Aluno (Garcia) – “Acho que é uma rivalidade de países, ah futebol, a gente é o melhor e acabou, ou capoeira, não, é do Brasil, e aí é uma besteira né, que a gente quer se apoderar das coisas”.

Aluno (Anjos) – “Acho que não”.

Professor – “Nunca?”

Aluno (Ferreira) – “Nunca”.

Aluno (Soledade) – “Também não”.

Aluno (Garcia) – “Modelo tudo padrão”.

Professor – “Marcela, Amora”.

Aluna (Menezes) – Balança a cabeça, confirmando que sim.

Professor – “Por ser magrinha? Todo mundo fala Amorzinha?”

Aluna (Menezes) – “Sim!”

Professor – “E você se sente ofendida com isso?”

Aluna (Menezes) – Balança a cabeça, confirmando que sim.

Professor – “Bastante?”

Aluna (Menezes) – Balança a cabeça, confirmando que sim.

Professor – “Sério?”

Aluna (Menezes) – “Sério”.

Professor – “E o que você tem a dizer sobre isso?”

Aluna (Menezes) – “Pra parar, só”.

Aluna (Biriba – mãe de Menezes) – “De tirar essas brincadeiras né?”

Aluna (Menezes) – Balança a cabeça, confirmando que sim.

Professor – “Interessante. Biriba (Tânia)”.

Aluna (Biriba) – “Velho, eu já sofri muito quando eu era criança, porque eu era magrela também, baixinha, mas, eu nunca levei a sério não, essas coisas sempre levei na brincadeira”.

Professor – “Então eu vou contar uma história. É, eu já fui vítima de preconceito quando eu era pequeno, porque tinha os dentes muito tortos, eu usava aquele aparelho freio de burro, aí depois de muito tempo, é, nunca mais sofri, e agora por eu ter meus cabelos cumpridos, quando eu fui prum evento de capoeira lá em Porto Alegre, eu entrei num restaurante lá e o cara já olhou pra mim e falou: ou meu, comida é pra lá. Tava indo meio que pra cozinha, falei não, só estou procurando o banheiro. Um alemãozão. Então assim, eu senti que o cara achou que eu ia fazer um assalto, sei lá, alguma coisa, ia roubar. Então a gente não deve julgar as pessoas pelas aparências né, de forma alguma, e dentro da capoeira, é, é muito comum você vê isso também, como eu falei, só que não com o rastafári e não com o negro, que na capoeira a maioria das pessoas geralmente são descendentes né, e por tá em constante, é, diálogo com o mestre, em constante igualdade perante todos, quando chega um branco aí é aquilo que eu falei, a gente acaba tendo um preconceito contra o branco na capoeira né. Então eu acho que isso não deve existir aqui no nosso grupo”.

Aluna (Biriba) – “Agora uma coisa que eu tinha raiva quando era criança, quando mexiam, começavam a tirar onda por causa do meu sobrenome Biriba, nossa, tinha uma raiva, pegava um ar da gota, até que eu acostumei hoje, todos me chamam. Porque era um sobrenome estranho né”.

Professor – “João, Beto”.

Aluno (Garcia) – “Ah, começar de criança!”

Todos do grupo – Dão risadas.

Aluna (Biriba) – “Não, para!”

Aluno (Garcia) – “Ó, eu sempre tive, sofro preconceito até hoje, principalmente por causa da minha orientação sexual não ser igual a da maioria das pessoas. E aí isso é uma coisa que há um preconceito mais agressivo mesmo das pessoas, que às vezes a gente conhece e ti julga

por isso né, que é uma besteira que ninguém, um detalhe só da minha vida, não é a minha vida toda. Mas, é um preconceito assim, mais forte mesmo, assim, de ofender né, até de agredir já aconteceu. Mas, assim, eu sempre tirei muito de letra porque eu sou um cara assim, bem, não levo pra mim, assim, eu acho que quem quer ser seu amigo que seja e você não tem que forçar. Mas de criança eu já tive também porque eu era gordinho, dentuço, orelhudo, daí era apelido né, e eu não gostava né, eu era gordinho, dentuço, orelhudinho...”

Aluna (Biriba) – “Colocavam logo apelido né? Sofria bullying”.

Aluno (Garcia) – “É. Depois de adulto, e até, e eu sei que é uma coisa que eu vou levar pro resto da minha vida, igual à pessoa que nasce negra talvez leve um preconceito ao resto da vida, mas isso aí faz parte, você tem que tirar de letra e não se importar um pouco. Mas é difícil a gente não se importar com o que as pessoas falam das pessoas, imagine com você, fala que não se importa totalmente, mas, é mentira né, porque às vezes te atrapalha no teu trabalho, qualquer relação né. Mas, enfim, existe sim, não adianta falar que não existe, pode ser menor, mas ainda existe né, igual comigo né. Por isso que perguntei, porque eu acho que existe preconceito com os negros ainda”.

Aluna (Biriba) – “Muita brincadeirinha de mau gosto”.

Aluno (Garcia) – “Eu já vi muitas pessoas terem preconceito com negros assim, aqui dentro do grupo eu nunca vi, nunca senti nada, nenhum tipo de preconceito e isso é legal”.

Professor – “Rica”.

Aluno (Cruz) – “Quando eu era moleque só”.

Professor – “Han”.

Aluno (Cruz) – “Quando eu era mais moleque só”.

Aluno (Garcia) – “Mais por causa da cor?”

Aluno (Garcia) – “Não, por causa de cor não, nunca aconteceu não, que eu me lembre”.

Professor – “Você sofre algum tipo pela religião, por você ser do candomblé?”

Aluno (Cruz) – “Velho, isso aí eu sofro bastante, todo dia se for possível. Até no meu trabalho, aonde eu chegar eu sofro”.

Aluno (Garcia) – “Por causa da religião?”

Aluno (Cruz) – “Por causa disso, eu não po..., eu sou assim, eu evito até falar sabe, que eu sou, eu prefiro falar com quem entenda a minha religião, saiba como ela é, de que falar com quem vai só me dá...”

Aluno (Garcia) – “Questionamento, repreender, essas coisas”.

Aluno (Cruz) – “Isso, do que dizer que eu sou negócio do demônio, isso, aquilo, aí eu evito falar sabe”.

Professor – “Só pra fazer um gancho, pessoal, é, o candomblé até hoje ele é discriminado no nosso país e a própria, é, a própria religião católica, os evangélicos, eu não tenho nada contra, mas, o candomblé ainda não é considerado uma religião, infelizmente tá, é considerado cerimônias religiosas, mas, não é uma religião como as outras. Mas, isso tem mudado bastante, no passado, um terreiro ou uma casa de candomblé né, não sei se se diz assim né, como é o nome. É um terreiro mesmo?”

Aluno (Cruz) – “É um terreiro”.

Professor – “A polícia entrava e destruía tudo. Alagoas foi um dos estados que mais teve a queda dos tambores né, ficou conhecido como queda dos tambores. Então quem era praticante, era preso, era igual à capoeira, se você fosse pego jogando na rua, você era preso, se você fosse um líder, preso com agravante. Então...”

Aluno (Garcia) – “Por isso que o candomblé, os santos dos candomblés tem correspondência aos santos da religião católica...”

Professor – “Isso na umbanda”.

Aluno (Garcia) – “Na umbanda. No candomblé também não?”

Professor – “Ele não”.

Aluno (Garcia) – “Não, porque eles poderiam...”

Professor – “No candomblé ele é o mais tradicional mesmo né, ele é original de lá”.

Aluno (Garcia) – “Ai, eu falei que na capoeira eu não sofri preconceito, mas, eu sofri sim, no batizado uma pessoa chegou e falou pra mim que eu tinha que gingar menos, que eu gingava muito solto, muito quebrado. Daí, não falou nessas palavras, falou em outra palavra né”.

Aluna – “Mas era uma pessoa do grupo?”

Aluno (Garcia) – “Era uma pessoa do grupo não, mas que conhece o grupo”.

Aluno (Muniz) – “Existe preconceito com o meu rep, por exemplo”.

Professor – “Por ser cantor de hip-hop?”

Aluno (Garcia) – “É, tá tocando ali hip-hop chegar alguém e falar: ah, tire isso aí, coloca um arrocha, coloca um forró. Óia que viagem!”

Aluno (Garcia) – “Óia que viagem, ha, ha, ha (risadas)”.

Aluno (Muniz) – “É chegar e falar: meu irmão você vai aprender o que com isso aí, com forró? Só a rebolar mesmo né? Mas ouça a ideia que falei aí pra você, pra vê se você não vai levar pra vida”.

Aluno (Garcia) – “Mas daí vem um preconceito seu também, porque você tem que respeitar o forró também”.

Aluno (Muniz) – “Exatamente, o que eu aprendi com as pessoas”.

Aluno (Garcia) – “Cada um é cada um né?”

Aluno (Muniz) – “Boné reto né, tem lugares que você chega que as pessoas já fica com medo, assustado”.

Professor – “Então, exatamente isso aí, por isso tou falando, que a gente hoje se diz todo mundo livre né, mas, na realidade a gente não é, porque a gente, o sistema fala que se você usar aba reta ou se você for do candomblé você não é aceito na sociedade, se você tem o cabelo cumprido você não é aceito na sociedade. Então a gente tá em constante batalha, luta no dia-a-dia, e a capoeira é uma, uma arte que transforma e pode mudar isso e a gente vem mudando ao longo desses anos”.

Aluno (Garcia) – “E agrega isso né Nenê? Olha quantas pessoas diferentes tem aqui dentro do grupo, e acho que todo mundo se dar super bem, todo mundo se respeita. E aí um é hep, outro é do candomblé, a outra é magra, outro é viado, ha ha ha (risadas), cada um uma coisa”.

Professor – “Victor alguma coisa?”.

Aluno (Soares) – “Balança a cabeça confirmando que não”.

Professor – “Então, só pra finalizar gente, eu queria falar um pouco sobre os apelidos tá, principalmente na capoeira, que é uma coisa que eu aprendi com o mestre Moraes que é um antropólogo, ele é professor de história da Universidade Federal da Bahia (UFBA), e ele frisou muito isso, porque ele chegou num evento lá e perguntou:

Mestre: Qual o nome?

Aluno: – Teiú Malandro.

Mestre: – Não, mas sua mãe pariu um teiú?

Aluno: – Não, mas esse é meu apelido da capoeira”.

Professor – “Sim, mas, até a gente da capoeira acaba se passando com isso, porque se a mãe da gente deu um nome pra gente, por que que eu tenho que ter um apelido na capoeira, eu sou obrigado a aceitar um apelido? Eu tenho um apelido, meu apelido é Nenê, mas é um apelido de infância que a minha mãe me deu e eu não tenho problema nenhum com esse apelido, então se as pessoas quiserem me chamar de Nenê ou de Ederson, pra mim não tem problema. Mas, tem pessoas que sofrem com isso tá. Então o negro, vou contar uma historinha, quando ele era capturado lá na África, ele tinha um nome, fala um nome africano pra mim.”

Aluno (Cruz) – “Um nome africano?”

Professor – “Um nome africano”.

Aluno (Cruz) – “Oco”.

Professor – “Como?”

Aluno (Cruz) – “Oco”.

Professor – “Oco?”

Aluno (Cruz) – “Han han”.

Professor – “Aí o Oco foi capturado, nesse momento que ele foi capturado pra vim trabalhar no Brasil como escravo ele já recebeu outro nome, ele é o José, ah o José. Então, aí já está começando a perder a identidade dele, porque o Oco, na África tem muito disso que as pessoas significa lua, céu, algumas coisas da natureza, alguma coisa é, que a mãe se identificou no momento da vida dela e que homenagear o filho, então ele foi chamado de José. Quando ele chegou no Brasil ele foi vendido pro fazendeiro, pro senhor Almeida, então ele já se chamava José Almeida. Então, olha já a perda de identidade, olha a distância que já tá ficando e as pessoas vão chamando. Depois chega no Brasil, José de Almeida fugiu, aí o José de Almeida a polícia tinha que capturar, mas, só que daí você tinha vários Josés, vários de Almeida, vários dos Santos, de Oliveira, enfim, esse lance do sobrenome. Aí ele passava a receber um apelido, era o sem dente, o urubu, é o preto, neguinho, negão. Por, então assim, a gente já vem perdendo a nossa identidade, nossa mãe nos dão os nomes aí a gente vai perdendo a nossa identidade. E cês acham legal trazer isso pra dentro da capoeira? A gente a luta de libertação é o momento de liberdade que a gente tá, é, todos em perfeita harmonia, todos em igualdade, aí você, ah vai pegar a primeira corda na capoeira, então você vai ser a saidinha, a magrelinha. Então pessoal eu acho que isso não é legal, eu já dei muito apelido pras pessoas e hoje eu me arrependo, e acho que nunca é tarde pra gente tá aprendendo tá. Então o lance dos apelidos foi uma coisa criada dentro da capoeira regional, porque o cara tinha que receber uma corda, ele era batizado e automaticamente recebia um apelido. Então pessoal, não deixem que o sistema, que as pessoas diminuam vocês no dia-a-dia, e se vocês se sentem minimizados, sentem diminuídos por algum motivo, cheguem aqui vamos conversar, expor o problema tá, pra gente tentar, é...”

Aluno (Garcia) – “Solucionar”.

Professor – “Solucionar isso né. Então a capoeira, é, mais uma vez mostra, eu mesmo, particularmente, o único momento que eu me sinto livre é aqui, porque depois que eu já saí daqui eu tenho que dormir cedo porque amanhã eu tenho que acordar cedo pro trabalho tá. Mas, é assim que a gente vive e é assim que a gente continua vivendo. Se você não trabalhar

you are a vagabond né, then if you don't have a signed portfolio, you are an artist, you are a composer, ah, this guy doesn't do anything, does nothing in life, ah is a capoeirista, ah this guy is a malandro, vagabond. Then, é, this is the message that I wanted to bring for you today on the day of the liberation of the slaves tá. Because if we don't liberate, if we don't have a good head, we will continue to be slaves for another five hundred years. Valeu?"

Aluno (Muniz) – “Vivendo como os nossos pais”.

Professor – “AXÉ, VIVA A ZUMBI!”

Todos do grupo – “AXÉ! (todos aplaudem)”

DIÁRIO DE CAMPO

Observação referente ao dia 18/05/2015

Hoje, como de costume, a aula foi iniciada através da prática do alongamento, seguido de alguns movimentos específicos da capoeira, e em seguida a roda de conversa.

Na roda de conversa de hoje foram dados alguns informes a respeito de questões ambientais que envolvem o setor pesqueiro da comunidade de Pirambu. Tendo o projeto TAMAR como padrinho, o grupo tem como objetivo promover a valorização cultural, como também educação ambiental, sendo assim, além da parte histórica e memorial, a capoeira também é utilizada como um instrumento de trabalho para atingir a sensibilização ambiental tanto das crianças quanto das famílias envolvidas para que sejam multiplicadores desse ideal.

Nesse sentido, foram dados alguns informes, tais como: visitas de componentes de outro grupo de capoeira de Aracaju-SE, e a realização de uma roda de capoeira no porto de Pirambu-SE para informar aos pescadores uma lei que determina a delimitação das áreas legalizadas para a pesca.

Descrição da roda de conversa:

Professor – “Agente tem observado que no período que a pesca tá fechada o índice de mortalidade de tartarugas na praia diminui, então é uma relação direta que a gente faz, porque volta a pesca, volta as tartarugas morrer. Tartaruga morre o ano todo em todo país, mas, em Sergipe a gente tem um padrão um pouquinho diferente porque em todos os lugares em todo o litoral do Brasil morrem tartarugas da espécie *Chelonia mydas* que é a tartaruga verde, uma espécie juvenil, então isso é comum, e o defeso, e a pesca de arrasto pescando ou não, o índice dessa espécie se mantém. Em áreas como o Pontal do Peba/AL, o índice de *Chelonias* aumenta. Por quê? Porque os barcos param de pescar de arrasto e muitos pescadores passam a pescar de rede emalhe. Na área de Alagoas, é uma área de alimentação de *Chelonia*, então se aumenta o esforço de rede de emalhe o índice de tartarugas *Chelonia mydas* também aumenta. Mais uma prova que tá tendo essa ação direta, que a gente encontra muitos animais sem nadadeiras, sem cabeça e marcas da faca. Ah o cara matou ela viva? Não. Agente não imagina isso. Imagina que ela tá muito embolada na rede, ela já tá morta, o pescador ele corta pra

poder desenganchar da rede e joga ela no mar, depois de alguns dias ela deu na praia, aí agente registra essas tartarugas decapitadas e decepadas. Então são dois problemas diferentes: as redes de emalhe, principalmente nas áreas de alimentação, e as redes de arrastos de camarão. É, por mais que a gente faça um envolvimento com os pescadores, se o cara pega uma tartaruga lá no alto mar ele não vai matar ela e jogar, ao contrário de que muitas pessoas pensam aqui ainda, que o pescador tem raiva e mata a tartaruga. Não. O arrasto de camarão permanece cinco horas submersos, as tartarugas tão lá no fundo se alimentando de camarão, que essa espécie se alimenta de camarão, ou simplesmente estão aqui esperando anoitecer pra vim desovar, que essa é uma área de desova da espécie Oliva, ela acaba sendo capturada e morre asfíxiada porque ela não conseguiu subir pra respirar tá. Então quando o pescador sobe a rede, ele se sensibiliza acha muito ruim isso porque tem muito medo que o IBAMA venha, prenda a embarcação. Então ele tenta se livrar logo e às vezes ele nem espera a tartaruga poder tentar uma possível recuperação e expelir a água e depois voltar a natação normal”.

Aluno (Anjos) – “Em Neném, eu ouvir dizer que, que como agente faz aquele, aquela ventilação né, aquela massagem cardíaca...”

Professor – “Massagem”.

Aluno (Anjos) – “Em gente né, dá pra fazer nas tartarugas também. Tem vez que salva ela né?”

Professor – “Dá, ajuda, só que não é mais o correto porque especialistas, por causa do pulmão dela ser bem no casco, você vira ela pra fazer a massagem, o pulmão, as vezes você pode agravar o quadro. Isso os especialistas né, os veterinários. Então hoje o correto é só deixar ela 45°C. Entendeu? Na sombra, que a água sai naturalmente. Mas, em muitos dos casos elas não conseguem se salvar e morre”.

Aluno (Anjos) – “Tem que passar isso pra galera da pesca né?”

Professor – “Então, esse é o nosso objetivo. Então existem leis, é, que é, proíbem essas pescarias, a pescar a duas milhas da costa. Então assim, no período reprodutivo a gente com esforço no setor pesqueiro e não fazendo sensibilização com pescador, porque o nosso problema não é com o pescador, que nem eu falei, a gente, por mais que a gente sensibilize ele não conseguiu salvar, ela já vem morta, então o cara vai chorar, ele vai senti muito, mas, não diminui o problema que é a captura, porque o cara tá precisando pescar o camarão, ele precisa trazer o dinheiro também pra fazer a produção. Entendeu? E continuar. É, então essa pescaria, esse defeso que era três meses seguidos, já foi desmembrado, quarenta e cinco dias,

um mês e quinze dias, é, com o, o TAMAR junto com outros órgãos né, do poder público, conseguiram fazer com que o defeso desmembrasse, puxasse pra início de dezembro até quinze de janeiro, e o outro defeso ficou maio até, é, primeiro de abril até 15 de maio, que é a pesca que liberou agora. Então esse primeiro período de quarenta e cinco dias, garante além da recuperação da espécie do camarão, também a proteção das tartarugas, e aonde a gente ver que passa quarenta e cinco dias sem encalhar nenhum animal na praia e, é o mês que mais tem desova, de dezembro a janeiro. Quando chega fevereiro, março, abril, as tartarugas já tão saindo. Então um outro defeso protege também, mas, em menor escala, não atinge tanto quanto no outro defeso em relação as tartarugas. Então isso já é um esforço do passado que até hoje acontece, os pescadores respeitam, não pescam nesses dias, até porque se pescar e for pego, o cara toma uma multa violenta, prende barco, prende produção e fica proibido de, perde a carteira de pescador. Então eles respeitam, porém, quando voltam a pescaria, início de janeiro, a produção não tá lá essas coisas, por fatores mesmos biológicos, porque como é verão o camarão ele vem mesmo pra beirada, se ele pescar lá fora, na área que é permitido pescar, ele não pesca. Então ele vem muito pras beiradas, tanto que a gente olha da praia os barcos de arrastos tão assim na beirada. Então isso é um problema pras tartarugas como eu falei, porque elas tão vindo pra desovar e acabam sendo capturadas. Então existe um esforço nosso da equipe, essa parte educativa de fazer com que os barcos pesquem lá fora, mais pra fora. É, um trabalho que agente fez durante três anos foi com o Assombração, essa embarcação, que a gente fazia monitoramento marinho, e os barcos acabavam que vendo a nossa embarcação e se afastavam. Então isso diminuiu bastante a taxa de mortalidade nesses três últimos anos, mas, não resolveu o problema”.

Aluno (Anjos) – “O cara ver assombração corre na hora”.

Professor – “Porque agora não tem fiscalização, não existe capitania dos portos, o IBAMA não tem condição, não fiscaliza. Então acaba a gente tá fazendo algum trabalho educativo a fim de minimizar esse impacto direto com as tartarugas. É, o que eu pensei como a capoeira poderia contribuir pra isso: então a gente vai fazer uma roda no porto, uma roda nossa, pela paisagem, fazer umas fotos legais, que eu acho que a capoeira também tem muito esse lance de estivador, começou pelos estivadores aqui no Brasil né, a capoeira ali, os navios negreiros chegavam já tinham capoeiristas que jogavam ali né, em todos os portos né, Santos, na Bahia né. Então agente fazer uma coisa simbólica ali, se quiser ir sem camisa, quem quiser, uma coisa bem característica de roda de porto mesmo, de pescador tá. E a gente vai fazer o quê? Então, pra capoeira a gente vai fazer isso. E otimizar esse esforço pra colar um cartaz lá com a

legislação vigente, porque muitos pescadores saem pra pescar e nem sabe que é proibido pescar dentro das duas milhas, ou sabem e fingem que não sabem. Então a gente vai colar a legislação lá, que não é permitido pescar dentro das duas milhas náuticas, que o cara tá sujeito a multa pelo decreto tal, lei tal. Vamos colar, Jamyle, vai os tartarugueiros, vai a equipe do TAMAR também, eles vão falar alguma coisa, a gente não vai precisar dizer nada, a gente só vai ter que fazer jogar capoeira e fazer um axé legal. Então esse é o nosso objetivo, porque assim como a capoeira as tartarugas também são muito antigas tá, estão ocupando todo o oceano atlântico, não é só aqui no Brasil, elas estão se alimentando lá na África, então são animais que tem uma capacidade enorme, igual o capoeirista mesmo, que as vezes a gente nem imagina, e, é, não podemos deixar que um animal de trinta, quarenta anos que a gente protegeu lá no passado, protegendo os ninhos na praia, agora com a sobre pesca tão acabando sendo capturadas. Então ano passado a gente tinha um problema de coleta de ovos, a gente conseguiu reverter esse quadro, e agora a gente tem um outro cenário né, ocupação da costa, perdendo as áreas de desova, então agente tem um problema muita preocupação com imobiliária né, e esse problema aqui com as Olivas que é a pesca de camarão, que ela não é só prejudicial as tartarugas marinhas e sim toda a fauna acompanhante. Uma curiosidade que eu gostaria de falar é que pra cada um quilo de camarão que é pescado, são pescados juntos na rede quase dez quilos de minhunça. O que que é minhunça? São os peixinhos...”

Aluno (Oliveira) – “Menor”.

Professor – “Menores, que tão se, acabaram de nascer e tão ganhando maturidade, muito desses peixes vão entrar no estuário, então afeta toda a cadeia produtiva dos pescadores artesanais. Muito desses barcos quando estão arrastando na beirada cortam redes dos pescadores artesanais também, das comunidades, não só Pirambu como Ponta dos Mangues que acontece muito isso, os barcos vem lá do Pontal do Peba, chega de noite os caras botam pra costa, pescam beradeiro, levam rede, então tem prejuízo de três mil, cinco mil reais, imagina prum pescador o prejuízo de cinco mil reais, praticamente é toda produção do verão dele, que ele conseguiu economizar pra colocar redes novas e acaba perdendo. Então isso é um problema que a sociedade não enxerga, que acha que a gente tá lutando somente pelas tartarugas, e não é gente, as tartarugas tão morrendo bastante, são quase trezentos animais adultos por ano que a gente perde, talvez a estimativa de seiscentos filhotes que a gente, seiscentos mil filhotes que agente fala ah tem muita tartaruga, mas, a qualquer momento esse cenário pode se reverter, elas podem tá entrando em extinção novamente porque a gente tá perdendo a população que não é muito grande, cerca de, são cinco mil fêmeas que desovam

no estado de Sergipe, e, que não tem ninguém olhando pra isso, então, é, gostaria de tá trazendo essa informação pra vocês tá, um pouco técnica assim né, mas, eu acho que todos aqui tem capacidade de entender um pouco. Então é isso, quando a gente protege a tartaruga a gente também tá protegendo todos esses pescadores artesanais, tamos protegendo a fauna, o pescado tá. É isso que a gente precisa tá dizendo pras pessoas né, porque senão a gente vira motivo de piada né, pras pessoas. Então é bem isso, aí as pessoas perguntam: o projeto TAMAR faz algum trabalho com o pescador? Pô, hoje Pirambu se tornou uma comunidade já, né Biriba, você pode dizer mais isso, não é mais aquela vila de pescadores que a gente se conhece todo mundo e conscientiza. Mas, se conscientizar com o que? Porque a galera não tá comendo mais ovo, no rio quando o cara pesca ele tenta soltar a tartaruga ou senão a tartaruga rasga toda a rede do rio, e já a pesca de arrasto, lá no mar ninguém tá vendo, então os pescadores, a gente, não adianta também trabalhar muito com o pescador, como eu falei vai só fazer o cara chorar a hora que ele pegar uma tartaruga, a gente tem que lutar com o setor pesqueiro, ministério da pesca, então tem que mexer na economia do país. Uma coisa que a gente queria era ampliar o defeso pra dezembro, janeiro, fevereiro, março, colocar mais meses pra garantir esse período né, de reprodução aqui em Sergipe, mas, isso gera ônus pro governo né, pagar seguro de pesca pra tantos pescadores. Então assim, olha só o tamanho do problema que a gente lida né, que a gente trabalha pra tentar ao menos, não solucionar, mas, minimizar esse problema. E eu acho se a gente levar essa informação no porto, se os pescadores forem sujeitos à multa, pode ser que os mestres: não, não vamos pescar nas duas milhas não, porque se vier uma fiscalização a gente pode perder a embarcação. Pô, se eles pescarem fora da área proibida, isso já minimiza o impacto sobre as tartarugas tá. Beleza? Então quatro horas no porto tá? Quem poder ir. E se não der pra ir quatro, vai quatro e meia, vai direto pra lá, de lá a gente vem pra aula, talvez agente fique lá até cinco, cinco e pouquinho, depois vem pra...”

Aluno (Ferreira) – “Que dia Nenê?”

Professor – “Quarta-feira, durante a aula. Aí a gente vem pra cá, quem vai puxar a aula é Alemão e depois roda”.

Aluno (Ferreira) – “Aí a gente vai lá e se encontra lá né, no porto né?”

Professor – “No porto”.

Aluno (Oliveira) – “Quem tiver dormindo?”

Professor – “Han?”

Aluno (Oliveira) – “Quem tiver dormindo?”

Professor – “O quê?”

Aluno (Oliveira) – “Quem tiver dormindo?”

Aluna (Biriba) – “Neguinho deixe de ser safado”.

Professor – “Quem tiver dormindo quatro horas cara?”

Aluna (Menezes) – “Acorda!”

Aluno (Ferreira) – “Bota o despertador do lado”.

Aluno (Oliveira) – “Né, também, a fresquinha melhor é essa hora da tarde”.

Aluna – “Na sua casa faz uma fresca danada essa hora”.

Professor – “Valeu gente? Biriba...”

Aluna (Biriba) – “Oi!”

Professor – “É, não vai ser ainda esse mês tá, o nosso passeio”.

DIÁRIO DE CAMPO

Observação referente ao dia 08/06/2015

Descrição da roda de conversa:

Professor – “Alguém conseguiu assistir a reportagem que passou da capoeira?”

Aluna (Menezes) – “Na TV Sergipe?”

Professor – “Assistiu Biriba?”

Aluna (Biriba) – “Não, porque a gente não assiste, quase, TV Sergipe”.

Professor – “Não tem a TV local né?”

Aluna (Biriba) – “Tem, mais assim, pai é um SBT, TV Brasil, TV não sei de quê, que nem...”

Aluno (Soares) – “Passou Rogerd”.

Aluno (Garcia) – “Da pra gente trazer né, e passar na quarta-feira”.

Professor – “Mas é que tem que vim com o molde né, pra gente poder baixar”.

Aluno (Garcia) – “Não, a gente baixa”.

Professor – “O G1 não baixa”.

Aluno (Garcia) – “Não baixa?”

Professor – “Não baixa”.

Aluno (Garcia) – “Mas tem um programa no computador que você baixa qualquer vídeo que você coloca, a Klis tem”.

Professor – “Não, eu tenho esse, eu tenho um programa também, mas, da G1, da globo...”

Aluno (Garcia) – “Não baixa?”

Professor – “Eles não liberam”.

Aluno (Garcia) – “Com o modem não vai baixar não, vai demorar”.

Professor – “Tem como a gente trazer o molde”.

Aluno (Garcia) – “Só se vim carregado já, sabe. Deixa carregado lá na sua casa e você traz carregado”.

Professor – “Então assim pessoal, dia cinco, que passou agora de junho, é, é comemorado no Brasil o dia do meio ambiente, tá. Então no país todo são feitas várias, é, atividades, não só do projeto TAMAR, mas também escolas, é, enfim, atividades comemorativas: plantio de árvores, recuperação de mata, limpeza de praia, o pessoal recolhe lixo. Tudo pra poder

simbolizar uma ação sobre o meio ambiente. E aqui em Sergipe, a TV Sergipe passou, é, matérias sobre o projeto, sobre os trinta e cinco anos do projeto TAMAR. Teve o histórico, como que nasceu o projeto TAMAR, o envolvimento com as comunidades, geração de emprego e renda pros pescadores que eram os principais predadores e passaram a ser os principais protetores do projeto TAMAR, aqui em Pirambu passou o seu Chiquinho, passou Elma lá no Abaís, que lidera um equipe, e pra fechar foi exibido imagens dos grupos que o TAMAR apoia, então Lariô, a capoeira, passou os voluntários lá na praia, que ajudam a divulgar os ninhos ali pros turistas, passou também o centro de visitantes lá o Oceanário de Aracaju, dá atendimento às escolas, e um monte de coisa legal que tá na internet né, quem tem acesso procura lá no G1.com da globo, TV Sergipe né, tá lá, ou no grupo Unidos nas Tartarugas também que agente tem no face, vai lá na lan house, acessa lá que vocês vão gostar. Passou a capoeira, passou Nino dando depoimento, então isso é pra gente...”

Aluno (Garcia) – “Passou Franquinho cantando”.

Professor – “Franquinho né, fazendo improvisado de hip-hop. E, isso é legal porque a gente consegui mostrar pra outras pessoas o que tá sendo feito, tá. Então, dia dezesseis agora também é comemorado o dia das tartarugas marinhas e, e...”

Aluno (Garcia) – “E hoje é comemorado o dia do oceano”.

Professor – “Dia do oceano. Então assim, tem dia pra tudo né? Pra gente que é o grupo Unidos nas Tartarugas, todo dia é dia de falar de meio ambiente, todo dia é dia de falar coisas legais, coisas boas, falar sobre capoeira. Então a gente já tá numa rotina diferente de pessoas da sociedade lá fora, que as vezes nem se liga, ah é o dia do meio ambiente, aí vai se preocupar, a gente tem que ser protetor da natureza todos os dias tá, isso que eu queria dizer pra vocês. É, aqui em Pirambu vai tá sendo feito uma atividade...”

Aluno (Garcia) – “Amanhã, vou tá fazendo uma atividade com as crianças da escola do Canal e de Jatobá. Eles vão vim aqui pro clubinho, vou falar um pouco com eles, não vou fazer uma palestra, vou fazer um, uma palestra em forma de vídeo que são crianças então, alguns vídeos, músicas de tartarugas, eu filmei a tartaruga desovando hoje, teve uma tartaruga desovando na praia hoje dez horas da manhã, foi bem legal”.

Aluna (Biriba) – “Ficou linda aquela foto que você postou”.

Aluno (Garcia) – “É. Aí eu filmei ela pra mostrar como é o processo de desova, que vocês não tiveram a chance de ver ainda, alguns não”.

Aluna (Biriba) – “Porque eu sou pé frio”.

Aluno (Garcia) – “Já saiu, cês são pé frio, a gente já saiu duas vezes, mas, a gente vai sair mais essa temporada”.

Aluna (Biriba) – “Não, é porque também a gente não demora, a gente só vai e volta logo né, porque tem criança”.

Aluno (Garcia) – “É. A gente vai sair mais essa temporada, com certeza a gente vai ver. E, eu vi um, não sei se você viu o e-mail que o César mandou, eu achei uma ideia super legal e eu queria um dia que a gente pudesse fazer isso, que são obras de arte, que eles fizeram acho que na África, muito legal, eles fizeram obras de arte assim, desenhos de tartarugas com lixo encontrado na praia. Então na areia, desovaram, os lixos juntou, e você faz imagens, figuras com o lixo. E aí eu queria, sei lá, um dia a gente combinar e fazer isso com o lixo, porque, é legal porque, a gente não vai resolver o problema do lixo, mas, é uma forma da gente tá conscientizando as pessoas através de uma coisa artística, cê vai mostrar a arte feita com o lixo, mas, vai mostrar que o lixo não é uma coisa legal que tá ali na praia, a gente transformou em arte pra mostrar pras pessoas que aquilo, pra mostrar das tartarugas, que interage com a tartaruga, e eu acho que seria uma atividade legal pra gente fazer um dia, combinar assim, um dia antes da aula, umas quatro horas da tarde a gente vai pra praia e aí a gente pega bota uma luvinha na mão, cada um pega um, uma área, e faz, pega uns plásticos, as coisas que encontrar, que a gente vai encontrar muito, não precisa nem andar muito porque, aí a gente vai na praia e ver muito lixo as vezes quando a maré tá alta né, a gente ver bastante lixo na praia...”

Aluna (Biriba) – “Infelizmente”.

Aluno (Garcia) – “E não é que assim, são as pessoas daqui que jogam, as pessoas daqui também jogam, mas, é o lixo que tá no mar, então, aí a maré vem traz joga de volta pra praia. Mas, se aquele lixo que tá ali, um monte que tá ali na praia, é, a maré cheia traz um monte, se você pensar então a imensidão do mar, olha a quantidade de lixo que não tem no mar né, pra trazer um tanto lixo assim. Se for pensar: ah, vai dissolver no mar, vai sumir. E não, tem muito lixo né, eu já fiz estágio numa ilha que era pequenininha, no meio do nada, quatro dias de navio pra chegar lá, ninguém jogava nada na ilha, mas tinha um monte de lixo. A gente ia ver as latinhas, é, do Japão, é, escrito em Árabe, tudo quanto é lado do mundo, então pra você pensar tanto lixo que não tem ai no mar né, que a gente joga”.

Professor – “E o horário amanhã Beto?”

Aluno (Garcia) – “E amanhã vai ser, quem quiser participar, a atividade e pras escolas do Jatobá, mas, quem quiser participar, a gente vai fazer uma soltura de filhote, e, eu vou trazer

uns filhotinhos pra gente soltar, apareceram com uma tartaruguinha lá de água doce, amanhã vou trazer também pra eles verem a diferença”.

Aluna (Biriba) – “Aonde, apareceu lá aonde?”

Aluno (Garcia) – “Lá no TAMAR, é”.

Aluna (Biriba) – “Na casa, lá em Elaina apareceu uma também”.

Aluno (Garcia) – “Lá em Elaina apareceu também, essa época aparece bastante. Se vocês verem também essas tartaruginhas, tem que colocar...”

Aluna (Biriba) – “Elas vem de onde em Nenê?”

Aluno (Garcia) – “Tem que colocar nas lagozinhas que tem né, que deve ter colocado os ovinhos e elas são espertas né, colocam os ovos, na época que também começa eclodir quando tá saindo água né”.

Professor – “A horas?”

Aluno (Garcia) – “Amanhã duas horas da tarde, vai ser, começar aqui no clubinho a atividade e a gente vai fazer a soltura quatro horas”.

Professor – “Quem não tem aula pode vim as duas pra assisti a palestra”.

Aluno (Garcia) – “É, fazer um jogo também depois”.

Professor – “E quem tiver estudando tenta sair um pouquinho mais cedo, já vá direto pra praia. Qual o local da soltura?”

Aluno (Garcia) – “O local da soltura vai ser aqui na reta no Tubarão”.

Professor – “Tubarão da praia. Então a gente vai...”

Aluno (Garcia) – “Se os meninos forem amanhã, quem quiser ir, a gente pode fazer isso que eu falei da...”

Aluna (Biriba) – “Do lixo?”

Aluno (Garcia) – “Da escultura de lixo. Aí se vocês quiserem e puderem dá uma força seria bem legal, a gente tira umas fotos assim ó, tudo fazendo negativo assim sabe, do lixo, é legal”.

Professor – “Então pessoal, amanhã às duas horas, quem não puder as duas, as quatro. Vai tá na aula? Não?”

Aluna (Cardoso) – “Estudo de manhã”.

Aluno (Garcia) – “A gente fica até o final do dia pra ver o pôr do sol ali que é lindo”.

Professor – “É, pra gente poder ver uma palestrinha e rever né, os conceitos, algumas coisas que às vezes acaba a gente esquecendo, mas, que são coisas do nosso dia-a-dia, tá. Alguém tem alguma dúvida sobre o meio ambiente? Alguém quer fazer alguma pergunta?”

Aluno (Garcia) – “Eu posso falar uma coisinha? Que eu li um texto hoje, que é sobre a ecologia dos oceanos né, não ri Laíse, como é o dia dos oceanos, aí o texto fala assim né, que compara os oceanos com a Amazônia, chama, o nome do texto é *A Amazônia*, eles falam que a Amazônia é a Amazônia azul, pra comparar a importância do oceano com a Amazônia, que a gente ver a Amazônia como um ecossistema prejudicado, um bioma do Brasil né, todo mundo quando fala do Brasil fala em Amazônia. Aí o nome do texto é *Amazônias uma ova*. Por quê? Porque eles querem comparar um bioma que é tão riquíssimo quanto a Amazônia né, e que as pessoas esquecem porque não tá vendo. Então todo mundo tá vendo a desmatamento na Amazônia, derrubada de árvores, queimada, só que ninguém tá vendo o desmatamento no mar, por exemplo, dos peixes, da fauna marinha, a poluição nos oceanos, o extrativismo em excesso né, os recursos não renováveis que são os peixes, as espécies de, o petróleo que não é renovável né, é uma fonte esgotável. Então, o mar é mais difícil de você ver a degradação, e a gente não tem ideia da importância que o mar é, as maiores cidades, os maiores centros urbanos estão na beira do mar próximos aos rios, porque os transportes, a maioria dos transportes de é, cargas internacionais de exportação e importação é por navio, é pelo mar, o combustível que agente utiliza, a energia, a maioria da energia vem do mar, a alimentação daqui por exemplo de Pirambu...”

Professor – “A energia vem das águas dos rios”.

Aluno (Garcia) – “As energias vem das águas dos rios, mas, eu tou falando a energia combustível né”.

Professor – “Ah sim”.

Aluno (Garcia) – “Que é o petróleo. Então, ela vem do mar, então a maioria das, dos recursos também pesqueiros. Então a gente tem muita coisa que vem do mar, que é o mar que dá pra gente, e a gente não enxerga isso porque acha que não tá, é...”

Professor – “Não faz parte do nosso dia-a-dia”.

Aluno (Garcia) – “Não faz parte do nosso dia-a-dia e é, assim, não tá, e a gente não ver mesmo né, embaixo d’água”.

Aluna (Biriba) – “Parece que tá tão próximo, mas, a gente não tá”.

Aluno (Garcia) – “Parece, é, a gente não consegui ver embaixo d’água, a gente só ver o lixo na praia, você não ver como tá a situação no mar. E o mar ainda é um ambiente pouquíssimo explorado ainda né, porque é difícil o acesso, tem peixes que a gente não conhece. Então esse dia, como hoje é o dia do oceano, só pra gente lembrar da importância desse ambiente, desse bioma, e o estado que ele se encontra hoje em dia né, que a gente tem que preservar, ainda

mais a gente que, nós somos é, de cidade litorânea né, a gente mora na praia, então é a gente que tem que alertar as outras pessoas e tá cuidando desse ambiente que é nosso”.

Aluna (Biriba) – “E fazemos parte de um grupo né, que preserva, tem essa ideia”.

Aluno (Garcia) – “É”.

Professor – “Fazendo um gancho pra o que Beto falou dos oceanos, as tartarugas marinhas, ela é o indicador dos oceanos, se a gente começar a ver as tartarugas cheia de doença, tartaruga com óleo ou tartaruga é, como às vezes a gente encontra, com nadadeiras amputadas, com cortes no casco provocados por colisão de embarcação, hélice de motor, uma série de coisas que se a gente começar a ver muito isso é sinal de que aonde ela tá vivendo, onde ela tá morando, também tá ruim o ambiente dela tá. E se a tartaruga tá saudável, é um sinal também que ainda há esperança tá. Então a tartaruga ela é um indicador dos oceanos e, quando a gente protege a tartaruga a gente não tá protegendo só ela, a gente tá protegendo também os peixes, tá protegendo os animais que se alimentam dela, como os tubarões que precisam comer tartaruga. Então elas fazem parte da cadeia alimentar desses animais, servem de alimentos para outros maiores e também ela controla a população de outras espécies, como tartaruga de couro come água viva, por exemplo, então ela só se alimenta de algas vivas, se ela não começar a ver, achar esse alimento mais, e começar a desaparecer por não ter alimentação, é um sinal que alguma coisa está errada, se tá faltando água viva, é porque tem, tá acontecendo algum desequilíbrio na cadeia alimentar desses animais, tá. Cadeia alimentar é onde um indivíduo se alimenta do outro pra poder ter energia. A gente ver aqui em terra, a grama né, que são as plantas. O que que come as plantas? O grilo, o cavalo. Então vamos começar do inseto, grilo, formiga, essas coisas né. Aí o que que come o grilo? O sapo. O que que come o sapo? A cobra. Então quando começa a ter grilo demais é porque tá faltando o sapo. Se tá faltando o sapo, o que que tá acontecendo?”

Aluno (Garcia) – “Vai acabar as cobras”.

Professor – “Vai acabar as cobras. Então uma coisa leva a outra né? Causa um desequilíbrio. Então é isso que a gente acredita é, por isso que a gente acredita que tá no caminho certo, porque a gente protegendo as tartarugas, a gente também tá protegendo uma série de outros animais que vivem no oceano”.

Aluno (Garcia) – “Outro exemplo também bem legal, a tartaruga que a gente colocou os transmissores aqui, ela vai lá pra África se alimentar. Aí ela vai lá na África fica se alimentando e volta pra cá pra desovar. Aí a energia que ela consumiu lá, que ela se alimentou dos animais de lá, ela traz pra cá, porque ela vem pra cá pra se reproduzir, então ela se

alimentou lá, ela formou os ovos, desovou aqui na areia, os ovos que ficam na areia ainda, que não nasceram os filhotes, e as cascas dos ovos viram nutrientes também pro solo, que vai nascer plantas, igual o Nenê falou, os filhotinhos nascem e vão pro mar, viram alimentos pros animais da areia, pros animais que estão no mar aqui e as tartarugas que sobrevivem voltam pra lá e se alimentam e traz energia de volta. Então é, é tudo, a gente tá conectado a tudo, é tudo um ciclo. Se não tivesse planta a gente não existia, porque alguém tem, a vaca come a planta, a gente come a vaca, ou a gente come a planta diretamente não é? Então tudo é dependente, tudo depende um do outro. A ajuda vem do sol porque, porque a planta precisa do sol, porque o alimento da planta é o sol. Tudo é o mundo”.

Professor – “Certo pessoal? Valeu a aula hoje?”

Todos do grupo – “Valeu!”

Aluno (Garcia) – “E amanhã venham pelo menos viu. Quatro horas pra gente fazer a soltura e pra fazer as esculturas”.

Professor – “Então tá Beto, valeu”.

Aluna (Biriba) – “Sim, você falou que vem a escola da?”

Aluno (Garcia) – “Do canal e do Touro. É porque eu quis pegar umas escolas que eles não viram ainda né, soltura de filhote e tal, aí a gente vai fazer com as escolas diferentes”.

Professor – “Prestigiar também outras escolas né?”

Aluno (Garcia) – “É. E a gente vai, de manhã agente vai lá pra Barra dos Coqueiros também, vamos dá uma palestra pras crianças de lá”.

Professor – “Certo”.

Aluno (Garcia) – “Só não vai fazer soltura porque a escola não vai dá pra ir”.

Professor – “Valeu”.

DIÁRIO DE CAMPO

Observação referente ao dia 10/06/2015

Descrição da roda de conversa:

Professor – “Vamos trabalhar os movimentos que a gente treinou hoje tá, procurar a fazer, vamos começar bem devagar, depois no final a gente sobe o ritmo tá, procurar a fazer os movimentos, como a roda tá curtinha então ó, curtinho, procurar olhar tá, sair do lado certo, se o golpe vem, eu não vou sair de qualquer jeito pra cá, coloca a negativa, faça o role, voltei, não dá, vai com a outra, a roda é pequenininha. Não precisa ficar uma coisa de querer chutar, porque a capoeira angola, vamos procurar a trabalhar no chão, ganhar resistência tá, senti o jogo e depois quando o berimbau subir aí a gente solta mais os golpes, mas vamos fazer um jogo amarradinho, próximo, pergunta e resposta tá. Vamos tentar fazer, aplicar o que a gente treinou essa semana, meia lua de frente, desceu, volta na bença, cai na negativa, encaixa cabeçada, volta na negativa, role, rabo de arraia, a gente tem que começa a se familiarizar mais com esses movimentos tá, não só rasteira, martelo, chapa, queixada, tem outros movimentos, capoeira tem, só pro mestre Bimba cinquenta e oito. Pra quem não veio a semana passada, vou ser bem rápido, a gente falou um pouco da semana do meio ambiente tá, dia cinco foi dia do meio ambiente, dia oito foi dia dos oceanos, e agora dia dezesseis dia das tartarugas marinhas. Então são três comemorações no mesmo mês de junho, não é só São João, São Pedro, Santo Antônio, a gente também tem outras datas tá. E embora a gente tenha uma data: que que a gente conversou um pouquinho? A gente deve fazer o quê? Praticar a data só uma vez no ano? Nino”.

Aluno (Oliveira) – “Hum?”

Professor – “Temos que praticar essa data, dia do meio ambiente, ah não vou jogar lixo, não vou jogar meu papel de bala. Eu acho que tem que ser isso uma atitude todos os dias tá. A gente procurar no lugar que a gente vive, é, fazer acontecer mais, ter mais energia, você plantar uma flor, você já tá plantando, aí o seu lixo orgânico ali, resto de frutas, a gente já joga, então a gente tá deixando a energia aqui na nossa casa, e não empacotar tudo num saco e jogar. A gente só deve jogar pro lixeiro o que é plástico, o que é papelão né, que ainda não existe uma coleta seletiva em Pirambu, mas, a gente pode separar o que é resto de comida, o que é resto de frutas, verduras, e enterrar no quintal, plantar uma árvore, isso é uma ação que

a gente vai deixando a energia mais próxima da gente tá, e não rancando árvores, concretando, destrói uma praça pra fazer um, uma praça cheia de árvores pra fazer uma praça de eventos, por exemplo”.

Aluno (Garcia) – “Igual ao prefeito de Pirambu que bota cimento em tudo, não deixa uma sombra só, porque aqui é fresco não vai precisar”.

Professor – “Isso é só um exemplo tá gente, é, só um exemplo”.

Aluno (Garcia) – “Corta tudo”.

Professor – “Berimbau, a gente reutilizar coisas né, não jogar fora, reutilizar, pra gente deixar de, que extraia mais a matéria prima tá. Então a gente teve uma conversa, então vamos, vamos praticar um pouco mais. É...”

Aluno (Garcia) – “Tem alguma coisa de, é, madeira legal pra berimbau?”

Professor – “Tem”.

Aluno (Garcia) – “Porque deve ter um extrativismozinho assim...”

Professor – “Tem, existe”.

Aluno (Garcia) – “...uma coisinha assim ilegal de berimbau também né?”

Professor – “Isso aí eu converso mais com os meninos da Ponta dos Mangues, porque lá os caras tiram um centro de madeira, dois, três reais cada madeira, aí o mestre vende por trinta reais, cinquenta reais um berimbau. Então eu sempre falo isso quando eu vou nas palestras”.

Aluno (Garcia) – “Mas, eu penso assim, igual você vai em Salvador no mercado modelo você vê um monte assim pra vender pro turista, berimbau feito. Aí essa madeira vem de onde? É uma madeira legal, como é?”

Professor – “Hoje já existe o berimbau ecológico que é feito de uma madeira e você afina que nem violão é o mesmo berimbau, ele nunca vai desafinar. Entendeu? É uma madeira toda compreendida”.

Aluno (Garcia) – “Não tem isso de ficar armando não?”

Professor – “Am?”

Aluno (Garcia) – “Né preciso ficar armando, é igual a um violão?”

Professor – “É, uma corda, exatamente. Mestre Suassuna, do grupo Cordão de Ouro, que inventou e patenteou. Só que custa trezentos reais. Que mestre de capoeira vai comprar um berimbau desse?”

Aluno (Garcia) – “E a cabaça é mato né? Que a cabaça plantou”.

Professor – “E você perde um pouco também o lance do ritual né, de você ir na mata. Mas, se você for na mata pra tirar uma biriba pra você fazer um som, nossa bateria a gente já tem um

ano e meio com os mesmos berimbaus, a gente reaproveita ainda, depois pinta, deixa de enfeite, então a gente não tem tanta extração. O problema mesmo é os mestres que fazem pra vender, pra esses programas aí do governo né, aí a escola encomenda cinquenta”.

Aluna (Barbosa) – “É, então, é, eu acho que quando é pra um grupo assim num, eu não vejo problemas assim”.

Professor – “Também não vejo um impacto grande né, é mais as pessoas que tiram mesmo pra vender, como o Beto falou, Salvador, quem vai pra lá quer um berimbau, tá gente. Então vamos praticar um pouquinho mais dentro de casa”.

Aluno (Garcia) – “Nem sei se é com a biriba que é feito aqueles berimbauzinhos. É? Com biriba também?”

Professor – “Com biriba”.

Aluno (Garcia) – “Com biriba também?”

Professor – “É. Vamos fazer uma roda então hoje né, em homenagem aí ao meio ambiente, ao oceano e às tartarugas marinhas. Vamos cantar né? Vamos responder esse coro aí”.

Aluno (Garcia) – “Vamos fazer uma música de capoeira do São João né?”

Todos do grupo – Dão risadas.

Professor – “Vou aproveitar vou cantar uma cantoria, uma autoria própria aí tá, ela é um corrido, meio chato assim, um pouco cumprido, mas, conta uma história é, sobre o tal desenvolvimento, a tal evolução né, que o pessoal tanto espera. Vou cantar um pouquinho e depois a gente sai no corrido. A música se chama *Meu lamento*”.

Música:

Vou falar de anos 80, Vou falar de anos 80
Que o Brasil por muito tempo
O ovo de tartaruga, nessa praia era o sustento
Na parede da sua casa
Na parede da sua casa, um casco pra enfeitar
Pescador que foi pegar
Se esqueceu dos fundamentos de pedi a Iemanjá
Ai meu Deus povo esquecido
Ai meu Deus povo esquecido
Vive pra sobreviver
Só quer desenvolvimento
Vou cantando o meu lamento
Diante da situação que é viver da maré
Nem outra oportunidade
Vamos jogar capoeira
Esquecer dessa maldade

Hoje os tempos se passaram
Hoje os tempos se passaram, não vejo tanta emoção
Nem o desenvolvimento trouxe paz pra essa nação
Não vejo nada de perto
Só vejo a televisão
Violência e maldade
E muita corrupção

A natureza se acabando
Oi os rios estão secando
Não pesco nem pra comer
Nem chove no meu sertão
Vou cantando o meu lamento
Ai meu Deus, pescador preste atenção
Olhe o desenvolvimento foi uma rasteira do cão
Camaradinha

Viva a meu Deus!
Iê viva a meu Deus camará!
Ou iá iá viva a meu mestre!
Iê viva a meu mestre camará!
Camará quem me ensinou
Iê quem me ensinou camará
A jogar a capoeira
Iê a capoeira camará
Ai meu Deus jogo de angola
Iê jogo de angola camará
Camará vamos jogar
Iê vamos jogar camará
Nem tudo que cai na rede é peixe seu pescador

Professor – “Ainda não deu tempo de aprender ela todinha, mas, fala exatamente, um casco na parede, da tartaruga, só pra enfeitar, pescador esqueceu dos fundamentos de pedi pra Iemanjá. O que que eu quero dizer? Quero dizer que aquele casco lá, ele não matou a tartaruga porque ele tava com fome, ele matou só pra dá pra uma pessoa, pra vender, então ovo de tartaruga era vendido como iguaria tá, algumas pessoas até precisavam para sustento mesmo, como eu falo né, o ovo era o sustento porque não tinha outra oportunidade, o povo é esquecido, vive pra sobreviver, vamos jogar capoeira, esquecer dessa maldade né, então eu falo muito isso. O tempo se passou e a gente não ver tanta emoção, o desenvolvimento que a gente esperava não trouxe paz pra ninguém, não trouxe paz pra essa nação, a natureza se acabando, os rios secando, não chove no sertão. Não vejo nada de perto, só vejo na televisão, ninguém sente mais, ninguém pode sair na rua por causa de tanta violência...”

Aluno (Silva) – “Tudo seco”.

Professor – “...muita corrupção. Então pescador, preste atenção, o desenvolvimento foi uma rasteira do cão. Então esse é o meu lamento, é a música que eu fiz refletindo um pouco é: o que que a gente quer pra gente? O que que é o desenvolvimento? O que que a gente tá esperando? Quando a gente crescer? Lilian, Leila, Berguinho, cês querem ser o que? Vocês tem que pensar desde já que vocês vão precisar no futuro, talvez sustentar uma família, então você precisa trabalhar, você precisa estudar, garantir com que você chegue na fase de adolescência com uma cabeça boa e não chegar na fase da adolescência e só procurar ficar atrás de namoro, outros só atrás de droga, entendeu, gente já começa na bebedeira muito cedo. Então se esquecem dos fundamentos, do que a gente tá aprendendo aqui tá, a gente não pode esquecer desses fundamentos, principalmente vocês crianças que tão crescendo, a gente já tá um pouco calejado, eu, Gugu, Kliz, Biriba, Laíse, Marcela, agora né, enfrentando o mercado de trabalho, querendo se destacar, mas, é muito competitivo, tem muita gente pra tudo. Então assim, é muito difícil gente, a gente conseguir se realizar na vida, por isso que eu falo, quando a gente vem pra capoeira vem de corpo e alma pra gente se entregar, pra gente pedi um pouco nas músicas, nas orações, tentar transmitir alguma energia boa e a gente vai pra casa com alguma coisa boa tá, é isso que a gente tem que buscar, sempre o caminho do bem, certo, dê valor ao professor de capoeira, dê valor à capoeira, dê valor aos companheiros, as amizades que a gente tem aqui, eu acho que isso é o mais importante né, a gente leva pra vida inteira. Ok? Valeu!”

DIÁRIO DE CAMPO

Observação referente ao dia 15/06/2015

Descrição da roda de conversa:

Professor – “Mesmo no dia que a gente não venha pro grupo é importante tá avisando tá, pelo fato do compromisso mesmo com o grupo que eu venho falando esses tempo. Apu ficou uns dias, aí todo mundo justifica né, explica qual foi a situação, fui no médico, tou estudando pra banca, tou fazendo trabalho, estudando pra prova. Então assim, as justificativas são um monte tá, aí explica, explica, mas, justificar não justifica uma falta sem avisar, eu acho que pelo menos vem avisar, tem Marta, tem eu, tem o grupo do whatsApp também, quem tem essa facilidade...”

Aluno (Garcia) – “Eu acho tem que ver assim também né Nenê, quem é que tá interessado realmente em participar do grupo e fazer as aulas, porque senão fica uma coisa assim muito ah, qualquer um vem um dia, uma vez no mês né, aí não é legal isso”.

Professor – “Exato. Esse é o objetivo então, a gente tentar é, não controlar a frequência, mas, é, ser, fazer uma forma justa de seleção tá, porque senão vai chegar próximo do evento no final do ano aí vem quarenta alunos de novo, aí todo mundo quer camiseta, todo mundo quer calça e depois fica quinze pessoas, doze, as vezes dez, tá pessoal. Então por favor, não for vim dá um jeito de avisar. A outra coisa, é, a gente tá fechando um ciclo aí de conversas, de rodas de conversa, que o objetivo, além de dá conhecimento sobre alguns fundamentos da capoeira ou alguns valores mesmo de princípios de família mesmo, de casa, de sociedade, viver como cidadãos, a gente sempre tenta trabalhar um pouco essa questão, a inclusão social, então essas rodas de conversa ela tem vários objetivos específicos, não é um só, a gente tem um eixo principal que é promover a cultura né, a manifestação cultural denominada capoeira e também trazer outros valores que eu já falei anteriormente. Então essas rodas de conversa vão servir aí de estudo pra monografia da Laíse tá, ela gravou, a gente já vinha fazendo essas rodas, mas, depois que ela começou a gravar a gente fez ela todas as aulas, pelo menos uma vez na semana a gente fez essas rodas de conversa, também tratamos de alguns temas ambientais, a mensagem de conservação do meio ambiente, serviu também essas rodas de divulgação pra solturas de filhotes e outros eventos do projeto TAMAR. Então essas rodas de conversa são, pra mim, é, até mais importante do que uma bença, uma chapa, um golpe que a gente,

mecanicamente, a gente aprende né, vai adaptando o corpo e a gente faz o movimento, mas, a gente mudar nossos valores, eu acho que isso é o mais difícil, então por isso que eu falo que essas rodas de conversa foi pra mim, foi mais importante que a educação física tá, porque além de, esse exercício que eu faço de levar a mensagem da conservação pra vocês também é uma auto avaliação minha, eu mudei alguns conceitos, outros eu repensei, reafirmei que era aquilo mesmo que eu pensava já, então assim, a gente se afirma no que a gente tá ,é, proposto a fazer, a realizar”.

Aluno (Anjos) – “Quem não senta pra aprender...”

Professor – “Não fica em pé pra ensinar. Então acho que isso muito legal, Laíse vai fazer a monografia dela, então depois do trabalho pronto Laíse, você pode vim apresentar pra gente, data show pra passar os slides. Acho que vai ser bem legal né gente? Então um axé pra todo mundo, especialmente pra Laíse. Vamos ensaiar só uma musiquinha porque se não ensaiar também no dia da roda não sai né. Antes de começar, você poderia falar um pouquinho Laíse? O título, qual o objetivo mesmo da sua monografia?

Laíse – “Hum, hum. Bom, a princípio eu iria escrever sobre comunidades quilombolas, só que daí a professora pediu pra fazer uma justificativa do porque que eu queria escolher esse tema né...”

Aluno (Anjos) – “O quê, comunidades quilombolas?”

Laíse – “Ham, ham. Aí eu tava pensando em fazer em, em, no povoado Alagamar porque lá tem estudos né, é, e eles foram considerados como uma comunidade quilombola né, descendentes de escravos, aí dentro da minha justificativa, dentro da minha justificativa, é, a professora fez a proposta de porque não eu fazer da capoeira, porque numa das minhas justificativas, que é com relação à identidade negra, que foi a partir da, não só aqui das nossas vivências, mas, o pouco que eu acompanho Nenê em outros eventos também, que as conversas elas me fizeram assim, refletir acerca dessa identidade negra né, e então foi a partir daí que decidir assim, é, será que as pessoas também, os componentes do grupo, eles sentem também, é, se as práticas da capoeira elas despertam essa, essa identidade negra ou pelo menos curiosidade de saber algo, estudar algo a mais sobre as memórias né, dos nossos antepassados, então é mais ou menos isso. Aí vou tá analisando as falas, vou tá lendo primeiro né, já estou lendo alguns autores, e vou tentar relacionar né, as falas dos autores com o que foi dito aqui.”

Aluno (Muniz) – “Boa.”

Aluno (Garcia) – “Mas, a sua monografia é avaliar se a atividade da capoeira é, se tem uma influência na construção da identidade negra?”

Laíse – “Se trata, é.”

Professor – “É, qual a contribuição da capoeira...”

Laíse – “Da capoeira na formação...”

Professor – “...para a formação da identidade da pessoa.”

Aluna (Avila) – “Mas, e aí aqui no grupo, a gente falou né sobre quilombola, vocês, Amora, você, Apu, quem sabe o que é quilombola? O que que é um quilombola.”

Aluno (Bispo) – “Rapaz, o que eu sei de quilombola é tipo uma comunidade que os negros fugiam e se, faziam tipo uma comunidade pra eles lá.”

Aluno (Garcia) – “Os negros fugidos.”

Aluna (Avila) – “E hoje ainda tem?”

Aluno (Bispo) – “Não.”

Aluna (Avila) – “Por que não?”

Aluno (Anjos) – “Tem mais só que não é com essa finalidade.”

Professor – “Remanescentes né.”

Aluna (Avila) – “É, isso. Mas as crian... Por que você acha que não tem hoje?”

Aluno (Bispo) – “Porque a escravi... no tempo da escravidão e no, rapaz!”

Aluno (Ferreira) – “Não tem necessidade de fugir né?”

Aluno (Bispo) – “É.”

Aluna (Avila) – “Isso. Que muitas vezes na concepção das crianças, o quilombola era...”

Laíse – “É isso.”

Aluna (Avila) – “...é isso que ele falou né.”

Professor – “É o quilombo né?”

Aluna (Avila) – “Os quilombos eram esses locais que você falou, então hoje pra muitas crianças não existem mais porque não tem mais a escravidão como ele falou, entendeu.”

Professor – “Certo.”

Aluna (Avila) – “Então hoje as comunidades que ela tá falando quilombola, é lá o Alagamar né Biriba, é um lugar que já foi um quilombo há muito tempo atrás, mas, hoje a gente chama de comunidade quilombola, ainda é uma comunidade.”

Aluno (Garcia) – “Não, eu acho que não é um lugar que foi um quilombo, são lugares que viveram descendentes de escravos”.

Aluna (Avila) – “É, isso. Foram descendentes...”

Professor – “É, são descendentes de escravos que não tiveram às vezes oportunidade, ficaram só com um lugar que eles viviam mesmo, olhe cê tá liberto, mas, cê não tem pra onde ir, você acaba ficando no mesmo local”.

Aluno (Garcia) – “É igual numa aldeia indígena, por exemplo hoje em dia, não tem índios, índios hoje em dia mais, mas, tem os descendentes dos índios que vivem...”

Aluna (Biriba) – “Índio genérico né?”

Aluno (Garcia) – “É”.

Aluna (Avila) – “Índios genéricos né, é”.

Láise – “E o que assim, e o que me fez pensar assim, estudar as comunidades quilombolas e escolher Alagamar, é porque assim, essas comunidades tem muito de que, ah só são declaradas comunidades só pra ganharem recursos mesmo, né. Mas, outras que realmente tiveram. E lá é, e isso é como, eu vejo assim né, na minha opinião, como uma forma dessa valorização cultural e também ele ganha esses benefícios não pra, não seria bem a palavra compensar né, mas, é...”

Professor – “... pra trazer um pouco de dignidade. Oportunidade né?”

Láise – “É, refletir acerca disso. E lá tem muitos relatos que eles, eles não, eles são considerados né, mas que eles não se auto identificam enquanto negros”.

Professor – “Tem, alguns tem é até vergonha de dizer né”.

Aluna (Biriba) – “Não, na verdade eu acho que era porque eles achavam que eram as pessoas sentiam preconceito com eles”.

Aluno (Anjos) – “Mas é preconceito mesmo”.

Láise – “Então...”

Aluno (Garcia) – “Mas eu tenho uma dúvida Láise, por exemplo, ele falou que quilombola é descendente de escravo né, só que se agente for pensar quase o Brasil todo é quilombola então, mas então, ou é, então é descendente direto que vive na mesma região que os escravos viviam né”.

Aluna (Biriba) – “Isso, porque todo mundo é”.

Professor – “Por isso que é chamado remanescente né, porque tá ressurgindo de novo”.

Aluno (Garcia) – “Porque passou por uma mistura então todo mundo tem um pouquinho de índio, todo mundo é quilombola”.

Aluna (Biriba) – “Meio índio, meio quilombola”.

Aluna (Avila) – “Em alguns locais você até consegue ter a região do quilombo como uma área de preservação ambiental, em alguns locais você tem...”

Laíse – “Lá eles tem também”.

Aluna (Avila) – “Igual aqui a Barra, aqui na Barra. Como é que o nome? Fala, me esqueci”.

Laíse – “Pontal da Ilha”.

Aluna (Avila) – “Pontal da Ilha é um remanescente de quilombola também”.

Aluno (Garcia) – “Alagoas que tem bastante”.

Professor – “Esse é o detalhe, nem todos que tão morando nesses lugares são descendentes, que tem algumas pessoas que tão se aproveitando disso. Porque o quilombola é, dentro, a sociedade acaba, que nem a Laíse falou, não é compensar, mas recebendo alguns privilégios como: direito a cotas em bolsas de universidades...”

Aluno (Garcia) – “É igual tipo a cotas de universidades estaduais”.

Professor – “É, igual existe pra pessoas de baixa renda, esse tipo de...”

Aluna (Avila) – “Uma legislação só pra isso”.

Aluno (Garcia) – “É, chega a ser como se fosse uma cota mesmo, porque as pessoas, eles foram injustiçados, escravizados, igual hoje no vestibular que tem cotas pra negros. É uma, como pode dizer, uma justiça de compensação social, pelos que os negros sofreram e que eles não tiveram tantas oportunidades igual os europeus, por exemplo, tiveram”.

Aluno (Anjos) – “Foi aprovado um projeto de lei aí. Vocês viram? Que essas cotas vão acabar em 2025”.

Aluno (Garcia) – “É, mas eu acho que tem que acabar mesmo”.

Aluna (Avila) – “É um período de compensação mesmo”.

Professor – “Eu acho que tem que dá oportunidades mesmo”.

Aluno (Garcia) – “Tem que melhorar o ensino, não tem que ter cotas”.

Laíse – “Lá em Alagamar é interessante assim, como Klis colocou é, às vezes são algumas áreas, e lá é assim, não é, eles lá, eu já cheguei a fazer visitas pra conhecer mesmo o espaço né, quando eu tava pensando em fazer lá, então lá, eles construíram, não sei se foi a prefeitura, ou foi com verbas do governo né, eles construíram um conjunto habitacional, então eles só consideram que a comunidade não é o Alagamar todo e sim só aquela parte...”

Aluna (Biriba) – “Não ali é um assentamento”.

Laíse – “Mas eles relacionam a isso, geralmente os assentamentos que recebem o nome de comunidade. `Porque ali eles invadiram né lá no, ali no Pontal da Ilha, e agora eles já estão sendo reconhecidos né, como, que de certa forma assim é uma maneira mais fácil de eles adquirirem, de eles enquanto quilombolas adquirirem os recursos”.

Aluno (Garcia) – “A gente fala, eu tenho uma pergunta Nenê, a gente fala muito assim, do preconceito racial né, só que assim, na capoeira a gente sabe que começou com os negros e teve um preconceito com as mulheres na capoeira no começo. Eu queria saber se tinha preconceito com brancos na capoeira?”

Professor – “Então, é...”

Aluno (Garcia) – “Porque hoje já é comum, mas antes não”.

Professor – “É, mestre Bimba ele é tachado, na fala de muitos autores, como uma capoeira esbranquiçada, alguma coisa assim...”

Aluno (Garcia) – “Tinha o preconceito então”.

Professor – “Porque assim, a capoeira de mestre Bimba, luta regional na época da ditadura, ele criou esse estilo, mas quem treinava eram alunos da universidade. Só que isso foi muito importante também. Entendeu? Pelo seguinte, porque que nem hoje, hoje a capoeira saiu só das rodas de folclore, só no folclore, tá nas academias. Então, o negro ele aprendeu a falar e a escrever como o branco né, ter a inteligência pra pôde debater de igual pra igual, porque até então também nunca se conseguiu discutir capoeira é, com representantes da média e alta classe, entendeu, da classe média, alta classe, por conta da ditadura”.

Aluno (Garcia) – “Mas você não respondeu a minha pergunta, você falou outra coisa”.

Professor – “Não”.

Aluno (Garcia) – “Perguntei se tinha preconceito com o branco”.

Professor – “Tinha, então, se você fala que essa capoeira essa capoeira era pra branco era um tipo de preconceito”.

Aluno (Garcia) – “Mas você tá falando pelo lado dos negros, mas eu tou falando deles com os brancos”.

Professor – “Então, os negros. Bimba criou a regional, eles não gostavam, falavam que era capoeira pra branco, pra filho de médico, aquela capoeira não era a capoeira, isso é uma forma de preconceito. Porque quem tava jogando capoeira não era os filhos dos escravos e sim os filhos dos médicos, dos doutores. Aí por isso a capoeira foi tirada do código penal, porque até então capoeira era proibida por lei. Mas a ideia era proibir a capoeira por causa de quê? Para os negros pararem de fazer arruaceiro na rua”.

Aluno (Anjos) – “Tipo assim, pra não dá um no hall pros negros né?”

Professor – “Exato! Ou também pra não fazer bagunça nas festas, no mercado”.

Aluno (Garcia) – “pra ele se por no lugar dele”.

Professor – “Mas isso é como eu tou dizendo, foi importante, porque mestre Bimba fala que a pior ignorância do negro era ele não querer estudar, não querer ser igual ao branco, que se ele quisesse ser igual ao branco a capoeira já tinha dado a volta por cima há muito tempo atrás. Só que esse fato de ter esse, ah, a capoeira é nossa também, de ficar escondida, e essa repressão que sofria, então tudo foi importante pelo processo. Mas essa repressão fez com que demorou-se muito pra capoeira chegar às classes sociais mais altas”.

Aluno (Garcia) – “Acho que a angola é mais negra, porque a angola mantém mais a tradição né do povo negro”.

Professor – “É, trás mais a cultura afro né”.

Aluno (Garcia) – “E a outra...”

Professor – “Já a regional, já é mais...”

Aluno (Garcia) – “Já é mais luta mesmo”.

Professor – “Já é mais brasileira, genuinamente brasileira”.

Aluno (Garcia) – “Uma arte marcial mesmo”.

Professor – “Mas é capoeira, fala também de princípios, dos valores. Ela se pondera da cultura do mesmo jeito que a capoeira angola. Entendeu? Então a capoeira é tudo isso gente, e a gente tem que agora, pô, esse marco aqui agora no grupo, a Laíse publicando um trabalho, a gente já teve um trabalho sobre etnografia com os meninos de Ponta dos Mangues, é, a contribuição da capoeira na inclusão social mesmo né, e agora a contribuição da capoeira para a formação de uma identidade de uma pessoa do grupo. Então eu acho que é isso que é bacana, a gente, temos pessoas diversificadas aqui, estudante de biologia, de outras áreas, temos alunos, crianças, então assim, a gente tem uma diversidade de pessoas cada uma com uma cabeça diferente, mas que tá buscando essa identidade cultural através da capoeira. Então eu não gostaria de ver aqui todos professores de capoeira, e sim um médico, um advogado, um artesão, cantor de hip hop...”

Aluno (Anjos) – “Capoeirista”.

Professor – “Capoeirista, exatamente. Então a gente tá disseminando isso. Entendeu? isso que é mais legal de tudo. Então Laíse parabéns pelo trabalho, a gente espera vê-lo publicado logo”.

Aluno (Garcia) – “Parabéns não, quero ver logo né”.

Todos do Grupo – “AXÉ!”